

Marcos Guterman

O Futebol Explica o Brasil: o Caso da Copa de 70

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em História, sob a orientação do Prof. Doutor Antonio Pedro Tota

São Paulo
Maio de 2006

Guterman, Marcos

Título: O Futebol Explica o Brasil

Subtítulo: O Caso da Copa de 70

Número de folhas: 155

Grau: Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de SP

Orientador: Antonio Pedro Tota

Palavras-chave: futebol, ditadura militar, governo Médici, identidade nacional

Banca examinadora

Dedicatória

Dedico este trabalho à minha mulher, Patrícia, por sua amorosa compreensão; a meus pais, Henrique e Rachel, por terem me ensinado a lutar; e a meus filhos, Samuel e Miguel, pela infinita inspiração.

Agradecimentos

Agradeço em primeiro lugar ao meu orientador, Antonio Pedro Tota, mestre dos mestres e meu grande amigo. Agradeço também à professora Denise Bernuzzi Sant'Anna, por acreditar em mim desde o princípio, e ao professor Fernando Abrucio, por cujas mãos este trabalho começou.

Quero agradecer também ao Banco de Dados da Folha de S. Paulo e ao Arquivo do Estado, que me prestaram inestimável ajuda; à banca de qualificação, que me deu preciosas indicações no momento certo; e ao Adriano Marangoni, um amigo que sabe ouvir.

Resumo

Esta dissertação tem como objetivo compreender as relações entre futebol, política e sociedade no Brasil, considerado por todo o mundo como o “país do futebol”.

A intenção, aqui, é ver o futebol como um dos mais importantes veículos pelos quais os brasileiros se expressam e superam suas diferenças regionais e sociais. A necessidade dessa abordagem é urgente, na medida em que esse esporte de massa -- embora mobilize todo o país, praticamente o ano inteiro, há décadas -- sempre foi tratado como tema menor pela elite acadêmica do Brasil.

O auge das relações entre futebol e política -- e, igualmente, o auge do preconceito da intelectualidade nacional em relação ao futebol -- se deu na Copa de 1970, razão pela qual esse foi o evento escolhido para este estudo.

Considerada pelo pensamento de esquerda como a prova de que o futebol serve como meio de manipulação das massas, a Copa de 1970 é também a realização de um certo ideal nacional -- que, claro, servia aos interesses da ditadura militar, mas, ao mesmo tempo, e talvez em primeiro lugar, tornou-se o ambiente de uma autêntica manifestação de regozijo pela superioridade do país em algo tão caro aos brasileiros. Essa manifestação pode ter servido ainda para extravasar sentimentos represados pelo sistema repressivo instalado no país, e as grandes comemorações pelas vitórias brasileiras, em muitos momentos, podem ter sido também oportunidades para a reocupação dos espaços públicos, seqüestrados pela ditadura.

Este trabalho se utilizou basicamente de veículos de imprensa da época para tentar reconstituir o clima de então. Embora sob censura, os jornais registraram em cores vivas todo o ambiente de crise, tensão, júbilo e manipulação criado em torno da Copa de 1970 e do projeto da ditadura de transformar o Brasil em uma potência.

Abstract

This dissertation is aimed at understanding the relations between soccer, politics and society in Brazil, viewed by the entire world as the "Country of Soccer".

The intention here is to consider soccer as one of the most important vehicles used by Brazilians to express themselves and to overcome their regional and social differences. This approach is urgent, because this mainstream sport, although it mobilizes the entire country during the most part of the year, and for the last decades, have always been treated as a minor issue by the Brazilian academic elite.

The climax of these relations between soccer and politics -- and, equally, the climax of the national intellectuals prejudice against soccer -- happened during the 70' World Cup, and that's why this event was chosen to be studied.

Viewed by the leftist thinking as the proof that soccer can be used to manipulate people, the 70' World Cup is the materialization of a certain national ideal -- which, of course, served to the dictatorship interests, but, at same time, and maybe in first place, became the environment of an authentic expression of joy because of the country's superiority in an area so esteemed by the Brazilians. This expression could have also served to overflow feelings suppressed by the repressive system settled in the country, and the huge street parties to celebrate the Brazilian victories, in many moments, can have been also opportunities to reoccupy the public places, "kidnapped" by the dictatorship.

This work was written basically using the account made by the newspapers of that time, in order to rebuild that environment. Although there was censorship, the newspapers have registered in true colors all that atmosphere of crisis, tension, joy and manipulation which was created during the 70' World Cup and because of the dictatorship project designed to transform Brazil into a powerful and united country.

Sumário

1. Introdução	9
2. Futebol: modelos teóricos e debate ideológico	16
2.1. Futebol como fator de afirmação social.....	16
2.2. Futebol como elo social.....	19
2.3. Futebol como violência ritual e drama.....	22
2.4. A paixão do futebol no Brasil.....	29
2.5. Futebol como Identidade nacional.....	33
2.5.1. Futebol arte x futebol força.....	33
2.5.2. Superioridade e inferioridade nacionais.....	37
3. O falso dilema moral da Copa de 1970.....	46
3.1. A má vontade da intelectualidade de esquerda.....	46
3.2. As diversas manipulações de um grande evento.....	53
3.3. Exploração política.....	58
4. A ditadura e a Copa de 1970: relações.....	61
4.1. Médici, um torcedor.....	61
4.2. A apropriação do futebol no discurso político.....	68
4.3. Política de união nacional pela via do futebol.....	77
4.4. O regime visto pela seleção brasileira: o caso João Saldanha.....	82
4.5 O “neo-ufanismo”	108
5. A reação dos torcedores.....	130
5.1. O efeito da televisão.....	130
5.2. A mobilização nacional.....	136
6. Conclusão.....	147
7. Bibliografia.....	150

1. Introdução

O futebol é um campo fértil para a produção de mitos e lendas na vida nacional. Esse esporte, no Brasil, tem peso equivalente ao de uma religião oficial. Diz-se que um menino brasileiro, ao nascer, recebe um nome para honrar, uma crença religiosa para seguir e um time de futebol para torcer. Ignorar qualquer uma dessas três heranças é visto como uma inominável traição. A importância do futebol, portanto, o coloca como elemento fundamental para a compreensão do mundo brasileiro, e isso obviamente inclui o campo da política.

O caso da Copa de 1970 talvez seja o melhor meio para compreender até que ponto o futebol contamina as estruturas sociais e de poder no Brasil. O tricampeonato mundial conquistado pela seleção brasileira no México freqüenta o imaginário do país de várias maneiras: para os amantes do futebol, aquela equipe representou o auge de toda a potência brasileira nesse esporte e além, isto é, mostrou que o brasileiro pode ser forte e competitivo sem abrir mão de sua graça; para alguns dos que se empenharam no combate ao regime militar e para boa parte dos intelectuais de esquerda, o triunfo e os festejos que se seguiram a ele significaram uma odiosa chancela ao arbítrio estabelecido no país pelos generais; e para o governo de Emílio Garrastazu Médici, que teve a sorte de ser o presidente do Brasil na época dessa conquista mágica, a vitória na Copa significou uma oportunidade singular para se legitimar no momento em que esmagava a oposição em busca de “união nacional” para o projeto de desenvolvimento e de poder dos militares.

A historiografia e mesmo a produção artística que relacionam a Copa de 1970 e o governo Médici geralmente destacam a “manipulação” ardilosa que o regime militar fez da conquista da seleção com o objetivo de encobrir a repressão que foi a marca da ditadura na ocasião. Como todo episódio relacionado ao futebol no Brasil, porém, este também é objeto de muitos palpites e pouca consistência documental. No caso específico da Copa de 70, sobram episódios obscuros, interpretações enviesadas e açodamento ideológico, resultando num quadro que, no limite, tira os acontecimentos do campo da história e os joga para o campo das paixões -- nada menos surpreendente, em se tratando de política e futebol.

Minha pesquisa se dedica a mostrar que, de fato, Médici escorou-se na conquista do tricampeonato no México para alimentar a retórica do Estado nacional-desenvolvimentista e justificar a repressão desenfreada àqueles que o regime classificava de “terroristas”, mas essa utilização não pode empanar outros tantos fatores em jogo, sobretudo, e antes de mais nada, a importância crucial do futebol na vida brasileira, independentemente do governante de turno. Não é possível falar desse esporte como se ele fosse uma coisa menor, extemporânea, sem conexão com uma miríade de aspectos sociais do Brasil, quase todos fundamentais para decifrar o comportamento dos brasileiros na época em que se localiza o objeto desta pesquisa. Por essa razão, a parte inicial deste trabalho se dedica a entender a paixão do futebol, desde os motivos pelos quais esse esporte se tornou um fenômeno de alcance mundial até os fatos que o tornaram uma das principais vias de manifestação social do Brasil, senão a principal. Antes de perceber o futebol meramente como instrumento político a serviço das elites para o controle das

massas, como grosseiramente esse esporte é visto segundo certo pensamento da esquerda brasileira, é preciso investigar a estrutura dessa prática esportiva, para entender sua magia particular, única, aquela que lhe confere essa ubiqüidade mundial que a distingue de todos os demais esportes de massa.

O passo seguinte é entender como um esporte de caráter planetário pode ser tão identificado com um país em particular -- o Brasil. Em meio à mitologia do futebol brasileiro, há aspectos muito reais e presentes que usualmente são ignorados nas análises apressadas sobre o tema. Nesse campo, a sociologia entra como ferramenta indispensável, antes mesmo da história, porque interessam menos os fatos esportivos e mais os mecanismos de influência do futebol na sociedade brasileira, em dois pontos cruciais: o efeito saneador de diferenças sociais e a formação da identidade nacional.

Há claramente, como veremos, dois campos opostos nesse debate. O primeiro deles defende o entendimento do futebol como um elemento agregador fundamental para um país das dimensões do Brasil. O futebol, para esses estudiosos, é um meio estratégico de superação de particularidades regionais ou de classe, muitas vezes conflitantes, atingindo-se uma uniformidade temporária. Eis a semente da identidade nacional, segundo essa visão: a partir da "trégua" nas diferenças, surgem laços comuns que podem mover um país na direção do "novo".

Nesse aspecto, a tese do futebol como "ópio do povo", tão comum quando o assunto é a Copa de 70, é vista como um obstáculo conceitual para a compreensão geral dos fatores envolvidos no debate. A capacidade mobilizadora do futebol não é tomada como um problema, mas sim como solução social, ainda que provisória,

para as diferenças classistas.

No campo dos defensores da tese do futebol como “ópio”, por outro lado, essa destruição de fronteiras sociais é encarada como mais um poderoso mecanismo alienante das massas à disposição das elites. Para esses pensadores, o futebol é “aparelho ideológico do Estado”, e a celebração da Copa foi uma manipulação grosseira da ditadura para esconder a repressão.

De acordo com essa reflexão, há somente dois elementos em questão, o manipulador e o manipulado, sem meios termos nem nuances. O relato de Alfredo Sirkis em *Os Carbonários* (1980) sobre a reação de mal-estar do grupo armado em que militava após o triunfo da seleção, conforme veremos adiante, ajuda a entender esse ponto de vista: comemorar o tri significava, em última análise, compactuar com o regime. A formação de uma identidade nacional propiciada pela celebração dos torcedores, aqui, é encarada como uma rendição involuntária ao poder das elites, protegidas pelo regime militar que ajudaram a instaurar.

Nem com o fim da ditadura essa conclusão foi seriamente contestada. Cristalizada como “verdade”, ainda que não esteja escorada em documentação séria, a idéia “impressionista” ainda freqüenta os trabalhos que mencionam a Copa de 1970, que dão destaque excessivo à idéia de manipulação pura e simples, ignorando o poder social e cultural do futebol no Brasil.

É preciso questionar, também, qual foi o papel da Copa de 70 naquele que se pode chamar de “instante mágico” do Brasil, isto é, o momento em que o país passava por um surto de crescimento econômico sem paralelo em sua história e, por essa razão, vivia a fantasia de ser potência mundial com identidade própria. O

futebol vistoso da seleção tricampeã do mundo entrou em 1970 com peso equivalente ao das obras de grande envergadura construídas pela ditadura, isto é, servia como prova da maturidade brasileira para sair do atraso atávico e ingressar no Primeiro Mundo, segundo se dizia na época.

Esse quadro parece dar razão aos que criticam o futebol como elemento de manipulação popular por parte do regime militar -- segundo essa visão, Médici fingia ser um amante do futebol como uma estratégia para identificar-se com a massa de iletrados que, alienada, apoiaria o governo ditatorial contra uma oposição desorganizada e sob censura. No entanto, salvo por uma ou outra iniciativa coordenada entre ministros e políticos governistas para explorar politicamente o futebol e exaltar a "brasilidade" de Médici como torcedor, a "manipulação" da Copa de 1970 não se deu de forma estruturada, isto é, não havia um projeto de exploração do evento esportivo por parte da ditadura. E Médici efetivamente gostava do esporte, de acordo com relatos diversos e insuspeitos, o que torna a coisa toda muito mais complexa do que o surrado rótulo da "manipulação" deixa entrever. Ignorar esse perfil "torcedor" do presidente é deixar de lado um dos aspectos mais esclarecedores da relação entre o futebol e o governo Médici, razão pela qual um dos capítulos deste trabalho se dedica especificamente a estudá-lo.

É necessário perguntar, ainda, se o movimento ufanista que se verificou na época da conquista da seleção no México, geralmente atribuído à ditadura, já não estava em gestação, faltando-lhe a ignição que a Copa evidentemente proporcionou. A mitologia de 1970 vincula ao governo slogans que haviam sido criados fora dele, como "Brasil: ame-o ou deixe-o" -- que acabou se tornando, para

todos os efeitos, o mote da ditadura. Ou seja: a conjuntura da ocasião -- a Guerra Fria, a luta armada, a retórica governista de “guerra ao terror”, a censura, o “milagre econômico” -- era muitas vezes mais determinante para a construção do clima de confronto nacionalista e patriótico que acabou por se estabelecer do que propriamente as eventuais estratégias de propaganda do governo para disseminar seus valores, como o orgulho nacional e o senso de ordem e dever. Pelo contrário, a idéia de confronto, em alguns aspectos, contrariava os objetivos “pacificadores” do governo militar. Estudar o contexto do país naquela época é, portanto, a melhor forma de entender como o futebol e a seleção brasileira tricampeã do mundo se enquadram no cenário das expectativas do governo para, digamos, “domar” o ufanismo e colocá-lo a serviço do projeto dos militares.

É importante saber, enfim, se as massas que foram às ruas festejar a vitória no México não estavam aproveitando a situação para um “desabafo” que a máquina da repressão impediria em qualquer outra circunstância – ou seja, diferentemente do que certo discurso de esquerda perpetuou, os brasileiros que festejaram a conquista de 70 talvez não estivessem tão alheios ao que se passava no Brasil de Médici.

É uma hipótese de difícil comprovação, mas as pistas disponíveis sugerem sua validade. Há relatos jornalísticos que, mesmo produzidos por veículos sob censura ou em cumplicidade com o regime, são indicativos de que houve manifestações populares que não se limitavam a festejar o tricampeonato mundial – elas talvez servissem também para reocupar o espaço público das ruas, fechado, no regime de exceção, pelos seguidos Atos Institucionais, sobretudo o AI-5, de

dezembro de 1968.

A reconstrução histórica dessa época, portanto, exige compreender, sem o véu das ideologias, de que modo uma expressão de cultura popular de grande envergadura, como o futebol, foi apropriada por um governo ditatorial e quais as respostas que esse processo desencadeou, analisando o papel de cada setor envolvido – o governo, a seleção brasileira de futebol, os torcedores, os políticos e a imprensa –, separadamente e no conjunto das relações sociais e políticas.

2. Futebol: modelos teóricos e debate ideológico

2.1 Futebol como fator de afirmação social

Os poucos estudiosos que se dedicaram a entender os efeitos do futebol sobre a sociedade brasileira e seus desdobramentos institucionais coincidem num ponto: o de que o futebol, por todos os seus significados, funciona como importante elemento de aproximação numa dada sociedade. Em oportunidades críticas, como a disputa de uma Copa do Mundo, então, essa característica é robustecida pelo caráter nacionalista e patriótico, muito útil a regimes como o militar. O futebol “é um poderoso instrumento de integração social”, através do qual “a sociedade brasileira experimenta um sentido singular de totalidade e unidade, revestindo-se de uma universalidade capaz de mobilizar e gerar paixões em milhões de pessoas”.¹

Esse esporte resolve simbolicamente as desigualdades econômicas do cotidiano, sendo, por esse motivo, o modo pelo qual uma parcela significativa dos brasileiros quebra a hierarquia a que está submetida. “Num país onde a massa popular jamais tem voz e quando fala é através de seus líderes, dentro das hierarquizações de poder, a experiência futebolística parece permitir uma real experiência de ‘horizontalização do poder’”, afirma o antropólogo Roberto DaMatta, um dos maiores estudiosos dos efeitos do futebol na sociedade brasileira. “Assim o povo vê e fala diretamente com o Brasil, sem precisar de seus clássicos

¹ HELAL, Ronaldo. *Passes e Impasses - Futebol e Cultura de Massas no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1997, p.25

intermediários, que, sistematicamente, totalizam o mundo social brasileiro para ele, e em seu nome.”²

Além de ser um mecanismo de atuação coletiva, o futebol no Brasil serve para proporcionar a sensação de vitória às classes que não conhecem outras formas de vencer em meio a um profundo desnível de oportunidades. Mas seu principal trunfo, segundo DaMatta, é proporcionar à sociedade brasileira “a experiência da igualdade e da justiça social”, porque, “produzindo um espetáculo complexo, mas governado por regras simples, que todos conhecem, o futebol reafirma que o melhor, o mais capaz e o que tem mais mérito podem efetivamente vencer”. Ou seja, ter relações privilegiadas, pertencer a uma família importante, possuir títulos acadêmicos, conhecer pessoas influentes e poderosas – elementos que garantem poder e ascensão social no Brasil – não têm nenhuma importância ou lugar dentro do campo de futebol. E DaMatta completa:

*“Nesse sentido profundo, portanto, o futebol nos dá uma potente lição de democracia, pois, vendo nosso time jogar, as leis têm de ser obedecidas por todos, são universais, são transparentes, e há um juiz que as representa no calor da disputa. Além disso fica assegurado que, diferentemente da experiência política corriqueira, as regras não podem ser mudadas nem por quem está perdendo nem por quem está ganhando. (...) No futebol, portanto, não há golpes”.*³

Mesmo eventuais desvios de conduta da parte da organização da partida não eliminam o perfil democrático do jogo, tornando o futebol o “reino da

² DAMATTA, Roberto (et. al.). *Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakothek, 1982, p. 34.

³ DAMATTA, Roberto. “Antropologia do óbvio - Notas em torno do significado social do futebol brasileiro”. In: *Revista da USP - Dossiê Futebol*. Número 22, junho/julho/agosto de 1994, p. 17

liberdade humana exercida ao ar livre”, conforme Gramsci.⁴ O pensador Florestan Fernandes vai na mesma linha:

*“Os povos elaboram sua identidade através de suas paixões ou de seu recolhimento. Às vezes, camadas ou classes sociais distintas não se sensibilizam da mesma forma. (...) No Brasil, nada conduz à loucura como o futebol. Durante pouco tempo atividade refinada, irradiou-se por toda a sociedade e tornou-se o emblema da hegemonia popular sobre a ‘cultura das elites’. Estas submeteram-se ao seu desnivelamento e construíram em torno do futebol uma arena de poder, de lucros e de mando, como atestam carreiras políticas, administrativas e financeiras. Não é por aí, todavia, que se aprende algo profundo sobre o ‘caráter nacional’. Este se evidencia no mundo dos sonhos e de ilusões que arranca o futebol. Primeiro, no conceito de arte, que lhe é aplicado como qualificação mestra. Segundo, no significado que recebe entre jogadores e nas suas relações com os torcedores. (...) Trata-se de um mundo no qual o profano, a magia e a religião se confundem e quebram a rotina da miséria, da ignorância e da opressão, ainda que por alguns instantes e graças à fantasia”.*⁵

⁴ GRAMSCI apud COSTA, Márcia Regina da (et al). *Futebol: Espetáculo do Século*. São Paulo: Musa Editora, 1999, p. 6.

⁵ FERNANDES, Florestan. “Futebol onírico”. In: *Folha de S. Paulo*, 13.jun.1994, p. 1-2.

2.2 Futebol como elo social

Todo esporte hegemônico, caso do futebol no Brasil ou do beisebol nos Estados Unidos, tende a representar a “consciência coletiva” de uma sociedade, no sentido dado por Durkheim em *Da Divisão do Trabalho Social* (1893), isto é, o fenômeno de organização primitiva sob o qual ocorre a solidariedade dita “mecânica” – os indivíduos se ligam entre si devido a um conjunto de características naturais comuns, e não por decisão pessoal. Ter um time de futebol para torcer é algo como um traço “natural” do indivíduo, como se ele tivesse nascido com essa determinação, algo semelhante às particularidades físicas e culturais que o identificam com os outros membros do mesmo grupo. Portanto, os torcedores se congregam entre si e em torno de seu time de forma automática, irrefletida, como pessoas de um mesmo núcleo familiar ou integrantes de sociedades ainda rudimentares. Dessa maneira, o esporte de massa é uma das poucas manifestações que parecem resistir à individualização e à defesa de interesses particulares como resultado da crescente complexidade social.

O futebol, no entanto, destaca-se entre os esportes hegemônicos porque dispõe de um enorme potencial de difusão. É uma prática relativamente barata, com regras fáceis e objetivos imediatamente identificáveis. Todos podem jogar. “Esse jogo simples e elegante, que não é prejudicado por normas complexas e equipamentos caros, pode ser jogado em qualquer lugar e dominou o mundo por seus próprios méritos”, escreveu Eric Hobsbawm⁶, historiador do Reino Unido – país que criou o futebol como o conhecemos e que o difundiu pelo mundo, no rastro de seu império.

Entre os torcedores, por outro lado, desenvolve-se um forte sentido de camaradagem, embora sejam na maioria estranhos uns aos outros. Conforme a

⁶ HOBBSAWM, Eric. *A Era dos Extremos*. São Paulo: Cia. das Letras, 1995, p. 197.

socióloga e brasilianista norte-americana Janet Lever, une-os a profunda afeição por uma equipe, um senso de lealdade que deve sobreviver ao desgosto da derrota e ser cultivado como a principal qualidade da torcida. Dessa maneira, o torcedor entrega-se a seu time muitas vezes como se dele, torcedor, dependesse o sucesso ou o fracasso. É um exercício de dedicação extremada.⁷

Além disso, continua Lever, desenvolve-se uma forte cumplicidade dos torcedores com os jogadores, porque a maioria dos fãs conhece o jogo e o pratica, sabendo distinguir uma façanha de uma jogada comum, um feito histórico de um evento banal. Os jogadores são vistos como parte dessa comunidade que se forma sob a bandeira de uma agremiação e devem honrar suas cores com coragem e destreza. “É como se fosse da família”, diz um torcedor citado por Lever.⁸ Uma vez negociados com outros clubes, ou caso demonstrem desinteresse pelo time, esses jogadores passam a ser tratados como traidores. Em caso exemplar relatado por Franklin Foer em *Como o Futebol Explica o Mundo*, a torcida do Estrela Vermelha de Belgrado invadiu o campo durante um treino para demonstrar violentamente sua insatisfação com alguns jogadores do time:

“Com bastões, barras de ferro e outro porretes, espancaram três de seus próprios jogadores. Depois do estrago, não se mostraram particularmente acanhados em anunciar seus feitos. Nesse caso, os hooligans [torcedores violentos] disseram claramente aos repórteres que “não podiam tolerar a falta de compromisso em campo””.⁹

Tudo somado – massa, cumplicidade, compromisso, heroísmo –, gera-se a euforia que domina o futebol e o torna um poderoso instrumento social, que está à disposição de variados interesses, dentre os quais o do Estado.

⁷ LEVER, Janet. *A Loucura do Futebol*. São Paulo: Record, 1983, p. 22

⁸ Idem, Janet. Op. cit., p. 33

⁹ FOER, Franklin. *Como o Futebol Explica o Mundo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005, p. 13

2.3 Futebol como violência ritual e drama

O esporte de massas como o futebol é elemento agregador em sociedades jovens ou em processo de transformação radical, cuja consolidação depende da superação de confrontos gerados por aquilo que o antropólogo Clifford Geertz chama de “vínculos primordiais”, incompatíveis, a priori, com as necessidades civis. Esses vínculos dizem respeito a elementos diferenciais como língua, religião e costume, muitas vezes conflitantes entre os grupos que deveriam formar o Estado e submeter-se unitariamente a ele. Para Geertz, cabe ao Estado não anular esses sentimentos, mas estimulá-los num campo de conflito controlável, e o esporte de massa é esse campo por excelência. Nessa direção, o sociólogo francês Patrick Mignon entende que o futebol é popular pela reprodução dos confrontos: “Opõe-se a todas as formas de neutralização das relações entre grupos e à crença na pacificação definitiva da sociedade. De fato, considera que a questão da relação com o outro não pode ser evitada”.¹⁰

O mesmo raciocínio está em Norbert Elias, que identifica na organização do esporte o elemento efetivo do processo de “pacificação” social. Por meio do esporte, diz o sociólogo alemão, os membros da sociedade abrem mão de resolver suas diferenças por meio da violência, aceitando as regras de uma disputa em que não haverá mortos reais, apenas simbólicos. Não é por outra razão que o esporte, particularmente o futebol, é repleto de expressões belicosas: fazer o gol da vitória é “matar o jogo”, chutar diante do goleiro é “fuzilar”, chutar forte é dar um “tiro”, um jogo decisivo vira “guerra”.

A chave da teoria de Elias que desvenda o drama do futebol é sua explicação para a origem do prazer do jogo, que se processa embora a partida se dê sob regras estritas. Segundo ele, o esporte como o conhecemos foi uma invenção inglesa cujo desenvolvimento coincidiu com o fim da guerra civil de meados do século XVII. A cessação das hostilidades reduziu drasticamente a fonte de excitação que a luta representava, estimulando a busca de novos mecanismos desse prazer, digamos,

¹⁰ MIGNON, Patrick. *La Passion du Football*. Paris: Odile Jacob, 1998, p. 29.

primitivo. Assim, os esportes ganham regras e um sentido de organização cujo objetivo é exatamente estender, no tempo, a sensação de combate.

Elias cita a caça à raposa como exemplo dessa mudança. O esporte “civilizou-se” ao proibir que os caçadores matassem a raposa – um aparente contrasenso. De acordo com as novas regras, só os cães poderia dar cabo das raposas, e isso depois da superação de muitos obstáculos: “Matar raposas era fácil. Todas as regras da caça estavam pensadas para torná-lo menos fácil, para prolongar a luta, adiar a vitória por um momento – não que se considerasse imoral ou injusto de algum modo matar as raposas, mas porque a excitação da própria caçada se convertera na principal fonte de gozo para os caçadores”.¹¹

Ao circunscrever a emoção da guerra ao ambiente do esporte, os ingleses semearam o campo do controle social. À monotonia da vida crescentemente regulamentada das grandes aglomerações urbanas, o esporte oferecia como contraponto a chance de mimetizar o ambiente do confronto sem os riscos físicos a ele inerentes. Como escreve Elias:

As condições que propiciavam a emoção forte, sobretudo a emoção socialmente compartilhada que poderia levar à perda do autocontrole, se fizeram então mais raras e menos toleráveis do ponto de vista social. O problema estava em como dar aos indivíduos a oportunidade de experimentar plenamente a excitação agradável que parece ser uma das necessidades mais elementares dos seres humanos sem os consequentes perigos sociais e pessoais para os outros ou para si mesmos (...). Na Inglaterra, uma das soluções (...) foi o surgimento de uns passatempos sob a forma que conhecemos como ‘esporte’. Nesse aspecto, foi tremendamente significativa a mudança ocorrida ao passar do interesse pela vitória ao interesse maior ainda na prolongada emoção primitiva da luta. Depois, essa mudança

¹¹ ELIAS, Norbert. DUNNING, Eric. *Deporte e Ocio em eu Proceso de la Civilización*. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1992, p. 204

*encontrou expressão na famosa ética esportiva segundo a qual o importante não era ganhar, mas participar.*¹²

Elias demonstra que, nesse particular, o futebol é o esporte da luta por excelência. O contato físico sempre iminente satisfaz a necessidade de confronto; as estratégias e táticas são decisivas para a vitória; a capacidade individual de enganar o adversário com destreza e conquistar feitos aparentemente impossíveis a mortais comuns dá o caráter heróico ao atleta. Tudo isso, porém, é encontrado em outros esportes, como o rúgbi. A diferença, no futebol, é a duração do drama.

As 17 regras do futebol, cujo estabelecimento começou em Cambridge em 1863 e se estendeu até 1938, existem para dificultar ao máximo a marcação de um gol, pois privilegiam a defesa – a regra do impedimento, em que um atacante não pode receber a bola de um companheiro que esteja mais atrás se entre esse atacante e a linha de fundo do campo adversário não houver ao menos dois defensores do time oposto, é o exemplo clássico dessa intenção; além disso, o goleiro, principal responsável por impedir gols, é o único jogador que pode pegar a bola com as mãos e também é protegido por regras específicas, que impedem os atacantes de tocá-lo próximo ao gol. Quanto mais trabalhoso for executar um tento, mais interessante se torna a disputa, como percebeu o crítico de teatro Décio de Almeida Prado:

Surpreende à primeira vista – ou surpreenderia, se já não tivéssemos tão acostumados – a disparidade existente entre a enorme extensão do campo, mais de sete mil metros quadrados em condições ideais, e a relativa exigüidade do gol. Parece muito campo para pouco gol, como se a intenção de quem regulamentou o jogo fosse dificultar ao máximo

¹² Op. cit., p. 212

a obtenção de pontos. (...) O desafio próprio do futebol, sua marca distintiva, a sua singularidade, está em que nele se permite o uso de todas as partes do corpo, exceto as mais eficientes do ponto de vista físico. Aprender a jogar futebol é aprender a controlar a bola sem o auxílio das mãos, daquilo que, contrapondo o homem às demais espécies animais, constitui sua força e sua destreza. (...) Ora, o futebol abre uma exceção a esse princípio fundador, a essa regra geral. Ao jogador incumbido de defender o gol, em derradeira instância, concede-se o privilégio, e unicamente a ele, de empregar braços e mãos, conferindo-lhe uma vantagem quase desleal. Entre vinte homens manietados (por assim dizer), só os dois goleiros têm as mãos livres para agir. (...) A missão da defesa é comparativamente mais simples. Basta, como último recurso, despachar a bola para onde for, para os lados, para a linha de fundo (...) e até para cima: como observou o filósofo do futebol Neném Prancha, pelo menos enquanto a bola sobe e desce não acontece gol algum. (...) Agora já é possível descrever a espécie de emoção causada pelo futebol. (...) O gol surge aos olhos do público como uma tal conquista que muitos narradores não hesitam em insinuar uma mal disfarçada similaridade com o orgasmo: “Rompeu-se o véu da noiva” (...), “a gordinha já está na rede” e outras formas, mais imaginosas ou mais grosseiras, de sugerir sexo implícito. Dentro dessa perspectiva, conclui-se que dois ou três gols por partida já está bem, muito bem, sendo impensável transferir para o terreno amoroso as fabulosas contagens do bola-ao-cesto. A emoção, menos freqüente, é mais intensa.¹³

Ao contrário do que acontece em outros esportes, portanto, um jogo de futebol em que uma equipe faça muitos gols tem grandes chances de ser considerado monótono: mostra que um time é muito superior ao outro, o que anula a sensação de guerra. Já um jogo que termine sem que nenhum time tenha marcado um gol pode vir a ser chamado de “épico”.

Além do efeito das regras sobre o jogo, o futebol apresenta uma enorme variedade de acontecimentos possíveis. A grande jogada pode se dar bem longe do gol, executada pelo conjunto do time ou pela genialidade do indivíduo e sem que se

¹³ PRADO, Décio de Almeida. “Tempo (e espaço) no futebol”. In: *Revista da USP - Dossiê Futebol*. Número 22, junho/julho/agosto de 1994, p. 20-21

volte necessariamente para a marcação do tento. E não há um momento predeterminado para que essa jogada ocorra: o jogo “surpreende” a platéia constantemente. Entre uma surpresa e outra, há intervalos (grandes ou pequenos) em que nada ocorre – mas a perspectiva de que algo “aconteça” a qualquer momento eletriza as arquibancadas durante os 90 minutos do jogo, conferindo a esse esporte toda sorte de especulações e tramas. Conforme comenta o crítico de literatura José Miguel Wisnik: “Isto é o que dá a ele [o futebol] aquelas flutuações fabulares e literárias, se quisermos, e pensarmos que ele admite variações épicas, líricas, paródicas, carnavalizações, momentos dramáticos... que são instâncias que aparecem e desaparecem, concentradas e distendidas numa temporalidade complexa que pode fazer de uma partida, às vezes, uma verdadeira sinfonia de Mahler”.¹⁴

Essa característica surpreendente do futebol é muito dependente da figura do “craque”, o sujeito cuja capacidade de reinventar o jogo está muito acima da dos demais atletas. Embora seja um exercício de conjunto, o futebol precisa desse jogador “mágico” para superar seus constantes dilemas. A composição entre destreza individual e estratégias coletivas terá um papel essencial no sucesso do jogo em uma sociedade altamente hierarquizada como a brasileira, como veremos mais adiante. Agora, importa saber que a existência do “craque” remete o jogo de futebol ao campo do espontâneo, do não-planejado, do impulso passional e artístico, da criação de algo onde antes havia somente o nada, ou apenas a expectativa. “Talvez seja apenas para vê-los que tanta gente vai ao estádio”, escreveu Décio de Almeida Prado. “Por entre milhares de jogadas conhecidas, óbvias, há sempre a esperança de presenciar um desses lampejos que recompensam o público de sua longa espera. É que nesses pequenos milagres de lucidez, de coordenação integral entre espírito e corpo, o futebol revela a sua mais alta natureza, também de ‘cosa mentale’, como Leonardo da Vinci desejava que fosse a pintura”.¹⁵

¹⁴ BOLLE, Willi (org.). “Estética do futebol: Brasil x Alemanha”. In: *Pandemonium Germanicum - Revista de Estudos Germânicos*. Número 2. São Paulo: Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo - Área de Alemão, 1998, p. 97

¹⁵ PRADO, Décio de Almeida. Op. cit., p. 26

“Esse movimento contínuo”, sugere Hans Ulrich Gumbrecht, professor do Departamento de Literatura Comparada da Universidade Stanford (Califórnia), “implica um desafio contínuo. Em cada momento, há um desafio, não há um momento em que o jogador poderia falar extensamente com o técnico. É interessante observar que há menos protagonismo no futebol americano [parente do rúgbi]; alguém como um Pelé ou um Ronaldinho, creio que seria quase impensável.”¹⁶ Diante do “craque”, o controle do jogo por parte dos chamados técnicos de futebol é muito menos provável. A fluidez se traduz naquilo que Gumbrecht chama de “complementaridade de intenções” entre dois ou mais jogadores com o objetivo de chegar ao gol. “Se dizemos que dois jogadores ‘se entendem cegamente’, como Bebeto e Romário no campeonato mundial de 1994, isso é uma coisa não-planificada, acontece espontaneamente.”¹⁷

¹⁶ BOLLE, Willi (org.). Op. cit., p. 83

¹⁷ Idem. Op. cit., p. 84.

2.4 A paixão do futebol no Brasil

Explica-se assim, em termos genéricos, por que razão o futebol tornou-se o esporte apaixonante que se pratica hoje em praticamente todo o mundo. As teorias, porém, não são suficientes para entender o fenômeno do futebol no Brasil. A idéia de Hobsbawm já abordada neste capítulo, segundo a qual esse esporte é barato e fácil de jogar, pode ser um bom começo. Em texto emocionado sobre seu amor pelo futebol, o escritor indo-britânico Salman Rushdie aceita esse argumento e vai um pouco mais longe, ao afirmar que o bom desempenho no futebol está diretamente relacionado com a origem de seus atletas: se ricos e bem-educados, tenderão a ser ruins; se pobres e marginalizados, tenderão a ser craques. Para provar, comenta o desempenho negativo da seleção dos Estados Unidos na Copa do Mundo de 1998, na França, em que a equipe americana foi eliminada na primeira fase, tendo perdido os três jogos que disputou, inclusive para o fraquíssimo Irã (2 a 1):

“As más atuações dos Estados Unidos poderiam ser explicadas, em parte, pelo fato de que o time parecia formado só por alunos de faculdade. O futebol não é um esporte de universidade. É um jogo do povo, praticado com latas velhas em ruas da periferia de cidades do Brasil. Se os Estados Unidos quiserem ter um time de futebol de primeira grandeza, precisam parar de olhar só para as universidades (...) e voltar-se para o coração das minorias – minorias que podiam ser vistas se amontoando em torno dos aparelhos de TV, a compartilhar a excitação com o resto do mundo pelo maior torneio do assim chamado ‘Jogo

Bonito' [Beautiful Game]".¹⁸

Hobsbawm e Rushdie sintetizam a visão do estrangeiro acerca das qualidades do Brasil: por serem aparentemente inexplicáveis, só podem ser entendidas por meio de certas imagens que se baseiam em modelos de conhecimento construídos apenas a partir de um relance, sem a profundidade necessária para a real dimensão do objeto. Segundo essa perspectiva, o sucesso do futebol no Brasil só pode se dever ao fato de que o Brasil é um país pobre, donde brotam talentos humanos capazes de realizar muitas façanhas com o corpo e dotados de esperteza suficiente para iludir seus adversários. Aqui, novamente, temos uma boa explicação, mas ela continua a não bastar. Afinal, países pobres como o Brasil os há em grande quantidade no mundo, mas apenas o Brasil conseguiu ser cinco vezes campeão do mundo e é notório construtor de craques que encantam o mundo inteiro. Onde está, afinal, a diferença?

Para certo tipo de pensamento, é tentador atribuir as qualidades mágicas e acrobáticas dos brasileiros no campo de futebol ao fato de haver mais jogadores negros por aqui. Do ponto de vista científico, essa idéia não encontra respaldo na realidade -- e, além do mais, é perigosa. Jocimar Daolio, professor doutor da Faculdade de Educação Física da Unicamp, descarta o caráter biológico: dizer que o futebol se popularizou por ser um esporte jogado com os pés, coisa que negros, majoritários na população, saberiam "naturalmente" fazer bem, é apostar num certo "gene" do futebol, o que beira o racismo -- afinal, se há um gene para jogar

¹⁸ RUSHDIE, Salman. "O jogo do povo". In: CARRANO, Paulo Cesar R. (org.). *Futebol: Paixão e Política*> Rio de Janeiro: DP&A, 2000, p. 140.

futebol, há outro para ser inteligente. Daolio também descarta a tese funcionalista, segundo a qual o futebol é muito fácil de jogar -- outros esportes também são fáceis e não se tornaram populares no Brasil. Finalmente, Daolio argumenta:

*“Sem entrarmos no mérito das duas teorias citadas, parece ter havido uma combinação entre o código de futebol e o contexto cultural brasileiro. Em outros termos, o futebol demandaria um estilo de jogo, uma experiência técnica, uma eficácia e uma eficiência que se adequaram às características culturais do povo brasileiro. Assim, o novo esporte que chegava da Inglaterra não oferecia apenas momentos lúdicos de lazer a seus participantes, mas permitia, principalmente, a vivência de uma série de situações e emoções típicas do homem brasileiro. (...) O futebol seria, ao mesmo tempo, um modelo da sociedade brasileira e um exemplo para ela se apresentar. (...) O homem brasileiro comportar-se-ia na vida como num jogo de futebol. (...) Poderíamos supor que essa característica do futebol brasileiro deve-se à própria forma do homem brasileiro dispor-se no mundo, conciliando e tirando vantagem da expressão individual sobre um plano coletivo”.*¹⁹

Como abordei no início deste capítulo, o futebol funciona no Brasil como importante elemento de ruptura da sólida hierarquização social. Aliado a isso, esse esporte representa a materialização de um traço cultural crescentemente vitorioso e competente em meio a tantas derrotas. O futebol é, finalmente, o local da vitória dentro do respeito mais ou menos generalizado às regras, o que o torna ainda mais importante para o orgulho nacional. Por meio do futebol, o brasileiro médio se encontra, identificando ali um estilo efetivamente “brasileiro”, indistinguível em outras áreas, dominadas por elementos externos. “O futebol, portanto, permite descobrir a nossa ‘alma’ e o nosso ‘coração’ de modo positivo, como uma

¹⁹ DAOLIO, Jocimar. “As contradições do futebol brasileiro”. In: CARRANO, Paulo César R. (org.). *Futebol: Paixão e Política*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000, p. 33 a 39.

coletividade que pode, sabe e faz muito bem as coisas. Somente isso justifica a imensa popularidade desse jogo entre nós”, diz DaMatta.²⁰

²⁰ DAMATTA, Roberto (et. al.) *Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakothke, 1982, p. 15.

2.5 Futebol como Identidade nacional

2.5.1 Futebol arte x futebol força

Há, portanto, dois elementos fundamentais no que diz respeito ao efeito social do esporte de massa: ele alimenta a solidariedade entre torcedores de um clube e a hostilidade em relação aos clubes rivais, porque representam, cada clube, um “modo de ser” que os distingue dos demais. Na Escócia, por exemplo, há uma rivalidade histórica entre o Glasgow Rangers e o Celtic que só pode ser explicada se os times forem entendidos como repositório de tradições religiosas e tribais. O Glasgow é o time dos protestantes, e o Celtic, dos católicos, “numa luta pendente em torno da Reforma Protestante”, segundo Foer.²¹ E logo em Glasgow, cidade que, como diz esse estudioso americano, “já deveria ter superado o antigo tribalismo”,²² por conta da influência crescente da globalização.

Há outros exemplos de identidade, como o do Estrela Vermelha de Belgrado como símbolo do nacionalismo sérvio e o do Barcelona como o time da esquerda espanhola, bastião da resistência ao ditador Francisco Franco - enquanto seu principal rival, o Real Madrid, era o time do generalíssimo. Isso significa que, por mais que avance a pulverização das fronteiras culturais, os times de futebol ainda resistem como orgulhosos representantes de alguma coisa: uma religião, uma idéia, um conceito.

No nível nacional, que é o que particularmente nos interessa aqui, essa

²¹ FOER, Franklin. Op. cit., p. 39.

²² Idem, *ibidem*.

hostilidade entre torcedores de clubes rivais e essa defesa da honra pelas cores locais simplesmente desaparece, ou é amortecida, para dar lugar à solidariedade “nacional” pela seleção do país. No momento em que a seleção nacional entra em campo, coisas abstratas como “país” e “povo” passam a ser experimentadas como “algo visível, concreto, determinado”, conforme DaMatta.²³ A hostilidade transfere-se, então, para fora das fronteiras, reproduzindo disputas mundiais em competições internacionais. A Copa do Mundo é, por excelência, o campo da realização desse confronto entre nacionalidades. A seleção nacional não é apenas uma equipe em busca de um título. É, antes de tudo, a representação de uma identidade.

O perfil do futebol brasileiro – e, por conseguinte, o perfil do país – foi objeto de acaloradas discussões nos meios intelectuais desde pelo menos a primeira metade do século XX. Há um indisfarçável orgulho pelo estilo de jogo “antieuropéu”, “brasileiro”, mas o esforço é na direção de dar certa unidade cultural a um país tão díspare, conforme indica Gilberto Freyre, já em 1938:

“O nosso estilo de jogar futebol me parece contrastar com o dos europeus por um conjunto de qualidades de surpresa, de manha, de astúcia, de ligeireza e, ao mesmo tempo, de brilho e de espontaneidade individual em que se exprime o mesmo mulatismo de que Nilo Peçanha foi até hoje a melhor afirmação na arte política. Os nossos passes, os nossos pitus, os nossos despistamentos, os nossos floreios com a bola, o alguma coisa de dança e de capoeiragem que marca o estilo brasileiro de jogar futebol, que arredonda e às vezes adoça o jogo inventado pelos ingleses e por eles e por outros europeus jogado tão angulosamente,

²³ DAMATTA, Roberto (et. al.). *Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakothek, 1982, p. 34.

*tudo isso parece exprimir de modo interessantíssimo para os psicólogos e os sociólogos o mulatismo flamboyant e, ao mesmo tempo, malandro que está hoje em tudo que é afirmação verdadeira do Brasil”.*²⁴

Mais de 30 anos depois, durante a Copa de 1970, a imprensa nacional aceitava como um dogma essa particularidade do futebol brasileiro em relação ao que era praticado no resto do mundo. Após a vitória do Brasil sobre a Tchecoslováquia por 4 a 1, na primeira partida da seleção na Copa, em 3 de junho, *O Estado de S. Paulo* observou que “a vitória da seleção brasileira representou algo mais: foi a vitória de um estilo de jogo sobre outro completamente diferente”.²⁵ Analistas brasileiros contemporâneos dedicam-se extensivamente a esse debate, como se disso dependesse a resolução dos impasses nacionais.

O “verdadeiro futebol brasileiro” aparece segundo as características primárias dessa entidade chamada “o brasileiro”, seja lá o que isso signifique. Mas o fato é que, mesmo sem compreender inteiramente a natureza daquilo que defendem, os amantes do chamado “futebol-arte” o vinculam ao “autêntico” traço de brasilidade, como se não fôssemos capazes de sermos eficientes tecnicamente, como os europeus, apenas instintivamente, como os artistas africanos.

Em artigo significativo para o jornal *Movimento* às vésperas da Copa de 1982 -- aquela em que o futebol-arte do Brasil seria derrotado pelo futebol-força da Itália, em memorável tragédia --, o jornalista Mauricio Azedo vincula diretamente o

²⁴ Trecho de artigo para o *Diário de Pernambuco* citado em FRANZINI, Fábio, “No campo das idéias: Gilberto Freyre e a invenção da brasilidade futebolística”. Disponível na internet via WWW. URL: <http://www.efdeportes.com/efd26^a/gfreyre.htm>. Capturado em 20 de abril de 2003.

²⁵ *O Estado de S. Paulo*, 4.jun.1970, p.25.

abandono do lirismo do esporte em favor da técnica como resultado do regime militar, pois cita Zagalo, o técnico campeão com a seleção em 1970, como o maior exemplo desse estilo de jogo -- e, portanto, dessa estratégia como nação:

“Esse declínio [do futebol-arte] esteve associado ao cacoete nacional -- expressão na área do futebol da ideologia da colonização que domina os outros campos da vida do país -- de se prostrar de cócoras diante do modelo estrangeiro, que levou o futebol brasileiro a abdicar de sua originalidade para tentar assimilar o padrão externo, pela suposição de que só assim poderia enfrentar o crescente poderio das seleções da Europa”. (...) Sob a batuta de Zagalo, um técnico bem comportado, a seleção consagrou uma doutrina defensivista, que renegava o futebol-arte típico do Brasil para consagrar esquemas em que o importante não é fazer gol -- o principal objetivo do jogo --, e sim não tomá-lo.²⁶

²⁶ *Movimento*, 12 a 18.jan.1981, p. 5.

2.5.2. Superioridade e inferioridade nacionais

Assim, quando jogam seleções de países distintos, confrontam-se modos de ser, características singulares, capacidades técnicas, histórias. O vencedor é considerado “superior” ao derrotado, não apenas no sentido esportivo. O que a história registrará é o triunfo épico de uma civilização sobre outra, e mesmo seus erros evidentes serão transformados em marca identitária da qual é quase um dever se orgulhar. “A pátria é a seleção nacional de futebol”, escreveu o romancista franco-argelino Albert Camus (que jogava como goleiro). E a seleção, por outro lado, é a “pátria em chuteiras”, na memorável descrição do dramaturgo Nelson Rodrigues.

O futebol é, dessa maneira, o campo da “magia do nacionalismo”, que “converte o azar em destino e torna possível a transcendência comunitária do indivíduo”, como o classificou o estudioso costa-riquenho Sérgio Villena Fiengo, ao comentar o furor nacional com a participação da seleção de seu país na Copa da Itália, em 1990:

“Ainda que todos os ‘cidadãos dignos e amantes de sua pátria’ sejam compelidos a colocar bem alto o nome da Costa Rica, seja no papel de cidadãos comuns ou de representantes nacionais, os jogadores selecionados são os eleitos para conduzir seu povo à glória e para redimi-lo de seus fracassos. Esse discurso messiânico dá aos jogadores a grande responsabilidade de representar a comunidade e de dar tudo por ela, de assinalar o rumo da nação. Seu triunfo é de todos. Seu fracasso também, ainda que sempre se busquem bodes

expiatórios".²⁷

Para países de menor projeção internacional, sobretudo na periferia do mundo, o futebol funciona como um veículo de aspirações à grandeza geopolítica. O caso da Costa Rica, como foi descrito acima, é emblemático dessa utilidade do esporte, mas talvez um dos exemplos mais significativos da transformação do futebol em meio de afirmação perante o mundo seja o do Uruguai. País que sempre esteve à mercê de interesses imperialistas das potências sul-americanas no século XIX e que, por essa razão, manteve seu destino atrelado ao desses gigantes regionais no século XX, agarra-se como pode à lembrança da glória da conquista do Mundial de 1950, em pleno Maracanã.

A vitória sobre o Brasil, tido como favorito absoluto à taça, representava exatamente a consagração de uma nação que se via diminuída diante dos vizinhos, entre os quais o poderoso adversário daquela tarde de 16 de julho de 1950. Conforme o escritor uruguaio Eduardo Galeano:

"No nosso caso, há que se ter em conta que foi o futebol que pôs no mapa do mundo, lá por volta dos anos 20, este pequeno país (...). Os uruguaiois encontraram no futebol um meio de projeção internacional e uma certeza de identidade: ainda hoje, sobrevivem com mais vigor na nostalgia do que na realidade, mas restou o costume. O futebol continua sendo uma religião nacional e, a cada domingo, esperamos que nos ofereça um milagre. A memória coletiva vive consagrada às liturgias do Maracanã: o feito heróico vai cumprir meio século [o autor escreve em 1998], e o recordamos nos mínimos detalhes, como se tivesse ocorrido na

²⁷ FIENGO, Sergio Villena. "Imaginando la nación a través del fútbol: el discurso de la prensa costarricense sobre 'la hazaña mundialista' de Italia 90". In: ALABARCES, Pablo. *Peligro de Gol - Estudios sobre Deporte e Sociedad em America Latina*. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (Clacso), 2000, p. 153-154.

*semana passada, e à sua ressurreição encomendamos nossas almas.*²⁸

Por outro lado, no campo do derrotado, a identidade nacional fere-se de morte: abundam questionamentos, mergulha-se em uma crise na qual mesmo as virtudes de um país são transformadas em razões de sua inferioridade, como aconteceu no Brasil após a tragédia em 1950. “A derrota para o Uruguai foi tomada como uma metáfora para as ‘derrotas’ da própria sociedade brasileira, sempre submetida às forças impessoais do destino”, conforme explica DaMatta.²⁹ Isto é: para aquela geração, o Brasil seria sempre derrotado, mesmo que tivesse um time melhor do que o do adversário, porque era um país inferior.

Essa conclusão estava diretamente relacionada ao fato de a seleção ter negros. Um dos principais jogadores negros do time, o goleiro Barbosa, foi particularmente responsabilizado pelo fracasso, o que ajudou a consolidar a idéia de que os negros não tinham a fibra necessária para fazer da seleção uma equipe vencedora. Conforme Mário Filho, no clássico *O Negro no Futebol Brasileiro*: “Apareceu Barbosa, realmente um grande quíper [goleiro], grande tremedor porém. Tremeu tanto num jogo contra os argentinos em 1945 que teve de mudar o calção quando acabou o primeiro tempo”.³⁰ Essa inferioridade atávica impediria também o Brasil de levar adiante projetos de grandeza.

A partir da conquista em 1958, a imagem desprezível do país seria radicalmente alterada, e seu maior símbolo seria o do negro Pelé. A marchinha que

²⁸ GALEANO, Eduardo. “Depois do Mundial: futebol em pedacinhos”. In: CARRANO, Paulo Cesar R. (org.). *Futebol: Paixão e Política*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

²⁹ DAMATTA, Roberto (et. al.). *Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982, p. 32.

³⁰ FILHO, Mário. *O Negro no Futebol Brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 1994, p. 193

celebrou a vitória na Copa da Suécia, naquele ano, traduz uma nova maneira de ver o Brasil, um país forte e superior em relação aos demais, no “estrangeiro” -- e o futebol era o veículo essencial da mudança de atitude:

Gol!
A taça do mundo é nossa!
Com brasileiro não há quem possa!
Êta esquadrão de ouro!
É bom no samba, é bom no couro!
O brasileiro lá no estrangeiro
Mostrou o futebol como é que é...
Ganhou a taça do mundo
Sambando com a bola no pé!

No México, a transformação da personalidade brasileira atinge seu zênite.

Conforme argumenta DaMatta:

*“Dentro desse quadro cultural, onde o destino ocupa um lugar tão importante, pode-se entender a conquista do tricampeonato mundial, em 1970, como uma espécie de vingança nacional. Um momento único, em que toda uma sociedade podia, finalmente, experimentar a vitória contra essas forças impessoais que sempre a colocaram no fundo do poço. Simultaneamente com esse processo, veio uma redefinição do valor da ‘raça’, sobretudo da ‘raça negra’, como fundamentalmente positiva”.*³¹

³¹ DAMATTA, Roberto (et. al.). *Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982, p. 33 e 34.

Mas o mesmo país que pode celebrar o “jeitinho” e a malandragem, como faz o Brasil desde então, é capaz de considerá-los pivôs de seus problemas – tudo vai depender do resultado do jogo, conforme atesta a historiadora Fátima Antunes:

*“No Brasil, costuma-se avaliar a sociedade e suas instituições pelo desempenho da seleção, sobretudo em épocas de Copa do Mundo, quando o que se tem, de fato, são nações reunidas num confronto no âmbito do esporte. Se a seleção vai bem, há mais otimismo e tende-se a valorizar o potencial do povo brasileiro, sintetizado na imagem do herói pleno de atributos que se convencionou reconhecer como tipicamente nacionais. Se, ao contrário, sobrevém uma derrota, os valores anteriormente exaltados são então interpretados como contendo os germes do insucesso”.*³²

Um caso bastante significativo dessa ambigüidade ocorreu na disputa do torneio pré-olímpico de futebol em 2004. A seleção brasileira, formada por jogadores com menos de 23 anos, era considerada a “geração de ouro” do futebol nacional, materializada nas estrelas Robinho e Diego, os principais atletas do Santos, que fora campeão brasileiro dois anos antes. Fora do campo, no Chile, onde o campeonato foi disputado, ambos os craques fizeram o que deles se esperava, isto é, muitas brincadeiras – algumas bastante constrangedoras, como quando Robinho abaixou o calção de Diego quando este dava entrevista cercado de fotógrafos; a imagem correu o mundo como exemplo da descontração brasileira. Dentro do campo, porém, houve um retumbante fiasco: o Brasil foi eliminado pelo Paraguai e deixou escapar a classificação à Olimpíada na Grécia. A reação não tardou – e foi violenta. “Foi muito oba-oba e salto alto. Que isto [a eliminação] sirva de lição. (...) Foi muita brincadeira e pouca seriedade”, disparou o coordenador da seleção brasileira principal, Mário Jorge Lobo Zagallo.³³ O técnico da seleção principal, Carlos Alberto Parreira, também expressou seu descontentamento – e revelou o quanto o discurso sobre a “molecagem” do futebol brasileiro, que lhe serve de marca, pode ser negativo quando o placar é adverso: “Houve um descontrole muito

³² ANTUNES, Fátima M. R. F. *Com Brasileiro Não Há Quem Possa!* São Paulo: Editora Unesp, 2004, p. 277

³³ *Folha de S. Paulo*, 27.jan.2004, p. D1

grande. Em nenhum momento o Brasil foi uma equipe. (...) O resultado foi uma demonstração de que talento não basta. Eles são ótimos jogadores, mas tem de existir um excelente trabalho de grupo”.³⁴

Em poucas palavras, Zagallo e Parreira, que estiveram no comando da seleção tricampeã do mundo, refizeram a ponte entre o presente tempo e a Copa de 70: a vitória no México foi atribuída pela imprensa da época, em grande parte, à disciplina. Mas o que nos interessa aqui, por ora, é que o futebol parece capaz de traduzir os dilemas nacionais, para o bem ou para o mal – o que, em última análise, cria uma sensação de unidade: todos discutem o futebol e o destino da seleção como se tivessem de decidir por este ou aquele projeto de país.

A seleção de 1970 é particularmente importante para compreender esse processo. Ela se localiza numa época de mudanças no país, que crescia vigorosamente e anunciava um projeto de transformação em potência que acabou não se realizando, por razões que este trabalho não pretende discutir. O fato é que o triunfo no México colocou em xeque muitas convicções acerca do futebol brasileiro e, portanto, a respeito do próprio modo de ser brasileiro. Discutiui-se, na época, se o Brasil devia manter seu estilo de jogo irresponsável ou se devia aderir aos esquemas sólidos dos europeus – em outras palavras: se devia continuar na menoridade, divertindo-se, ou se devia abdicar de certos traços culturais e embarcar num projeto de potência que não dava lugar a improvisações nem à oposição. Mesmo os jogadores da seleção brasileira de 1970 entraram no debate. Em um artigo intitulado “Futebol bonito é secundário”, um mês antes da Copa, Carlos Alberto Torres, lateral direito e capitão da equipe, argumentava:

³⁴ Idem, *ibidem*.

*“Quanto ao nosso time, eu gostaria de fazer uma análise que entra em choque com a opinião de muitos comentaristas: para mim, o importante é ganhar; jogar bem, dar espetáculo com um futebol bonito, tudo isso é secundário”.*³⁵

Carlos Alberto falava em meio a uma imensa pressão sobre a seleção, pressão essa que vinha de vários setores, e sua argumentação se justifica diante disso. Mas, depois da Copa e do triunfo, ficou claro, segundo os comentaristas da época, que a conquista no México só se deu porque a improvisação brasileira foi domada em favor de um plano maior, isto é, a vitória. Curiosamente, a fase de preparação para a Copa havia sido muito tumultuada, inclusive com uma troca de técnico às vésperas do início da competição. Na época, a imprensa previa um retumbante fiasco no México por conta dos desacertos envolvendo a seleção. Mas a conquista alterou drasticamente esse diagnóstico sobre o Brasil.

O preparador físico da seleção na época, Admildo Chirol, disse que “não foi só o preparo físico e técnico, mas o comportamento disciplinar perfeito – horários e programas a cumprir com a máxima seriedade – que pesou muito para o desempenho dos jogadores”.³⁶ Chirol vinha defendendo essas idéias desde o fracasso de 1966, quando o Brasil foi eliminado da Copa da Inglaterra. Assim, havia no ar a sensação de que à seleção brasileira faltava a compostura e a agressividade coordenada dos europeus. Não foi necessário muito esforço para que, diante da incontestável vitória no México, tal fórmula fosse aplicada às demais áreas da vida

³⁵ *O Estado de S. Paulo*, 12.jun.1970, p. 19.

³⁶ *O Estado de S. Paulo*, 24.jun.1970, p. 16

nacional pela elite. Fernando Pedreira, no jornal *O Estado de S. Paulo* sobre o sucesso brasileiro na Copa, comentava:

*“Mais do que qualquer outro país, o futebol é, entre nós, uma profunda paixão nacional. (...) Já não somos apenas o país do Carnaval, de que falava Jorge Amado há 30 ou 40 anos. Somos o país do futebol, o que é certamente um progresso. (...) A seleção brasileira de futebol mostrou ser a mais bem treinada e amparada, a que dispunha de melhor preparo físico e tão disciplinada e consciente dos seus deveres quanto as que mais o fossem. Preservamos as qualidades brasileiras, mas livramo-nos de alguns defeitos que pareciam características inalienáveis da alma nacional: a improvisação, a irresponsabilidade, a indisciplina, o individualismo. País do Carnaval? Nem tanto. Com um pouco de sorte, uma Copa do Mundo pode ser ganha na base da improvisação e do virtuosismo. Mas, para jogá-la como jogamos, desta vez, é preciso que a nação tenha chegado a um grau de maturidade e seriedade – e até de riqueza material – que o Brasil talvez tenha atingido”.*³⁷

Um editorial do conservador *O Estado de S. Paulo* resumiu essa idéia em termos semelhantes, ao dizer que o tricampeonato “foi uma vitória da maturidade da própria nação para a marcha, a que ora se consagra, tendo por meta o desenvolvimento dentro da dignidade da vida democrática”. O futebol é democrático, diz o texto, porque equilibra individualismo e espírito coletivo “na busca e defesa dos interesses gerais”.³⁸

³⁷ *O Estado de S. Paulo*, 21.jun.1970, p. 4.

³⁸ *Idem*, 23.jun.1970, p. 3.

3. O falso dilema moral da Copa de 1970

3.1. *A má vontade da intelectualidade de esquerda*

Havia na imprensa de grande circulação, após a conquista do tricampeonato em 1970, a impressão de que o Brasil caminhava para grandes realizações, e que a vitória no México não fez outra coisa que apresentar ao mundo – e aos próprios brasileiros – esse novo gigante. Não é possível imaginar o que teria sido o governo Médici sem o triunfo no México, porque, “se outros fatores efêmeros devem ser levados em conta, especialmente o ‘milagre econômico’, não há dúvida de que o feito se associou às ‘façanhas’ do regime”, como analisa o historiador Boris Fausto.³⁹ Ou como declarou Gérson, um dos principais jogadores da seleção de 1970, ao jornal *O Pasquim*:

*“Graças a Deus ganhamos essa Copa, porque, se nós não ganhássemos, haveria problema aqui no Brasil. Você sabe que o futebol é ... É a válvula de escape. O povo podia passar fome nessas seis partidas da Copa do Mundo. Eles passariam fome rindo. (...) O problema é que isso toca o povo, o povo quer isso. Não interessa o que ele vai passar, desde que o Brasil ganhe a Copa”.*⁴⁰

Talvez seja exatamente por essa razão que o futebol em geral, e particularmente a vitória da seleção brasileira em 1970, tenha se tornado tão malvisto por uma parte da esquerda brasileira. O divórcio entre a intelectualidade

³⁹ FAUSTO, Boris. “Política e Futebol”. In: *Folha de S. Paulo*, 26.ago.2002, p. A2.

⁴⁰ *O Pasquim*, 9 a 15.jul. 1970, p. 15.

brasileira e o futebol é notório. Néelson Rodrigues o menciona em crônica de 1965, citada por Fátima Antunes: “Há três dias aconteceu no Maracanã a batalha entre o Brasil e a Bélgica. Todos os brasileiros vivos e mortos estavam lá. Defuntos de algodão nas narinas atravessaram as borboletas. Tinham pulado os muros do além para torcer. Só um brasileiro faltou: o sociólogo. Entre cento e tantos mil patrícios, não vi uma única e escassa flor da sociologia”.⁴¹

Pode-se argumentar que a má vontade de Néelson com os intelectuais fosse resultado de suas convicções políticas conservadoras. Mas o mesmo rótulo não se aplica ao jornalista João Saldanha, o comunista militante que foi o técnico da seleção brasileira até as vésperas da Copa de 70 – e, no entanto, Saldanha também criticou, em entrevista ao jornal de esquerda *Versus*, os intelectuais brasileiros que não viam no futebol uma expressão legítima de cultura brasileira a ser estudada: “Então você vê companheiros e coleguinhas, no nosso ramo de atividade, acho que nós fazemos parte, querendo ou não, da intelectualidade brasileira (...), mas você vê caras inteiramente dedicados à cultura e que não se dedicam (...) ao esporte”.⁴² Para DaMatta, finalmente, as elites “odeiam o jogo”, porque “certamente o jogo significa basicamente ter de se submeter a regras que valem para todos”.⁴³

No ambiente de confronto do regime militar, o futebol foi visto pela esquerda como nocivo, porque, segundo sua concepção, reprime o conflito de classes, docilizando o trabalhador em relação a seu patrão a cada vitória de seu time, e mistifica a realidade, pois reduz a compreensão das condições materiais e

⁴¹ ANTUNES, Fátima M.R.F., op. cit., p. 248.

⁴² *Versus*, número 5, sem ano, p. 3-7

⁴³ DAMATTA, Roberto (et. al). *Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakothek, 1982, p. 15.

sociais. O esporte de massa integra assim a estratégia das classes dominantes para “reproduzir a dominação em dimensões mais sublimadas, com um jeito mais suave”⁴⁴, conforme raciocina Roberto Ramos. E ele prossegue, em artigo de 1984:

“O futebol nasceu na Inglaterra, berço do capitalismo. Na década de 1860, os patrões perceberam que o proletariado se interessava por esse esporte. Investiram na expansão do futebol para impedir a organização política e sindical dos operários. (...) O uso do futebol como ideologia, significando inversão da realidade, se fortaleceu”.⁴⁵

O artigo de Ramos, assim como seu livro sobre o mesmo tema, baseia-se no conceito do franco-argelino Louis Althusser (1918-1990) a respeito dos aparelhos ideológicos do Estado, que tornam a repressão secundária ou mesmo desnecessária. Segundo essa teoria, os aparelhos ideológicos visam à coesão social e à reprodução das condições de produção por imposição do modo de pensar da classe dominante através de mecanismos culturais de disseminação. O recurso à teoria althusseriana implica em desconsiderar o Estado como o lugar das tensões sociais: tudo seria mera manipulação, externa ao Estado, que, por sua vez, seria o onipresente maestro das relações de produção. É por essa razão que a argumentação de Ramos, tomada aqui como exemplar da crítica de esquerda ao futebol, soa como teoria da conspiração.

Em seu livro *Futebol, Ideologia do Poder*, Ramos decreta que o futebol, como “aparelho ideológico do Estado”, tem a função de reproduzir as condições

⁴⁴ RAMOS, Roberto. “Futebol e ideologia”. In: *Mundo Jovem*, nº 167, ano 22, 1984, p. 5.

⁴⁵ Idem, *ibidem*.

econômicas que interessam à classe dominante.⁴⁶ Torcer e participar do futebol seriam uma demonstração inequívoca de cumplicidade com esse estado de coisas – colocado na perspectiva da ditadura militar em 1970, o argumento significa dizer que comemorar o tricampeonato era o mesmo que apoiar o regime repressor. E ele prossegue:

“[O trabalhador] não pode pensar que é dominado e explorado no trabalho. O sistema deve ser engolido, sem reação. O futebol é importante no Brasil. Ele representa bem mais do que um esporte. Mistifica a realidade, escondendo a injustiça social. Ao mesmo tempo, legitima os privilégios anti-sociais da classe dominante, conduzindo a um comportamento acrítico. Mantém o proletariado escravizado aos grilhões do desemprego e do salário mínimo”.⁴⁷

Esse tipo de reflexão, ainda comum nas análises sobre o futebol, ignora os diversos e complexos componentes do fenômeno, como os que aponta DaMatta ao dizer que, embora esteja no âmbito da indústria cultural, “dentro dos mais extremados objetivos capitalistas e burgueses, ele [o futebol] também orchestra componentes cívicos básicos, identidades sociais importantes, valores culturais profundos e gostos individuais singulares”.⁴⁸

O brasilianista Robert Levine demonstrou que a raiva contra o regime militar obnubila a multiplicidade de fatores que estão em jogo.

“O problema com a tese do ópio é que ela apresenta uma visão maniqueísta dos

⁴⁶ RAMOS, Roberto. *Futebol, Ideologia e Poder*. Petrópolis: Vozes, 1984, p. 23.

⁴⁷ Idem, *ibidem*, p. 23.

⁴⁸ DAMATTA, Roberto. “Antropologia do óbvio - Notas em torno do significado social do futebol brasileiro”. In: *Revista da USP - Dossiê Futebol*. Número 22, junho/julho/agosto de 1994, p. 12.

processos sociais. A mudança dos anseios da sociedade brasileira, e não a vontade coletiva dos diretores dos clubes, obrigou o futebol a evoluir do modo que fez; contudo, o poder dos meios de comunicação e a intervenção fiscal e administrativa do governo, sem dúvida, ajudaram a plasmar essa evolução. Muitos dos argumentos usados para caracterizar o futebol como mecanismo de controle social podem ser usados para mostrar seu papel como agente redutor das distâncias sociais e como agente encorajador do orgulho nacional. Para cada argumento do futebol como circo, outros podem ser contrapostos credenciando o esporte como fator de maior autenticidade local e de redução de hostilidades entre classes.”⁴⁹

DaMatta lembra que, ao contrário do que afirmam os críticos do futebol como instrumento de manipulação, esse esporte é o campo do imponderável por excelência, o que impede seu controle absoluto por parte de quem quer que seja. “Todos estamos profundamente insatisfeitos com uma matriz da análise sociológica dominante, que é por demais economicista e que entende ser a vida um jogo direto de forças racionais, um mercado, jamais podendo ser vista como um drama futebolístico, onde homens lutam contra homens, e todos com regras e torcidas que também imprimem ao espetáculo uma direção incontrolável.”⁵⁰ DaMatta identifica ainda um traço arrogante na tese do futebol como “ópio do povo”, porque significa dizer que só entende o papel do futebol no Brasil aqueles que ou são da elite – isto é, os manipuladores – ou são os críticos da sociedade -- isto é, os intelectuais de esquerda. Já a massa, bem, “a massa permanece na escuridão de sua idiotice

⁴⁹ LEVINE, Robert. “Esporte e sociedade: o caso do futebol brasileiro”. In: MEIHY, J.C.S. (org.). *Futebol e Cultura - Coletânea de Estudos*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1982, p. 41.

⁵⁰ DAMATTA, Roberto (et. al.). *Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakothek, 1982, p. 14.

crônica, incapaz de perceber seu sistemático engano”, ironiza o antropólogo.⁵¹

O relato do ex-guerrilheiro Alfredo Sirkis sobre sua reação e a de seus companheiros de luta após a conquista do tricampeonato no México, ajuda a entender o ponto de vista mais radical da esquerda e suas conseqüências:

*“E como deixar de comemorar? A seleção de Zagallo, à qual João Saldanha deu o grande impulso inicial, levou o futebol brasileiro à sua plenitude. (...) Porque queriam saber da seleção, acompanhar todos os detalhes da Copa, dezenas de milhões de pessoas ficaram como hipnotizadas, de olho no vídeo. (...) O governo aproveitou a ocasião para deslanchar uma gigantesca campanha de autopromoção. Era como se a vitória do Tri lhe pertencesse. (...) Coube a Médici fazer opereta, se popularizar através dos grandes media, naquele momento de comemoração nacional. (...) Aquela enorme manipulação, irresistível, amargava nossa curtição do Tri”.*⁵²

A seleção de 1970 criou esse dilema jamais resolvido na alma da esquerda brasileira. Como escreveu o historiador Arno Vogel: “O máximo de radicalismo crítico era torcer contra a seleção, como uma forma de protestar contra o esquema repressivo que o governo tinha acionado (...). Em geral, os escrúpulos da consciência crítica duravam pouco. Ao primeiro ataque bem-sucedido da seleção canarinho, todos viravam torcedores fanáticos”.⁵³ Essa desconfortável contradição foi abordada por Henfil em *O Pasquim*. Em quadrinhos, o cartunista, ele mesmo um intelectual de esquerda, desenhou um pensador crítico da mobilização nacional em torno da seleção. O personagem lança imprecações contra torcedores acotovelados diante da TV durante uma partida do Brasil. A seqüência com a reação do intelectual dispensa comentários:

“Um país inteiro pára por causa do futebol, mas não pára para resolver o problema

⁵¹ Idem, *ibidem*, p. 22.

⁵² SIRKIS, Alfredo. *Os Carbonários*. São Paulo: Global, 1981, p. 235-238.

⁵³ VOGEL, Arno. “O momento feliz. Reflexões sobre o futebol e o ethos nacional”. In: DAMATTA, Roberto (et. al.). *Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982, p. 110.

da fome... Este sim é o verdadeiro ópio do povo! Faz esquecê-lo de que são explorados, subdesenvolvidos... Estou torcendo para o Brasil perder! Assim o povo voltará à realidade e verá que a vida não é feita de gols, mas de injustiças... Nossa realidade não é tão infantil como uma jogada como esta de Pelé invadindo a grande área inglesa e... Pênalti! Pênalti! Juiz filho da mãe! Pênalti, seu safado!”⁵⁴

⁵⁴ *O Pasquim*, 11 a 17.jun.1970, número 51, p. 11

3.2. *As diversas manipulações de um grande evento*

A crítica à comemoração do tricampeonato, a despeito da censura aos jornais mais ou menos uniforme a partir de 1968 -- em maio de 1970, às vésperas da Copa, Médici aprovou a censura prévia a livros e periódicos, a título de banir a pornografia --, era latente no ambiente de desconfiança estabelecido no país, que, ao menos no imaginário da direita encastelada no poder com os militares, reproduzia o confronto da Guerra Fria. Assim, até o tricampeonato era motivo para louvar os esforços no combate ao comunismo, como no editorial de *O Estado de S. Paulo* segundo o qual, depois da conquista no México, era vital ganhar a “Taça do Século XX”, isto é, a disputa ideológica: “O selecionado totalitário [comunista] joga um futebol-força, e o selecionado ocidental, um futebol-arte. (...) O campo é o globo inteiro. (...) A bola é o poder”.⁵⁵ Criticar uma conquista que era vista nessa dimensão significava, para a direita, cometer crime de falta de patriotismo, como salientou o pensador ultracatólico anticomunista Gustavo Corção em *O Estado de S. Paulo*:

*“E digo sem rebuços: quem não sentiu fundo o valor desta vitória do Brasil não pegou o bê-a-bá da alma humana. Andam por aí uns ideólogos que, além de não conhecerem a alma humana, conhecem mal a história, a sociologia e a economia e, armados desse sólido arsenal de ignorância, querem reestruturar, rearrumar, recriar o mundo em que nasceram. Eu tenho todos os motivos para imaginar que esses ideólogos estejam furiosos com a súbita exaltação de patriotismo de um povo grande que só quer ser um grande povo unido por vínculos do bem-querer. Toda uma geração de pedantes e de conscientizadores tentou matar no povo brasileiro o patriotismo, sem saber, os asnos, que o patriotismo é tão profundo na alma como os sentimentos de família”.*⁵⁶

A sensação de manipulação foi explorada em várias frentes. Uma peça de

⁵⁵ *O Estado de S. Paulo*, 23.jun.1970, p. 3.

⁵⁶ *O Estado de S. Paulo*, 25.jun.1970, p. 6.

Dias Gomes, intitulada “Campeões do Mundo” (1981), colocou em cena o seqüestro de um embaixador estrangeiro por um grupo guerrilheiro no momento em que o país festejava o tricampeonato. Em entrevista ao jornal *Movimento*, Gomes admitiu que sua peça abdicava das metáforas para mostrar como “o cerceamento de várias possibilidades de ação política, a tortura e o assassinato conviveram com a idéia de um ‘milagre brasileiro’ e com a euforia provocada pela conquista do tricampeonato mundial de futebol, habilmente capitalizada pelo regime”.⁵⁷

Mais de dez anos depois da Copa, ainda era difícil, mesmo para um intelectual bem preparado como Gomes, entender o significado do tricampeonato mundial para o Brasil sem vincular seus efeitos a uma espécie de chancela do governo Médici. O dramaturgo afirmou ao *Movimento*: “Nada melhor para vender o ‘milagre brasileiro’ do que o campeonato mundial; é por isso que eu faço, na peça, uma manipulação histórica, fazendo coincidir o seqüestro do embaixador com o dia da conquista do tricampeonato”.⁵⁸

A idéia de Gomes rendeu um subproduto bastante conhecido: o filme “Pra Frente Brasil” (1983), dirigido por Roberto Farias. Também por meio de uma ficção, Farias mostra os agentes da repressão torturando supostos inimigos do regime enquanto os brasileiros embeveciam-se com as vitórias no México. A diferença importante é que o filme tem como centro a ação nos porões, enquanto a peça de Gomes salienta a ação da guerrilha. A coincidência está na suposta alienação popular em ambos os casos: segundo a mensagem das obras, o brasileiro médio, anestesiado pelo futebol, desconhecia – ou não se importava com – a guerra

⁵⁷ *Movimento*, 20 a 26.jul.1981, p. 23-24.

⁵⁸ Idem, *ibidem*.

travada nos subterrâneos do país em que vivia.

Gomes argumenta que preferiu destacar os seqüestradores para mostrar o isolamento dos que se haviam engajado na luta armada: “Enquanto o povo comemorava nas ruas o tricampeonato, um grupo jovem, trancado numa casa, mantinha seqüestrado um embaixador estrangeiro”.⁵⁹

Talvez seja a forma mais inteligente de ver os fatos. Afinal, como diz Gaspari, “a violência e o arbítrio são insuficientes para explicar por que a ditadura se manteve de pé, muito menos para compreender por que Médici conseguiu ser ao mesmo tempo o presidente menos criticado e o mais aplaudido; o silêncio e a tolerância que seu governo obteve foram maiores do que aqueles que a coerção direta poderia assegurar”.⁶⁰

Gaspari refaz a trajetória do esvaziamento da oposição ao regime por meio do espriar do alcance do Estado na vida nacional. Não foi a esquerda o alvo solitário da ação repressiva, mas a sociedade inteira, resultando em desmobilização geral. Menos de mil pessoas, a maioria de classe média, se dispuseram a combater o regime pela via armada, conforme cálculo de Gaspari.⁶¹ Eis o isolamento ao qual Dias Gomes se refere em sua peça.

Mesmo à esquerda, porém, houve quem preferisse ver no futebol – e na festa pela conquista de 1970 – uma importante manifestação que devia ser tomada como positivamente representativa do ser brasileiro. Em um texto tocante para o jornal *Pasquim*, o poeta Ferreira Gullar, cuja história de perseguição pelo regime militar não deixa dúvidas acerca de suas convicções, despejou toda a carga emocional que o momento do tricampeonato ensejou no país:

“A gratidão do povo brasileiro pelos jogadores que venceram a IX Copa do Mundo é uma das raras expressões coletivas legítimas numa sociedade como a nossa: é o povo saudando a si mesmo, que o futebol não representa nenhuma outra coisa, e os craques da

⁵⁹ *Movimento*, 20 a 26.jul.1981, p. 23-24.

⁶⁰ GASPARI, Elio. *A Ditadura Escancarada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 231-232.

⁶¹ GASPARI, Elio. *A Ditadura Envergonhada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 352.

seleção não são nem mais nem menos que isso: povo. (...) [Futebol] é coisa de todo mundo. Ao alcance de todos. (...) É assim o futebol, um troço aberto, democrático. A mais democrática seleção do mais apto de que se tem conhecimento neste país: todo mundo pode concorrer. (...) Acredito que o Brasil é tão bom no futebol por várias razões, mas uma delas, certamente, é essa amplíssima possibilidade de participação da massa do povo, sem as barreiras de classe. (...) Por isso é que tão pouca coisa neste país tem a autenticidade nacional de uma vitória como a desta Copa. (...) É nacional não porque se intitule nacional, mas porque tem profundas raízes no povo do país. Não é uma coisa inventada pela propaganda nem imposta de cima para baixo. (...) E então se dá o milagre. O país pára. Os altos interesses da indústria, do comércio, do Poder, são postos de lado, por um simples curto-circuito: uma fagulha que identifica o povo com seus heróis. (...) E durante alguns dias o povo fez valer sua vontade nas ruas".⁶²

⁶² *O Pasquim*, 2 a 8.jul.1970, p. 29.

3.3. *Exploração política*

Diante de tamanha significação popular, parece claro que o futebol é um potencial instrumento de exploração política, mas mesmo nesse terreno é preciso ter cautela. Para João Saldanha, militante comunista, “o fato de o político se meter em futebol não é mal nenhum. (...) Os fatos históricos desmentem que o futebol sirva para escorar governos. O que escora governo é tanque”.⁶³

De fato, vitórias no campo esportivo não significam, automaticamente, triunfos políticos expressivos. Ao longo do regime militar, por exemplo, observaram-se efeitos diversos das Copas nas eleições. No desastre de 1966, quando o Brasil foi eliminado na primeira fase da Copa da Inglaterra, a governista Arena elegeu 68% dos deputados federais e 82% dos senadores. A Arena também se saiu bem na eleição realizada após a Copa de 1970, mas foi uma vitória relativa, como veremos adiante. O partido, assim como a seleção de 1974, sofreria um sério revés na votação daquele ano, quando o MDB, que teve a primeira oportunidade de usar a TV para divulgar suas propostas, elegeu 16 de 22 senadores e 44% dos deputados federais. O Brasil voltaria a fracassar nas Copas de 1978 e de 1982, mas o governo conseguiria manter-se como maioria no Legislativo.

Contudo, é inegável que o ambiente que precedeu a Copa de 1970 foi “o melhor exemplo de como o futebol foi usado para emprestar legitimidade política ao governo”, na opinião do brasileiro Robert Levine.⁶⁴

Médici não mediu esforços para associar a imagem de seu governo à da

⁶³ SALDANHA, João. *Futebol e Outras Histórias*. São Paulo: Record, 1988, p. 199 e 201.

⁶⁴ LEVINE, Robert. Op. cit., p. 38.

seleção. Popularidade era algo que ele perseguia, como deixou claro em discurso após a posse, em 27 de outubro de 1969: “Espero que cada brasileiro faça justiça aos meus sinceros propósitos de servi-lo e confesso lealmente que gostaria que o meu governo viesse, afinal, a receber o prêmio de popularidade...”.⁶⁵ Com tal objetivo em mente, consolidou-se como “torcedor número um”, deu palpites públicos sobre os jogos e, ao final do campeonato, com o título assegurado, deixou-se filmar e fotografar como um autêntico entusiasta do esporte.

Para alguns observadores, essa atitude é suficiente para classificar Médici como um insidioso manipulador das ilusões das massas. Mas essa conclusão pode ser precipitada. Como demonstra Carlos Fico ao longo de seu livro *Reinventando o Otimismo*, Médici foi o único presidente a ter popularidade pessoal, apesar de todos os esforços da máquina publicitária do governo no sentido de evitar a personalização do regime, coisa que o identificaria com os governos de tipo fascista. É exemplar o relato de Luiz Inácio Lula da Silva, que no governo Médici era dirigente sindical:

*“Hoje a gente pode dizer que foi por conta da dívida externa, milagre brasileiro e tal, mas o dado concreto é que, naquela época, se tivesse eleições diretas, o Médici ganhava. E foi no auge da repressão política mesmo, o que a gente chama de período mais duro do regime militar. A popularidade do Médici no meio da classe trabalhadora era muito grande”.*⁶⁶

Médici era bem visto entre os trabalhadores porque, como Lula bem lembra, havia algo próximo do pleno emprego naquela oportunidade. Some-se a isso, no entanto, sua identificação com o futebol, o esporte mais popular do Brasil, e então teremos aí uma pequena pista da combinação de fatores que tornou o governo Médici aquele que melhor soube aproveitar o momento e suas próprias características para atingir um objetivo que qualquer regime de exceção almeja, isto é, criar uma espécie de cumplicidade com a maior parte da população em torno de

⁶⁵ MÉDICI, Emílio Garrastazu. *A Verdadeira Paz*. Brasília: Secretaria de Imprensa da Presidência da República, 1973, p. 65.

⁶⁶ COUTO, Ronaldo Costa. *História Indiscreta da Ditadura e da Abertura*. São Paulo: Record, 1999, p. 117.

seus projetos de grandeza.

Em resumo, o futebol pode funcionar -- e efetivamente funciona, no caso brasileiro -- como elemento central para a construção de uma identidade nacional, quer patriótica, quer cultural, coisa que o regime militar do Brasil, obviamente, não podia ignorar. Pelo contrário: tratou de capitalizar.

4. A ditadura e a Copa de 1970: relações

4.1. *Médici, um torcedor*

O interesse sobre a Copa de 70, para os propósitos deste trabalho, está centrado nesse contexto de construção de uma realidade que identifica esse grande evento imediatamente com a ditadura militar brasileira. E a imagem de Médici como “torcedor comum”, incensada pela imprensa e pelo governo, joga aqui um papel crucial. No entanto, diferentemente do que as “impressões” sobre a época geralmente expressam, as fontes analisadas permitem supor que as relações de Médici com o futebol não foram somente publicitárias. O presidente parecia ser um autêntico torcedor, segundo relatos insuspeitos. O cronista Carlos Heitor Cony, uma das vítimas da ditadura, afirma:

“Médici era fanático por futebol, e não foi armação do regime militar a divulgação de algumas de suas fotos mais famosas – ouvindo jogo no radinho de pilha, enrolado na bandeira nacional por ocasião do tricampeonato e fazendo embaixadas com alguma perícia, o que revelava intimidade com a bola”.⁶⁷

Dentro do governo, ministros importantes tratavam de dar publicidade a essa característica do presidente, vinculando-a à “brasilidade” de Médici e à sua condição de “homem comum”. Jarbas Passarinho, que ocupava a pasta da Educação, era um dos mais eufóricos: “Todos conhecem seu nacionalíssimo gosto

⁶⁷ CONY, Carlos Heitor. “Médici e FHC”. In: *Folha de S. Paulo*, 6.mar.2002, p. A2

pelo futebol. Dou meu testemunho da emoção com que o presidente assistiu a todos os jogos, torcendo com o entusiasmo do brasileiro normal e do homem comum que o elevado cargo não modificou”.⁶⁸

Do ponto de vista estritamente cerimonial, Médici cumpriu, como quase todos os outros presidentes brasileiros em circunstâncias semelhantes, sua “obrigação” de prestar apoio e solidariedade ao selecionado nacional na disputa pela Copa do Mundo. Para usar um exemplo eloqüente, João Goulart, o presidente que viria a ser derrubado pelos militares em 1964, aproveitou-se como pôde da conquista brasileira na Copa do Chile, em 1962 -- sem que isso tenha sido objeto de crítica da historiografia sobre os usos políticos do futebol no Brasil, pelo menos não no mesmo nível da ferocidade dirigida contra Médici e a seleção de 1970.

E os objetivos de Jango, ainda que o contexto fosse obviamente diverso, eram muito semelhante aos de Médici: incorporar o triunfo esportivo à sua imagem, com o objetivo de legitimar-se -- afinal, é bom lembrar, o Brasil faria, naquele ano, o plebiscito que acabou por restabelecer o presidencialismo no país, dando finalmente a Jango poderes para governar. “Com a vitória [no Chile], Jango recebeu os jogadores e vibrou como um torcedor comum”, relata o historiador Gilberto Agostino,⁶⁹ que não sugere em nenhum momento que Jango talvez pudesse estar fingindo.

No caso específico de Médici, o que se viu, a julgar pelos relatos de época (e não pelas “impressões” posteriores), foi uma entrega pessoal que superou, com folga, o ritual adequado à função que ele exercia.

O presidente conhecia futebol. Havia jogado como atacante no time do Grêmio de Bagé, sua cidade natal, e “tinha bom chute”, segundo se conta.⁷⁰ Na Presidência, fazia questão de se qualificar como torcedor, sempre que podia. No dia da difícil vitória sobre a Inglaterra, em 7 de junho, ele enviou um telegrama à seleção dizendo: “Na oportunidade da notável vitória conquistada palmo a palmo sobre a grande equipe inglesa, mando-lhes meu comovido abraço de torcedor, pela

⁶⁸ *Folha de S. Paulo*, 22.jun.1970, p. 6.

⁶⁹ AGOSTINO, Gilberto. *Vencer ou Morrer - Futebol, Geopolítica e Identidade Nacional*. Rio de Janeiro: Mauad, 2002, p. 154.

⁷⁰ *Manchete*, 25.out.1969, número 914.

demonstração de técnica, serenidade, amadurecimento, inteligência e bravura”.⁷¹

A linguagem de Médici também era a de um torcedor. Na véspera desse mesmo jogo contra a Inglaterra, o presidente comentou a jornalistas que estavam no Planalto que não esperava maiores dificuldades pois os ingleses eram, na sua opinião, “fregueses de caderno”.⁷²

A idéia de que Médici fazia parte da torcida brasileira era convenientemente reforçada pela reação dos jogadores da seleção (segundo palavras que se lhes atribuíam). No dia da vitória sobre o Peru, em 14 de junho, o presidente telefonou para Guadalajara, onde estava o time, e mandou cumprimentar os jogadores, dizendo-lhes que confiava na “nossa vitória final”.⁷³ Fez referências “especiais” a Brito, Dario e Everaldo, jogadores sobre os quais ele não escondia sua predileção – coisa típica de torcedor; afinal, pelo menos em teoria, a um chefe de Estado não é permitido gostar mais de uns que de outros.

Na conversa, perguntou particularmente sobre o estado do contundido Everaldo, o jogador da seleção que atuava no Grêmio, time para o qual Médici torcia. “O interesse do presidente Médici”, reportou *O Estado de S. Paulo*, “deixou o jogador muito feliz.” Everaldo dizia por que precisava se recuperar:

“O presidente é meu fã. Torce pelo Grêmio e até já anda perguntando sobre o meu estado de saúde. Assim dá gosto a gente estar numa seleção, pois, além de estarmos jogando certinho e ganhando de todo mundo, ainda o presidente da República pergunta sempre como

⁷¹ *Folha de S. Paulo*, 9.jun.1970, capa.

⁷² *Idem*, p. 31.

⁷³ *Idem*, 15.jun.1970, p.30.

*vai o time e até se lembra de um pobre jogador como eu. Estou realmente emocionado'.*⁷⁴

Em almoço de Médici com os jogadores no Rio de Janeiro, antes de amistoso contra a Áustria, Everaldo “foi o jogador mais festejado pelo presidente, que é torcedor do Grêmio”.⁷⁵

A resposta da seleção (ou aquilo que se dizia em nome dela) reforça essa imagem de um Médici que se realiza como um fã de futebol, com apego autêntico à seleção. Segundo o brigadeiro Jerônimo Bastos, chefe da delegação brasileira, “o interesse com que o presidente acompanha os jogos de nossa seleção tem servido de real estímulo a todos”. “Quando jogamos, sentimos que, entre os milhões de torcedores que nos acompanham, está o presidente, e isso é bom’, disse à imprensa um dos jogadores.”⁷⁶ O fato de a reportagem não mencionar o nome desse jogador é bastante suspeito e coloca em dúvida se alguém da seleção realmente disse isso. No entanto essa hipotética fraude é menos importante do que a constatação de que, na mídia, Médici aparecia sempre como um apaixonado pelo esporte mais popular do país.

Essa paixão era manifestada mesmo em situações nas quais tal comportamento não era esperado, como quando recebeu o então embaixador da Guatemala, Evan Drayton, em junho de 1970. Drayton estava com o braço engessado, e Médici perguntou-lhe: “Foi no futebol que o senhor se machucou?”. Diante da resposta negativa do diplomata, o presidente insistiu, quase a intimidá-

⁷⁴ *O Estado de S. Paulo*, 16.jun.1970, p. 26.

⁷⁵ *Última Hora*, 29.abr.1970, capa.

⁷⁶ *Folha de S. Paulo*, 16.jun.1970, p. 26.

lo: “Mas o senhor gosta de futebol, não?”.⁷⁷

Gaspari relata que Médici antecipou a reunião com o general Ernesto Geisel na qual lhe comunicou que seria seu sucessor apenas para não perder a transmissão do jogo amistoso entre Brasil e Áustria, em 13 de junho de 1973, em Viena. O jogo terminou 1 a 1.⁷⁸

Um outro aspecto que aproximava Médici dos demais torcedores era seu hábito de dar palpites sobre todos os jogos da seleção (o que obrigava quase todos os integrantes do primeiro escalão do governo, mesmo aqueles que nunca haviam se interessado por futebol, a fazerem o mesmo...). O mais célebre desses palpites foi o da final da Copa do México: Médici cravou 4 a 1 para o Brasil contra a Itália. No dia do jogo, a *Folha de S. Paulo* estampou o prognóstico presidencial na manchete de sua página esportiva. Como o resultado viria a se confirmar, reforçou-se a imagem não só de que Médici era um torcedor de futebol, mas realmente entendia de futebol e se relacionava com o esporte da mesma maneira que todos os outros brasileiros. Quando o jogo acabou, em meio à festa pela conquista, o presidente fez questão de lembrar aos que estavam a seu lado que acertara o prognóstico, coisa que todo torcedor faz.⁷⁹

No dia do tricampeonato, Médici foi fotografado com uma bandeira brasileira não em pose cerimonial, mas com gestos característicos de quem estava sinceramente comemorando o título mundial. Consta que, dois dias depois, quando recebeu a seleção em Brasília, chorou de emoção. “Este é o maior dia de minha vida”, disse o presidente aos que o acompanhavam. O relato da festa junto com os jogadores mostra a catarse em seu nível máximo, como se a seleção fosse um grupo de guerreiros que acabava de trazer a cabeça do inimigo ao rei:

“De repente, a festa atinge seu ponto culminante: Carlos Alberto [o capitão da seleção] aparece no Parlatório, em frente ao palácio, e levanta a [taça] Jules Rimet para o povo. É um grito só, que ainda ecoa e se renova quando o presidente Médici repete o gesto do

⁷⁷ *Folha de S. Paulo*, 19.jul.1970, p. 3.

⁷⁸ GASPARI, Elio. *A Ditadura Derrotada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 225.

⁷⁹ *Folha de S. Paulo*, 22.jun.1970, capa.

capitão e abraça Carlos Alberto, lágrimas brilhando nos olhos. Os aplausos são frenéticos, há lágrimas nos olhos de todos”.⁸⁰

Em cena antológica descrita pela *Folha de S. Paulo* em sua primeira página no dia seguinte à conquista da taça, lia-se:

“Ao término da partida, o presidente mandou que os torcedores que se encontravam na praça fronteiriça entrassem para o Palácio e saiu para o meio do povo, enrolado em uma bandeira brasileira. Os torcedores o carregaram. Quando o puseram no solo, o presidente pegou uma bola dos netos e começou a mostrar sua habilidade no esporte em que o Brasil é campeão mundial. Fez embaixadas e chegou a dar umas de calcanhar, sendo estimulado pelos fãs, que diziam ‘se o Zagallo soubesse, hein, presidente...’ ”.⁸¹

Todo o esforço publicitário do governo para aproximar Médici dos demais brasileiros era, como se vê, bastante facilitado pela própria conduta do presidente, que não perdia nenhuma oportunidade para reiterar sua condição “popular”. Na mensagem após a vitória no México, Médici não deixou por menos: “Na hora em que a seleção nacional de futebol conquista definitivamente a Copa do Mundo, após memorável campanha, na qual só enfrentou e venceu adversários do mais alto valor, desejo que todos vejam, no presidente da República, um brasileiro igual a todos os brasileiros”.⁸²

⁸⁰ *O Estado de S. Paulo*, 24.jul.1970.

⁸¹ *Folha de S. Paulo*, 22.jun.1970, capa.

⁸² *Idem, ibidem.*

4.2 A apropriação do futebol no discurso político

Constatado o envolvimento de Médici com o futebol, é preciso dimensionar até que ponto o regime (e aqueles que ao redor dele orbitavam) se apropriou desse discurso popular em proveito próprio. À medida que o sucesso da seleção brasileira foi se tornando concreto (inesperado devido às turbulências prévias, inclusive com a demissão de um técnico às vésperas da estréia), militares e políticos civis procuraram capitalizar esses resultados.

Uma das estratégias era vincular o sucesso no futebol a projetos oficiais. Numa ação de oportunismo explícito, o governo decidiu lançar o “Fundo Pelé de Educação”, para arrecadar dinheiro “para as criancinhas pobres”, como pedira Pelé ao marcar seu milésimo gol, em novembro de 1969. Seria lançado um carnê cujo pagamento daria direito a adquirir um livro sobre Pelé e sua trajetória de menino pobre até o estrelato. O próprio jogador aceitou fazer a campanha -- o mesmo Pelé que não participou da Copa de 1974 segundo ele por discordar do uso político que os militares faziam do futebol. Não há informação se esse fundo foi adiante, mas tais iniciativas não eram incomuns na época.

No Congresso, os “parlamentares só falam de futebol”, segundo constatação da *Folha de S. Paulo*.⁸³ A conquista da Copa “era, como não poderia deixar de ser, o único assunto” entre os políticos, de acordo com o registro de *O Estado de S. Paulo*.⁸⁴ Contabilizavam as possibilidades políticas abertas pelo triunfo no México e,

⁸³ *Folha de S. Paulo*, 24.jun.1970, p. 13.

⁸⁴ *O Estado de S. Paulo*, 23.jun.1970, p. 3.

diferentemente do senso comum, os analistas da época não entendiam como líquido e certo que o governo é quem teria mais a ganhar. “A euforia é idêntica tanto da parte do governo quanto da parte da oposição, embora, à primeira vista, se pudesse imaginar que, politicamente, ela fosse mais favorável ao primeiro. A maioria dos observadores políticos, no entanto, não pensa assim”, comenta *O Estado*.⁸⁵

Mas esse “equilíbrio” em relação aos efeitos políticos da Copa se desfaz quando entra na equação o “fator Médici”. E então, *O Estado* concede: “É verdade que este governo, mais do que qualquer outro, identificou-se muito com a vitória, graças ao fato de ser o próprio presidente da República um sincero e ardoroso torcedor”.⁸⁶ Na reportagem da *Folha*, dizia-se que os deputados José Lindoso e Raimundo Parente (Arena) achavam que “o feito da nossa seleção foi bom para o governo”, enquanto Pedro Faria, do MDB carioca, afirmava não se preocupar com as implicações políticas do tricampeonato. “Foi bom que o Brasil tivesse ganho.”⁸⁷ Não é fácil acreditar na sinceridade do representante da oposição, mas o fato é que nenhum político podia se arriscar a criticar a seleção ou, pior, acusá-la de servir aos interesses do regime. E o regime, por seu lado, não escondeu sua estratégia de explorar ao máximo os louros do tricampeonato. No almoço oferecido por Médici à delegação brasileira após a conquista, em Brasília, o deputado Rondon Pacheco, líder do governo na Câmara e presidente da Arena, fez questão de abraçar o centroavante Tostão. Conforme registro de *O Estado de S. Paulo*, o jogador mineiro agradeceu “discretamente” o cumprimento do político em meio a comentários: “Com esse cabo eleitoral, o Rondon está feito em Minas”.⁸⁸

O mesmo Pacheco recomendou que os candidatos de seu partido à eleição parlamentar daquele ano destacassem a vitória do Brasil na Copa, ao lado das “realizações do governo revolucionário”, pois isso “constitui fator psicológico positivo da mensagem que o partido governamental deve levar ao povo, a fim de

⁸⁵ Idem, p. 3.

⁸⁶ Idem, *ibidem*.

⁸⁷ *Folha de S. Paulo*, 24.jun.1970, p. 13.

⁸⁸ *O Estado de S. Paulo*, 24.jul.1970, p. 16

obter bons resultados nas urnas”. “O otimismo vai nos proporcionar uma cabeça-de-ponte entre a Arena e o povo, que há de trazer bons reflexos nas urnas”, disse Pacheco.⁸⁹

Mesmo deputados arenistas de pouca expressão tentaram achar um lugar ao sol mexicano, como Paulo Abreu (SP), que pagou anúncio na *Folha de S. Paulo* para “prestar contas” de seu trabalho, elaborar uma espécie de “sociologia do futebol” e propor à Câmara o envio de uma mensagem à seleção: “Ressaltou o deputado paulista que o futebol é sem dúvida um fator de união nacional e que muitos psicólogos já constaram que ele extravasa o campo esportivo, influenciando na própria economia do país de forma positiva ou negativa, de acordo com o resultado dos jogos. Depois de salientar que o próprio presidente Médici acaba de enviar telegrama de estímulo e de confiança à seleção, conclui o deputado Paulo Abreu: ‘Esta Casa representa o povo brasileiro. Vive com o povo suas alegrias e suas tristezas e, nesta hora, não pode ficar alheia à participação nacional na Copa do Mundo’ ”.⁹⁰

O obscuro Paulo Abreu não estava sozinho: faziam parte do debate político naqueles dias os efeitos que a eventual conquista da Copa teria no Brasil, no plano econômico e no plano político. A imprensa destacava, por exemplo, que os problemas de Médici na sucessão indireta dos governos estaduais – o presidente impôs diversos nomes, segundo ele mais identificados com os “ideais da revolução”, contrariando interesses dentro da Arena – poderiam ser aliviados pela vitória do Brasil. A seção “Sumário”, coluna de bastidores políticos da *Folha de S.*

⁸⁹ *Última Hora*, 3.jul.1970, p. 3

⁹⁰ *Folha de S. Paulo*, 6.jun.1970, p. 13.

Paulo, dá conta de que a vitória do Brasil sobre a Tchecoslováquia, no primeiro jogo da Copa do México (um arrasador 4 a 1), foi...

*“...um refrigerio, um bálsamo mesmo para as mágoas e chagas que o problema sucessório nos Estados havia provocado nas almas sensíveis e sempre desejosas dos próceres da política nacional. (...) Saibam todos que Pelé, Jair e Rivelino, com os tentos que marcaram, conseguiram esvaziar boa parte dos descontentamentos a que aludíamos e deram ao presidente Médici uma colaboração valiosíssima. (...) Realmente, tudo leva a crer que, se a seleção brasileira levantar a Copa do Mundo, o acontecimento terá repercussões profundas para o país, dentro e fora dele. Na esfera interna, nem se fala. (...) As metas de uma administração dependem das metas nos campos esportivos. No caso brasileiro, essa interdependência é ainda mais profunda, de vez que nosso esporte, o futebol, está entranhado nas dobras mais íntimas da alma popular (...). Por isso mesmo o governo do presidente Médici andou bem em emprestar apoio ao nosso selecionado que pejeja nos gramados estrangeiros”.*⁹¹

O recado foi bem compreendido pelos governistas: tratava-se de uma oportunidade única não só de explorar politicamente o sucesso do Brasil no campo esportivo mas de mostrar que as manifestações populares que se seguiram à conquista do tricampeonato eram a melhor prova de que o país vivia sob um regime democrático. O discurso do governador Peracchi Barcelos, do Rio Grande

⁹¹ Folha de S. Paulo, 5.jun.1970, p. 3.

do Sul (terra do gremista Médici), ao celebrar o tricampeonato mundial e receber Everaldo, um dos jogadores favoritos do presidente, resume essa espantosa manobra retórica:

*“Vocês, com esta vitória, devem ter influído no espírito de quantos, a serviço de causas malsãs, procuraram enxergar no Brasil um país que não é uma democracia, mas uma ditadura. Mas quem quiser ver que isto não é uma ditadura, é uma democracia, que venha às ruas de todos os Estados brasileiros e veja como o povo livremente se manifesta. Ninguém lhe tolhe os passos e ele, dessa forma, testemunha ao mundo que a Revolução de Março de 1964 pode ter imposto, em certos momentos, algumas restrições, mas é uma Revolução eminentemente democrática”.*⁹²

Com todo esse aparato a favor, porém, a Arena obteve, naquele ano, uma vitória de Pirro nas eleições legislativas. Segundo dados da Fundação Getúlio Vargas⁹³, o partido governista conseguiu 69,46% dos votos válidos na votação para a Câmara e 60,43% na eleição ao Senado, mas é preciso considerar que houve expressiva abstenção (22,6%) e um número significativo de votos em branco e nulos (30,3%), além, é claro, a ausência de uma oposição autêntica e consistente.

Mesmo considerando-se a relatividade dos efeitos da conquista esportiva, porém, o fato é que a nenhum dos integrantes do regime parecia ser permitido ignorar o potencial legitimador desse acontecimento. Por essa razão, o envolvimento de ministros com a seleção cresceu na proporção do sucesso do time.

⁹² *Veja*, 17.jun.1970, p. 34

⁹³ Banco de Dados Políticos das Américas. Disponível na internet via WWW. URL <http://pdba.georgetown.edu/Elecdata/Brazil/legis1970.html>. Capturado em 10.jan.2005.

Os ministros Alfredo Buzaid (Justiça) e Jarbas Passarinho, por exemplo, foram ao México ver a seleção jogar a final. Antes dessa partida, o chanceler brasileiro, Mário Gibson Barboza, foi pessoalmente à concentração da seleção em Guadalajara. Declarou que estava no México apenas para torcer, mas deixou o recado que o governo queria: “[Gibson] disse que sua vinda ao México representa a presença do governo brasileiro junto à seleção de futebol, já que as autoridades vêm acompanhando com bastante interesse esta campanha na Copa do Mundo”.⁹⁴

Tanto interesse que, quando a seleção venceu a Copa, o presidente Médici entregou a cada jogador, por meio da Caixa Econômica Federal, um cheque de 25 mil cruzeiros (o equivalente hoje a 20 mil reais)⁹⁵, numa atitude que não mereceu reparos à época, apesar da evidente irregularidade. Por razões semelhantes, o então prefeito de São Paulo, Paulo Maluf, teve de responder a processo – ele mandou dar, à custa dos cofres públicos, um Fusca a cada jogador tricampeão –, num episódio que se tornou paradigmático da confusão entre o público e o privado na esfera das administrações brasileiras e que foi duramente atacado pela imprensa da época, que o classificou como “demagogia”⁹⁶. Maluf, como seria seu hábito no futuro, ignorou as críticas e, ao sancionar a lei que oficializou os presentes, capitalizou a conquista, mimetizando o discurso oficial do governo federal: “Triunfo desse realce só foi possível através de um persistente e dedicado trabalho desenvolvido por toda uma equipe -- atenta às mais modernas normas da tecnologia esportiva, que se dedicou, no extremo de seus esforços, em planificar e levar a efeito o preparo de nossa representação no máximo torneio da modalidade”.⁹⁷

Já Médici, que alimentava sua identidade com a torcida brasileira, parece ter sido deliberadamente poupado. Em reportagem sobre a premiação prometida por Maluf, *O Estado de S. Paulo* registra a indignação de um vereador contra o prefeito, comparando seu comportamento com o do presidente: “O vereador João Carlos Meirelles disse que o presidente Médici deu um exemplo, torcendo como todo

⁹⁴ *Folha de S. Paulo*, 21.jun.1970, p. 24

⁹⁵ Valores atualizados levando-se em conta a inflação medida pelo Índice de Preços ao Consumidor (IPC).

⁹⁶ *O Estado de S. Paulo*, 23.7.1970, p. 28

⁹⁷ *Última Hora*, 7.jul.1970, p. 8.

brasileiro, mas sem tirar proveito político da situação”.⁹⁸ Em 1970, porém, além de viver sob um regime de exceção, o que seria suficiente para justificar tanto a arbitrariedade da premiação presidencial aos jogadores como a ausência de críticas a ela, o Brasil parecia não se importar, diante da festa dos heróis do tri. Sabendo disso, os jogadores tentaram aproveitar a situação e pediram ao presidente, por meio do capitão do time, Carlos Alberto, um “jeitinho” de escapar do pagamento de impostos sobre seus salários “até o fim da carreira” e a “solução para alguns problemas surgidos com a Alfândega”.⁹⁹ Já o deputado federal arenista Luís Brás sugeriu que Médici enviasse ao Congresso um projeto de lei isentando os campeões de pagamento de Imposto de Renda sobre os prêmios e as doações recebidas por causa da conquista.¹⁰⁰ A imprensa não registra se esses pedidos foram atendidos, mas o fato é que futebol e poder público sempre caminharam de mãos dadas no Brasil.¹⁰¹ Essa relação se acentua em duas circunstâncias: quando os clubes estão em crise financeira ou quando interessa ao governo ampliar sua influência -- e, em geral, essas duas condições se dão ao mesmo tempo, como ocorreu naquele ano, 1970.

A penúria dos clubes brasileiros na época pode ser resumida pela crise do Santos. O clube, além de outras agremiações tradicionais, como Botafogo do Rio e Cruzeiro, enfrentava colapso financeiro. Famoso no mundo inteiro devido à geração capitaneada por Pelé, o clube passou a cobrar, depois de 1958, um cachê superior ao da seleção brasileira para disputar amistosos no amistoso -- eram 30 mil dólares, enquanto o Brasil levava 10 mil dólares. Mas o Santos endividou-se para adquirir o Parque Balneário, que antes havia sido o principal hotel da cidade de Santos no início do século XX e que entrara em decadência na década de 60. Em 5

⁹⁸ *O Estado de S. Paulo*, 23.7.1970, p. 28.

⁹⁹ *Idem*, 24.jul.1970, p. 16.

¹⁰⁰ *Última Hora*, 1.jul.1970, p. 2.

¹⁰¹ Não foi só em 1970 que a euforia pela conquista de uma Copa propiciou irregularidades em que o público se misturou com o privado de forma escandalosa. Em 1994, a seleção, que havia acabado de se sagrar tetracampeã na Copa dos EUA, envolveu-se em um vergonhoso episódio conhecido como “vão da muamba”. O avião que trouxe a delegação de volta carregava 17 toneladas de bagagem, a maior parte dela equipamentos comprados pelos jogadores nos EUA. Nada disso foi declarado à Receita Federal. Diferentemente de 1970, porém, esse caso repercutiu mal: o então secretário da Receita, Osiris Lopes Filho, deixou o cargo, e os integrantes da seleção se viram constrangidos a quitar os impostos devidos. Mas isso não impediu que o presidente da Confederação Brasileira de Futebol, Ricardo Teixeira, desmerecesse a pressão: “É irrelevante o que os jornais escrevem. O que

de maio de 1970, a família Fracarolli, antiga proprietária do hotel, deu 15 dias para que o Santos fizesse o pagamento de 2,4 milhões de cruzeiros novos, ou 2,013 milhões de reais, em valores atualizados. Como forma de contornar a crise, o Santos montou às pressas um time para disputar uma alucinante série de partidas amistosas nas Américas do Norte e do Sul, na Europa, no Oriente Médio e no Japão. Além disso, a diretoria santista recorreu a Médici, visto como a “esperança”.¹⁰² Ou seja: não bastava ao Santos ser o time mais requisitado do mundo; sua má administração o levou a depender da boa vontade do presidente da ditadura, que, por gostar de futebol e instintivamente compreender sua dimensão para o brasileiro, não se ausentava nessas questões. Se isso ocorreu com o Santos, o time brasileiro mais importante da época, é possível imaginar que muitos outros clubes de menor projeção tenham igualmente recorrido ao mesmo expediente de buscar ajuda com políticos e com o governo da ditadura, fortalecendo os laços promíscuos entre os dois lados.

vale é o povo, que nos recebe com carinho”. In: *Folha de S. Paulo*, 5.ago.1994, p. 4-1.

¹⁰² *O Estado de S. Paulo*, 6.mai.1970, p.19.

4.3 Política de união nacional pela via do futebol

O governos da ditadura, em especial o de Médici, foram também bastante criativos no uso do futebol como via de afirmação da nacionalidade, o que interessava diretamente ao projeto do regime militar. Em maio de 1969, a administração do marechal Arthur da Costa e Silva (1967-69) instituiu por decreto a Loteria Esportiva, incluindo nela jogos de todo o país -- o que obrigava o apostador a interessar-se pelo que acontecia em outros Estados. Como salienta a brasilianista Janet Lever:

*“A simbiose entre esporte e política é talvez mais bem ilustrada pela Loteria Esportiva. (...) Além de produzir recursos financeiros, a loteria contribuiu para uma desejada unificação do território nacional. (...) As regras do jogo obrigavam a inclusão de todas as regiões do país entre os 13 jogos, apesar do fato de que o melhor futebol sempre foi praticado no sul do país. (...) A promoção da loteria levou a uma mudança direta na estrutura do futebol brasileiro que também proporcionou unificação geográfica. O governo pediu que a CBD [Confederação Brasileira de Desportos] estabelecesse um campeonato nacional, para que pudesse haver loteria o ano inteiro”.*¹⁰³

Então, em 1971, logo depois da conquista do tri mundial pela seleção, a CBD instituiu o Campeonato Brasileiro, ambiente, por excelência, da realização da política de unidade nacional e de interesses estratégicos dos militares. A disputa substituiu o “Robertão”, como era chamado o Torneio Roberto Gomes Pedrosa, estabelecido pelas federações de futebol do Rio de Janeiro e de São Paulo também durante a ditadura (1967), mas que, em sua maior edição, incluía times apenas de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Paraná e Rio Grande do Sul. Em 1968, sob pressão da CBD, o campeonato passou a ter como prêmio a chamada “Taça de Prata” e incluiu um time da Bahia e um de Pernambuco. O Campeonato Brasileiro

¹⁰³ LEVER, Janet. “Sport in a fractured society: Brazil under military rule”. In: ARBENA, Joseph (org.). *Sport and Society in Latin America*. Connecticut: Greenwood Press, 1998, p. 91.

foi assim uma consequência óbvia do crescimento do certame, mas também claramente respeitou o discurso de integração nacional liderado pelos militares.

Dessa maneira, a disputa foi cada vez mais condicionada aos projetos governistas, e o principal sintoma disso foi o inchaço progressivo da competição: em 1971, jogaram 20 times; em 1972, 26; em 1973 e 1974, o número quase dobrou, indo para 40; em 1975, foram 42; em 1976, o total cresceu para 54; em 1977, jogaram 62; em 1978, o número subiu para inacreditáveis 74 times; em 1979, com a ditadura em crescente desgaste, o Brasileiro atingiu seu pico, com 94 times. Era a época do bordão “onde a Arena vai mal, um time no Nacional”, que algumas fontes atribuem ao almirante Heleno Nunes, então presidente da CBD, e outras dizem se tratar de manifestação popular.¹⁰⁴ Pouco importa: a acomodação política permitiu que times sem nenhuma expressão, como o Leôncio (Bahia) e o Fast (Amazonas), entrassem em campo para disputar o principal torneio do futebol tricampeão do mundo.

A Copa de 1970, aliada à euforia do “milagre” econômico, foi o fenômeno que deflagrou essa embriaguez de futebol em níveis inéditos. Não surpreende que os brasileiros estivessem cada vez mais envolvidos com o esporte e que a seleção brasileira, em plena disputa do Mundial no México, freqüentasse o centro do discurso do governo para reforçar os objetivos patrióticos e nacionalistas da “revolução”.

Um dos mais importantes episódios dessa utilização foi o seqüestro do embaixador alemão Ehrenfried von Holleben, no Rio. Ocorrido em 11 de junho de 1970, o crime foi cometido pela Vanguarda Popular Revolucionária, que, em troca, obteve a libertação de 40 presos e seu envio à Argélia. Ao longo do drama, cuja coincidência com a Copa seguramente não foi acidental, o governo tratou de jogar a opinião pública contra os grupos subversivos, sugerindo que a comoção causada pelo seqüestro entre os jogadores da seleção poderia prejudicar o desempenho do Brasil na Copa.

¹⁰⁴ A partir de 1980, o número de participantes foi caindo até voltar aos níveis de 1971. A exceção foi o Campeonato Brasileiro de 2000, chamado de Copa João Havelange, um torneio arranjado de última hora devido a pendências judiciais. Resultado: o Campeonato Brasileiro mais inchado da história, com 116 times.

Em sua primeira página de 17 de junho, a *Folha de S. Paulo* dizia: “Notícias do México dão conta da perturbação que a notícia do seqüestro provocou no ambiente do nosso selecionado. Pelé, Rivellino e outros jogadores manifestaram-se, condenando o ato terrorista”.

As “notícias” a que a *Folha* se referiu eram, na verdade, uma nota oficial do Ministério do Exército: “Causou profundo impacto na seleção a notícia chegada ao México sobre o seqüestro do embaixador alemão. Pelé, Brito, Rivelino, Clodoaldo e outros craques lamentaram que maus traidores e criminosos venham a quebrar a tranqüilidade e o entusiasmo da seleção. Lamentaram nossos craques que os terroristas, a serviço de países comunistas, tentem com atos criminosos atingir um país amigo”.¹⁰⁵

A idéia do regime era mostrar que os terroristas eram os desagregadores do Brasil, no momento em que os brasileiros se uniam em torno do ideal de fazer deste um país grande, com vitórias na área social, econômica e esportiva.

Em telegrama a Médici, o chefe da delegação brasileira, brigadeiro Bastos, deu o tom da manipulação do episódio, procurando mostrar que os perpetradores do “ato desumano” eram diferentes do “grande povo brasileiro”.

Mas também mostrou as preocupações do regime em relação ao exterior, pois o Brasil de Médici já enfrentava críticas, na Europa e nos EUA, devido às denúncias de tortura e arbitrariedades: “Na hora em que, no campo esportivo, nos confraternizamos com outros povos e vimos alcançando vitórias baseadas nos princípios da disciplina e do respeito, manifestamos, em nome da delegação brasileira de futebol, nossa repulsa ao ato desumano contra o ilustre embaixador da nação alemã (...), ferindo os laços de fraternidade dos nossos povos e dando ao mundo uma imagem distorcida quanto à generosidade, fidalguia e humanidade do grande povo brasileiro”.¹⁰⁶ O território entre o Brasil bom e o Brasil ruim estava perfeitamente demarcado.

¹⁰⁵ *Veja*, 17.jun.1970, p. 93.

¹⁰⁶ *Folha de S. Paulo*, 13.jul.1970, capa.

Na mesma primeira página em que registrava a chegada à Argélia dos militantes esquerdistas soltos e banidos do país em troca da vida do embaixador alemão, a *Folha de S. Paulo* de 16 de junho dizia que o goleiro Félix, titular da seleção, estava “com saudades do Brasil”.

4.4 O regime visto pela seleção brasileira: o caso João Saldanha

É bem possível que a “saudade” que Félix supostamente sentia nem existisse ou nem fosse tão grande assim, mas foi uma das várias ocasiões que a imprensa alinhada ao regime aproveitou para associar os heróis da seleção -- que, nessa concepção, lutavam para elevar o nome do Brasil no exterior, enfrentando as dificuldades próprias da batalha e a distância de seus familiares e de sua pátria -- à própria essência desse regime, isto é, sua identificação com os supostos interesses maiores da nação, contra a oposição irresponsável dos subversivos da ordem. Esse ponto de contato entre a ditadura e a seleção brasileira de 1970, muito além do simples discurso, traduziu-se em pressões reais.

O problema, nesse caso, é concluir, como verdade absoluta, que a interferência do governo militar sobre a equipe que representou o Brasil no México foi resultado simplesmente de uma estratégia deliberada de manipulação por parte da ditadura, como quer fazer acreditar certo pensamento da esquerda que este trabalho já destacou. Esse tipo de raciocínio ignora uma outra hipótese, a de que a suposta ação da ditadura sobre a seleção de 1970 possa ter sido consequência de uma pressão intensa da sociedade brasileira sobre a equipe, e então essa ação do governo seria apenas mais um elemento de um fenômeno mais amplo (o principal elemento, talvez, mas também isso é discutível).

O episódio mais marcante dessa possível conexão entre a seleção e a

ditadura foi a rumorosa demissão do técnico João Saldanha às vésperas do início da Copa. O caso é usado pela esquerda como o mais emblemático exemplo da intromissão do regime militar no futebol brasileiro e ainda hoje freqüenta o terreno das questões indisputáveis. Mas uma investigação um pouco mais cuidadosa mostra que essa conclusão talvez seja precipitada e mereça reparos.

João Saldanha, gaúcho como Médici, dirigiu a seleção de 4 de fevereiro de 1969 a 17 de março de 1970. Nesse período, o Brasil se classificou com tranqüilidade à Copa do Mundo, batendo todos os seus adversários nas eliminatórias com um futebol ofensivo e destemido, o que valeu ao time o apelido de “Feras do Saldanha”. Sua escolha para o posto de técnico da seleção surpreendeu: afinal, Saldanha era comunista militante. Mas o Brasil vinha de um estrondoso fiasco na Copa de 66 (fora eliminado na primeira fase), e a CBD, entidade privada, estava sob intensa pressão para renovar a seleção.

Era uma jogada arriscada do presidente da CBD, João Havelange, que desde 1969 articulava sua candidatura à presidência da Fifa – um triunfo no México era fundamental às suas pretensões. A opção recaiu sobre Saldanha, então um comentarista esportivo de grande prestígio, chamado de “João Sem Medo”, por não ter receio de defender seus pontos de vista. A idéia era que, ao dar a vaga de treinador a um de seus principais críticos, a seleção deixaria de ser criticada -- um equívoco, como a história mostraria em pouco tempo, porque a comoção em torno da equipe e o fracasso de quatro anos antes eram pesadelos muito maiores do que qualquer um naquela ocasião poderia medir. A seleção era uma bomba-relógio para seu treinador, fosse quem fosse.

Um ano depois de Saldanha assumir o cargo, a imprensa indicava que “o clima emocional” em torno da seleção estava “num crescendo assustador”.¹⁰⁷ No embarque da equipe no aeroporto de Congonhas (SP) para um amistoso contra a Argentina em Porto Alegre, marcado para 4 de março de 1970, os jornalistas tentaram adivinhar o que se passava dentro da equipe: “Os jogadores quase não falaram, demonstrando para muita gente que há alguma coisa de errado”.¹⁰⁸

Eram fortes os rumores de demissão naquela oportunidade. Havia informações de que Dino Sani, então contratado pela CBD para trabalhar como “olheiro”, como são chamados os técnicos responsáveis por observar os jogadores que podem integrar a seleção, seria seu substituto. Saldanha, bastante popular entre os torcedores devido a seu trabalho como comentarista, ironizava a pressão e sugeria que ela era resultado da briga de outros treinadores por seu cargo: “Sabe como é, eu tenho 75% [de apoio popular] no Ibope e eles estão brigando pelos outros 25%, contando os rádios desligados”.¹⁰⁹

Saldanha era visto como um “intruso” pelos outros técnicos, que atribuíam a ele a marca de “temperamental”.¹¹⁰ Os técnicos mais críticos, e por isso mesmo vistos como os que mais cobiçavam o cargo de Saldanha, eram Zezé Moreira, campeão paulista com o São Paulo em 1970 e que treinara a seleção brasileira em 1954; seu irmão Aymoré Moreira, técnico campeão do mundo com o Brasil em 1962, no Chile, e que treinara a seleção após o fiasco de 1966, tendo sido substituído justamente por Saldanha após uma série de fracassos em amistosos; Flavio Costa, marcado na história como o técnico da derrota da seleção na Copa de 1950; e

¹⁰⁷ *Última Hora*, 2.mar.1970, p.20.

¹⁰⁸ *Idem*, 3.mar.1970, p. 10.

¹⁰⁹ *Idem, ibidem*.

¹¹⁰ *Idem*, 17.mar.1970, p. 11.

Yustrich, o treinador do Flamengo conhecido na época por suas declarações e atitudes intempestivas. Saldanha também reclamava da imprensa -- logo ela, que deveria ser "domada" pelo cronista-treinador, mas que, em muito pouco tempo, passou a criticar seu estilo duro e centralizador de trabalhar e revelou o tamanho e a variedade das interferências na seleção: "Segundo essa gente [os jornalistas], eu sou muito autoritário e auto-suficiente, dizem que eu só quero mandar... Alguns chegam até a perguntar qual é o papel dos dirigentes, já que só eu apareço em público. O engraçado é que até há pouco tempo a imprensa reclamava exatamente das interferências dos dirigentes na escalação e na convocação da seleção".¹¹¹

Em pouco tempo, porém, o fato é que Saldanha isolou-se dentro da seleção. Quando decidiu cortar da equipe que iria para o México o lateral esquerdo Rildo, do Botafogo, e o zagueiro central Scala, do Internacional-RS, por razões médicas, queria fazer o anúncio da decisão ao lado do médico Lídio Toledo. Não o encontrou e acabou tendo de dar a informação sozinho, arcando, simbolicamente, com todo o ônus da medida -- os cortados, sobretudo Scala, fizeram posteriormente duras críticas ao trabalho de Saldanha. Outros jogadores que estavam fora aproveitaram para atacar o técnico. Toninho, centroavante do São Paulo cortado por bronquite, assinalou: "Acho que o ambiente que Saldanha criou entre os jogadores, depois dos cortes, vai trazer muitos problemas para a seleção (...). Fui informado recentemente que os jogadores não o vêem com bons olhos. Todos andam desconfiados do homem que fala muito e não cumpre com a palavra. Aquele negócio de 'João Sem Medo' não existe mais".¹¹²

O sucesso de Saldanha à frente da seleção, em termos de resultados, não escondia os diversos problemas de relacionamento entre ele e vários integrantes da comissão técnica formada pela CBD, além de rugas com jogadores, imprensa e outros treinadores. Essa tensão cresceu até um ponto em que não havia mais retorno. "Ao que tudo indica, a comissão técnica vem sofrendo violentas pressões por parte de certos grupos que exigem a imediata destituição de Saldanha",

¹¹¹ *Última Hora*, 3.mar.1970, p.11.

¹¹² *Última Hora*. 12.mar.1970, p. 11.

constatou o *Última Hora* publicado no dia queda do treinador.¹¹³ O jornal não especifica diretamente esses “grupos”, mas radiografa as pressões: “Em suma, por que querem derrubar Saldanha? Quem quer derrubar Saldanha? A imprensa, os cartolas, os entendidos de futebol...”. Em reportagem sobre Havelange, anos mais tarde, a *Folha de São Paulo* sugeriu que Saldanha caiu por questões relacionadas particularmente ao futebol, pois o presidente da CBD precisava ganhar a Copa.¹¹⁴ Segundo testemunhas, Saldanha começou a beber demais e a brigar com todo mundo.

Num dos episódios que podem ser tratados como a “gota d’água”, em 16 de março de 1970, Saldanha invadiu a concentração do Flamengo para brigar com o técnico Yustrich. Famoso por seu autoritarismo e com temperamento tão forte quanto o do treinador da seleção, Yustrich era o mais truculento de seus críticos -- ele o chamou de “covarde”, o que provocou a reação de Saldanha. O porteiro do Flamengo disse que Saldanha estava armado, o que ele negou -- disse que não tinha revólver. O confronto foi evitado, mas Yustrich não se intimidou e pediu que os militares tomassem uma providência contra o desafeto: “Se Saldanha continuar com o mesmo comportamento que teve até agora, acho que pode haver até uma intervenção do Exército na seleção, como já aconteceu em outros países onde, como no Brasil, o futebol tem grande repercussão na vida nacional”.¹¹⁵ Antônio do Passo, o coordenador da seleção, avisou que a paciência da CBD com Saldanha estava no fim. No dia seguinte, denunciou-o a Havelange.

Mas Antonio do Passo irritara-se também com outra atitude de Saldanha, e os relatos disponíveis sugerem que esta possa ter sido a real motivação para a queda do treinador: ele decidiu barrar Pelé.

Em 14 de março, três dias antes da demissão de Saldanha, o Brasil disputou um amistoso contra a equipe do Bangu, e o empate em 1 a 1, além da exibição fraca, foi motivo para que a imprensa e os torcedores criticassem duramente a seleção. Em

¹¹³ Idem, 17.mar.1970, p. 11.

¹¹⁴ *Folha de S. Paulo*, 8.jun.1998, p. Especial 3.

¹¹⁵ *Última Hora*, 16.mar.1970, p. 12.

sua avaliação do desempenho dos jogadores, o jornal *Última Hora* atribuiu a Pelé uma nota surpreendente, em se tratando do maior jogador de futebol de todos os tempos: “péssimo”.¹¹⁶

A situação era constrangedora, porque Pelé encontrava-se no auge de sua impressionante carreira. Estava com 29 anos e já naquela altura era considerado o maior jogador de futebol da história. Antes da Copa de 1970, não faltaram explícitas demonstrações de sua magnitude.

Após ter marcado seu milésimo gol¹¹⁷, em novembro de 1969, Pelé foi condecorado pelo presidente Médici e recebeu o título de comendador. Desfilou em carro aberto como um herói em Brasília. O feito de Pelé o coroou definitivamente como o rei do futebol e virou selo comemorativo.

O lendário Bobby Moore, capitão da seleção inglesa que enfrentaria o Brasil num jogo épico no México, convidou o craque, antes da Copa, a enviar para Londres calções, camisas e bolas que marcaram sua carreira, para uma exposição sobre futebol -- Pelé aceitou, mas exigiu que cada peça do material fosse segurada entre 110 mil reais e 245 mil reais, em valores atualizados.

Em maio de 1970, quando o Brasil desembarcou no México para o início da preparação para a Copa, os torcedores mexicanos que foram recepcionar a equipe pararam de gritar “viva Brasil!” e passaram a gritar “viva Pelé!” assim que viram o jogador.¹¹⁸ Quando a seleção disputou um amistoso contra um combinado local em Guadalajara, em 6 de maio, os cartazes que anunciavam o jogo na cidade diziam: “Hoy no trabajamos porque vamos a ver Pelé”. Uma reportagem sobre o jogo, que terminou em 3 a 0 para o Brasil, disse que “até os teatros” de Guadalajara fecharam suas portas por causa do jogador.¹¹⁹

¹¹⁶ Idem, *ibidem*.

¹¹⁷ A *Folha de S. Paulo* de 14 de maio de 1995, na pág. Especial 1, publicou reportagem que refez a contagem dos gols de Pelé e, segundo essa matemática, o milésimo gol havia sido marcado no jogo anterior do Santos, contra o Botafogo da Paraíba, em 14 de novembro. A conta da *Folha* não foi aceita pela CBF.

¹¹⁸ *O Estado de S. Paulo*, 3.mai.1970, p. capa.

¹¹⁹ Idem, 7.mai.1970, p. 20.

Mas Pelé vinha jogando mal havia algum tempo. Saldanha então resolveu tirá-lo durante o treino para um amistoso contra o Chile, marcado para o dia 22 de março, em São Paulo. “Você não anda bem ultimamente”, disse o técnico ao craque, segundo relato do próprio Saldanha publicado após sua demissão. “Se a fase não é boa, é preciso esperar. Por isso você sai nesse jogo.”¹²⁰ Flavio Costa, o treinador da seleção em 1950 e crítico de Saldanha, concordava com o diagnóstico, dizendo que Pelé deveria ser colocado no banco de reservas.¹²¹ O próprio Zagallo, que assumiria a equipe pouco depois, atestou os problemas do jogador: “Pelé, no momento, é nocivo à seleção”.¹²²

A má fase de Pelé era claríssima. Com dois quilos acima do peso, o jogador passou a ser vaiado em alguns jogos da seleção e a ter evidentes problemas em campo. Em um amistoso contra o Chile, no Maracanã, em 26 de março, o jogador protagonizou cenas indignas de sua fama. Relata a *Veja*:

*“O marcador do Maracanã estava registrando 1 a 0 para o Chile, quinta-feira à noite, quando Pelé voltou até o meio de campo, recebeu um passe de Clodoaldo, driblou um adversário, pôs a bola na frente e começou a correr. Quando todo o estádio prendeu a respiração, antevendo um lance magistral e, talvez, o gol de empate, Pelé tropeçou na bola e perdeu a jogada. Interpretando o desencanto da torcida, o locutor berra impetuosamente, agarrado ao microfone: ‘É, torcida, Pelé já não é mais o mesmo’. Será verdade?”*¹²³

¹²⁰ *Última Hora*, 18.mar.1970, capa.

¹²¹ *Idem*, 4.abr.1970, p. 11.

¹²² *Idem*, 19.mar.1970, p. 11.

¹²³ *Veja*, 1.abr.1970, p. 82.

Houve ainda duras críticas à renovação de seu contrato com o Santos na época, por 840 mil cruzeiros novos, ou cerca de 715 mil reais em valores atualizados, por mais dois anos, para “encerrar a carreira” no clube que o projetara (o Santos resistira a vendê-lo ao São Paulo, que oferecera 3 milhões de cruzeiros, ou 2,55 milhões de reais pelo passe do jogador). O salário era uma fortuna na época, coisa que a imprensa não deixou passar em branco. Como comparação, Zé Maria, lateral-direito que jogaria a Copa de 1974, na Alemanha, pediu 500 mil cruzeiros (409 mil reais) por dois anos de contrato com a Portuguesa. Em charge do jornal *Última Hora*, Pelé aparece sentado num saco de dinheiro enquanto dá uma entrevista em que pede ao país que “ajude as criancinhas pobres”, alusão ao discurso que fez quando marcou seu milésimo gol.¹²⁴ Os jornais já especulavam se aquele era o fim da carreira do maior jogador de futebol que o mundo já vira:

“A ascensão e queda de um ídolo é um fenômeno bastante conhecido (...). Pelé, o ídolo que todos pensavam que ia ser eterno, está sentindo nos comentários desfavoráveis da imprensa e nas vaias e decepções da torcida, que sua imagem de gênio já não tem o mesmo brilho, ou melhor, em cada jogada desperdiçada ou infeliz, ela não se mostra tão nítida como no começo das eliminatórias [para a Copa]. Uma pergunta, entretanto, fica pairando entre as críticas: como estará se sentindo o maior jogador do mundo (...) enquanto disfarça, com sorrisos tranquilos e respostas ponderadas, o peso da vaia de seu torcedor mais fiel?”¹²⁵

¹²⁴ *Última Hora*, 18.abr.1970, p. 11.

¹²⁵ *Idem, ibidem.*

O jogador aproveitou para criticar a imprensa e sua pressão intensa sobre a seleção:

*“Quando o assunto toca no delicado problema das vaias, Pelé pretende esconder, mas não pode deixar escapar sua irritação e de dar uma desculpa, apoiada numa explicação: ‘Infelizmente, nem a torcida nem a crônica esportiva entendem de futebol e estão sempre dispostos a descobrir falhas e motivos para a derrota ou o empate. O torcedor acredita na imprensa e vai ao campo preparado para ver goleadas, e, se isso não acontece, ela vaia, é claro. Isso não me afeta, porque sinto que estão influenciados pelos jornais’”.*¹²⁶

Pelé também comentou sobre a possibilidade de ser substituído em algum momento. Ciente de sua condição extraordinária, o jogador, que se referia a si mesmo em terceira pessoa, podia fazer demagogia e dizer que, sim, poderia ser substituído se fosse o caso -- embora soubesse que isso jamais iria acontecer:

“Embora não pense em ser substituído, Pelé diz que não se importa em ser barrado nem criaria caso com isso: ‘Acabou-se a lenda de que todo time era obrigado a jogar em função de Pelé. Só Deus sabe quando o meu futebol vai acabar, mas, quando isso acontecer, serei o primeiro a sair das quatro linhas, porque inclusive estou financeiramente bem’. (...)

¹²⁶ *Última Hora*, 18.abr.1970, p. 11.

Mas, apesar das críticas, das vaias e das decepções da torcida, uma esperança ainda repousa sobre a magia do Rei".¹²⁷

Saldanha estava disposto a tirar Pelé do time muito tempo antes, segundo se especulou na época, esperando testar Dirceu (Cruzeiro) ou Rivelino (Corinthians) em seu lugar.¹²⁸ Depois de ser demitido, o treinador deu uma entrevista na qual detalhou os problemas do jogador:

"Pelé, atualmente, tem poucas condições de disputar a Copa do Mundo, e os homens da comissão técnica e da CBD sabiam disso desde fevereiro do ano passado. Para mim, Pelé não seria titular da seleção brasileira, apesar de sabermos que ele é um gênio. Pode jogar boas partidas, mas não está em boas condições físicas".¹²⁹

Circulavam muitas versões para o estado de Pelé. Uma delas atribuía seu mau desempenho ao consumo de dexamil, remédio para dormir, porque o jogador estava afundado em compromissos que iam muito além dos campos -- "jogador, ator de TV, homem de negócios, publicitário, compositor, pré-vestibulando e pai de família".¹³⁰ Reportagem do *Diário da Noite* de Recife, citada pelo *Última Hora*, atribui a informação a Saldanha e diz que Pelé seria afastado pelo

¹²⁷ *Última Hora*, 18.abr.1970, p. 11.

¹²⁸ *Idem*, 19.mar.1970, p. 10.

¹²⁹ *Idem, ibidem*.

¹³⁰ *Última Hora*, 3.jul.1970, p. 11.

técnico porque não agüentou o ritmo da seleção e que estava “doente”. A notícia, verdadeira ou não, fez a Assembléia de Pernambuco recuar de sua intenção de conceder a Pelé o título de cidadão pernambucano, pois não era possível premiar um “viciado em narcóticos”.

E então Saldanha deu a explicação que entraria para a história como o maior erro de avaliação do treinador sobre Pelé: o jogador seria míope, o que limitaria sua capacidade de jogar à noite, por exemplo: “Cheguei a essa conclusão depois de observá-lo muito tempo, não só em campo, mas no convívio”.¹³¹ Saldanha passaria o resto de seus dias sendo questionado por isso, mas o fato é que o próprio Pelé admitiu ser míope, embora dissesse que isso não o atrapalhava. Como exemplo, citou seu milésimo gol, marcado de pênalti em 19 de dezembro de 1969, no Maracanã, em jogo disputado à noite.

O jogador se disse “amigo” de Saldanha e lamentou tanto sua demissão quanto os rumores de que ele teria sido responsável por ela.¹³² Um mês mais tarde, porém, em entrevista, Pelé diria que Saldanha “nunca entendeu coisa alguma de futebol” e que, com Zagalo, a seleção seria muito melhor.¹³³ Alguns dias depois, o craque voltaria a atacar duramente o ex-treinador: “Com sete [jogadores] do Santos, Tostão, Gérson, Jairzinho e Piazza, marcamos um monte de gols e tomamos apenas dois. Depois, ele [Saldanha] quis inventar e começou a mudar. Então, tudo começou a ficar mais difícil, porque o Saldanha se apavorava cada vez mais, até que o

¹³¹ Idem, 19.mar.1970, p. 10.

¹³² Idem, *ibidem*.

¹³³ Idem, 18.abr.1970, p. 11.

tiraram da seleção”.¹³⁴

O discurso pacífico e conciliador de Pelé logo após a dispensa de Saldanha, no entanto, não foi suficiente para aplacar a sensação imediata de que, por sua influência, o técnico havia caído. Em entrevista logo após a demissão, Saldanha arrolou os motivos pelos quais, na sua opinião, ele perdera o cargo: “Covardia, falta de pujança do futebol brasileiro e, possivelmente, o afastamento de Pelé do jogo de domingo contra o Chile”.¹³⁵ Coincidência ou não, o Brasil, já sob o comando de Zagalo, derrotou o Chile nesse jogo, no Morumbi, por 5 a 0, com dois gols de Pelé. O jornal *Última Hora* corroborou a versão de Saldanha:

“Uma coisa é certa: Pelé derrubou Saldanha. O técnico sempre demonstrou decisão e autoridade em tudo o que fazia. Mas, quando tentou mexer com o Crioulo, faltou-lhe o apoio necessário para continuar”.¹³⁶

Saldanha acabou demitido por Havelange na noite de 17 de março. No instante seguinte, foi para a rua, chamou os jornalistas de plantão e deu a célebre entrevista em que descreveu um diálogo que teria tido com Médici, no qual o presidente sugeriu a convocação do atacante Dario, então um dos cinco maiores artilheiros do país, e Saldanha respondeu: “O senhor escala o seu ministério e eu escalo o meu time”. Nunca apareceu uma única testemunha desse diálogo, mas ele é usado até hoje como “prova” da disposição de Saldanha de não fazer o “jogo” da ditadura. Em entrevista ao jornal *O Povo*, o atacante Jairzinho, um dos destaques

¹³⁴ *O Estado de S. Paulo*, 5.mai.1970.

¹³⁵ *Última Hora*, 19.mar.1970, p. 10.

¹³⁶ *Idem, ibidem*.

do Brasil na Copa e amigo de Saldanha, afirmou que o técnico caiu por pressão dos militares: “O que aconteceu foi que a retirada de Saldanha foi uma decisão política. Nem política, porque era ditadura, e política não existia. Foi uma imposição do presidente Médici. Foi um procedimento protocolar da ditadura”.¹³⁷ Jairzinho, porém, admitiu que nunca ouviu Saldanha afirmar isso.

Como se nota, o suposto envolvimento da ditadura na demissão de Saldanha tem várias versões e poucos fatos. Há ainda a hipótese de que o técnico foi demitido “por sua pretensa independência política”, pois “temia-se que Saldanha chegasse ao México com uma lista de presos políticos no bolso e, em entrevista coletiva, diante de microfones e câmeras do mundo todo, denunciasse o desrespeito aos direitos humanos que vinha ocorrendo no Brasil”.¹³⁸ Se isso fosse verdade, a ditadura não teria permitido nem que Saldanha assumisse o cargo.

Além disso, os relatos da época não autorizam a conclusão de que Saldanha criticara o presidente nem o regime no momento em que foi demitido pela CBD. Em entrevista publicada no dia seguinte à dispensa, o treinador declarou: “O Havelange começou dizendo que a comissão estava dissolvida. Perguntei, então, o que era dissolver, pois eu não era sorvete para ser dissolvido assim, sem mais nem menos. Ele disse que a comissão estava demitida. Voltei à carga: ‘Quero deixar bem claro que eu não me demito. O senhor é que está me demitindo, é isso?’. Havelange confirmou e eu me retirei”.¹³⁹ Não há uma única menção a Dario ou a Médici.

Um semana depois de cair, Saldanha não parecia irritado com o regime que supostamente o havia derrubado da seleção. A seu pedido, o técnico foi recebido em audiência pelo ministro Jarbas Passarinho, a quem entregou uma proposta de “reformulação do futebol brasileiro”. Passarinho apelou então ao “patriotismo” de Saldanha, para que evitasse falar mal da seleção e que superasse suas “mágoas”.¹⁴⁰

¹³⁷ *O Povo*, 21.jun.2005. Disponível na internet via WWW. URL: <http://www.noolhar.com/opovo/especiais/tricampeonato/485882.html>. Capturado em 20.dez.2005.

¹³⁸ AGOSTINO, Gilberto. Op. cit., p. 160.

¹³⁹ *Última Hora*, 18.mar.1970, p. 2.

¹⁴⁰ Idem, 26.mar.1970, p. 2.

Zagallo, o sucessor de Saldanha, até hoje relembra com mágoa o episódio da demissão, pois a memória popular, alimentada pela historiografia consagrada sobre o assunto, registra que foram as pressões de Médici as responsáveis pela queda do treinador, e não razões técnicas e pessoais. “Ele [Saldanha] saiu [da seleção] pelas cagadas que fez. Essa é a verdade. E eu entrei no lugar dele. E tem muita gente que quer me tirar o mérito. Quiseram dizer que eu peguei o time montado”, disse Zagallo em entrevista em 1995.¹⁴¹

No depoimento, ele diz que Médici não impôs Dario, embora, segundo especulações na época em que o centroavante foi convocado por Zagalo, houvesse o “desejo” do presidente: “Dizem que Dario só foi convocado para que se atendesse a uma vontade indisfarçável do presidente da República”, publicou o *Última Hora*.¹⁴² O próprio Dario capitalizava a suposta predileção de Médici por ele: “Minha responsabilidade é grande, pois represento o Atlético e sua torcida, além de ter a honra de ser o preferido do presidente Médici”.¹⁴³ A família do atacante agradeceu ao presidente pelo fato de o centroavante ter sido chamado por Zagalo. Num desabafo, uma tia de Dario, Salete de Barros Máximo, afirmou: “Ninguém queria o Dario na seleção. Se não fosse o presidente Médici pedir, ele nem seria convocado. Foi o presidente quem ajudou ele”.¹⁴⁴

Zagalo repele a insinuação de que sucumbiu a alguma pressão da ditadura a respeito do atacante: “O Dario foi artilheiro por onde passou. E me chamam de

¹⁴¹ *Folha de S. Paulo*, 16.jul.1995, p. 4-6.

¹⁴² *Última Hora*, 25.mar.1970, p. 11.

¹⁴³ *O Estado de S. Paulo*, 1º.mai.1970, contra-capas.

¹⁴⁴ *Idem*, 24.jun.1970, p.18.

retranqueiro. O Saldanha sempre foi um cara que me chamou de retranqueiro. Agora, no time dele só tinha meio-campo. Eu desconvoquei o Dirceu Lopes e o Zé Carlos, do Cruzeiro, meias, para convocar dois pontas-de-lança. Se o Médici tivesse feito a imposição, se isso fosse verdadeiro, o Dario seria titular ou, pelo menos, ficaria no banco. Ele não ficou nem no banco”¹⁴⁵. De fato, mesmo Dario sabia que era um mero coadjuvante na melhor seleção de futebol de todos os tempos. Pouco antes do início da Copa, ele se disse “muito satisfeito” por apenas “viajar com a seleção”¹⁴⁶.

O fato é que, se Médici queria Dario, não estava sozinho: o próprio Saldanha admitiu, em março daquele ano, que muitos torcedores estavam pedindo o centro-avante que atuava no Atlético-MG.¹⁴⁷ Gente importante no meio do futebol também manifestava apoio a Dario, conhecido como “Dadá Maravilha”. Joel Camargo, zagueiro do Santos que integraria a seleção campeã no México, sugeriu a convocação do jogador, por ser “um homem de área com características de rompedor”¹⁴⁸.

Com ou sem pressão de Médici para a convocação de Dario, o fato é que a demissão de Saldanha chegou a ser tratada claramente como uma “intervenção branca do governo federal no escrete”¹⁴⁹, embora o silêncio, dentro da seleção, fosse a norma, como expressou o massagista Mário Américo: “Não sabemos de nada.

¹⁴⁵ *Folha de S. Paulo*, 16.jul.1995, p. 4-6.

¹⁴⁶ *O Estado de S. Paulo*, 1º.mai.1970, contra-cap.

¹⁴⁷ *Última Hora*, 11.mar.1970, p. 11.

¹⁴⁸ *Idem*, 6.mar.1970, p.11.

¹⁴⁹ *Placar*, 20.mar.1970, nº 1, p. 8.

Política não é com a gente. Nossa função é outra”.¹⁵⁰ A revista *Placar*, na ocasião, arrolou quatro razões para a queda de Saldanha: brigas com a comissão técnica; liberdade tática excessiva aos jogadores; falta de organização tática; e interesse do governo pela seleção.

Em artigo sobre os bastidores da seleção, o jornalista Evandro Carlos de Andrade, depois da vitória final no México, comentou que “o governo acompanhava a crise muito mais de perto do que seria de se imaginar”, fruto, segundo ele, de uma espécie de clamor popular. Após a queda de Saldanha, segundo Andrade, “formaram-se correntes nacionais -- como se diz hoje em dia -- e quase todas favoreciam uma intervenção rigorosa que resolvesse de cima a baixo a organização do esporte nacional”. Havia mesmo quem acreditasse que a crise estava relacionada diretamente ao momento político do país: “Um grupo de oficiais radicais, entendendo que a crise com Saldanha liquidava nossas esperanças de vitória, suspeitando que essa crise fora forjada para trazer dificuldades políticas ao governo, farejando corrupção e subversão por toda parte -- esse grupo propôs a intervenção na CBD e uma devassa completa nas entidades esportivas do país”. De acordo com Andrade, Médici não aceitou esse papel. “A proposta foi levada ao presidente Médici. Sejam francos: sob este regime em que vivemos, tudo seria possível, no futebol como em qualquer outra atividade. Se a intervenção sugerida se desse naquele momento, não faltariam vozes para aplaudi-la. Revolução é para isso mesmo: pau neles.” Andrade culpou os cronistas esportivos que, a título de agradar o governo “poderosíssimo e supostamente ameaçador”, fizeram campanha contra

¹⁵⁰ *Última Hora*, 18.mar.1970, p. 10.

Saldanha e a CBD, versão que é corroborada por outras fontes. Mas o jornalista livrou Médici -- e seu relato acrescenta novas cores à imagem de um presidente positivamente ligado ao futebol e à seleção brasileira e que, embora pudesse ser arbitrário e repressivo em relação aos problemas da seleção, como o governo era em outras situações, preferiu, segundo essa visão, agir de modo pacificador:

“Pois o general Médici, que domingo à tarde, após viver a emoção dos quatro gols [da final contra a Itália] com gestos naturais de expansão, brincou com os netos fazendo embaixadas e cabeceando uma bola de futebol, mostrou que naquele momento era possível associar a alma ardente de um torcedor autêntico com a cabeça fria de um governante. Rejeitou liminarmente a proposta de intervenção e determinou que tudo fosse feito para recuperar, com a máxima urgência, o clima de paz na seleção, indispensável para chegar-se à vitória. Tem-se escrito que o governo nada fez que o incluísse entre os credores desta vitória. Pois ele é credor justamente por ter-se recusado a fazer, por deter no ar a mão pesada, por confiar no conjunto de individualidades diretamente responsável pela organização e pela atuação do selecionado e por proteger esse conjunto das investidas daqueles exaltados que pensam tudo corrigir com a aplicação sistemática das penas extremas, sentenciadas mal se vislumbram tropeços que o bom senso em geral supera sem deixar cicatrizes. Esses radicais (...) teriam posto tudo a perder se não tivessem sido detidos pela mão moderadora do presidente da República. Não é uma lição política?”¹⁵¹

Mas as atitudes do governo logo depois da demissão de Saldanha não

¹⁵¹ *O Estado de S. Paulo*, 23.jul.1970, p. 4.

atestam tão claramente esse caráter “moderador” da ação do Planalto. O governo federal mobilizou-se explicitamente por causa da crise. Passarinho declarou que o clima ruim em torno da seleção era prejudicial ao país. “Não quero que me acusem de omissão. Como ministro da Educação, exerço também a função de ministro dos Esportes. Por isso, pretendo explicações detalhadas sobre essa crise na seleção”, disse, pouco antes de um encontro com o presidente da CBD, João Havelange, no dia 18 de março.

Um dia depois, Passarinho disse que o governo federal decidira não intervir na CBD, mas afirmou que estava disposto a “devassar” a entidade para apurar “denúncias de corrupção” feitas por Saldanha, sem especificar quais.¹⁵² Ele diria, posteriormente, que não ameaçou intervir na CBD, apenas usou de “coação afetiva”.¹⁵³ O ministro da Educação reunira-se com Médici para discutir os problemas da seleção e, no mesmo instante, Havelange conversava no Planalto com os chefes do SNI (Serviço Nacional de Informações), general Carlos Alberto da Fontoura, do Gabinete Militar, João Baptista de Oliveira Figueiredo, e do Gabinete Civil, João Leitão de Abreu. Ao final daquele dia, Passarinho declarou que “a discórdia nesse campo [a seleção brasileira] abala profundamente a opinião pública do país”.¹⁵⁴ Logo, segundo esse raciocínio, era preciso transformar a seleção num modelo de ordem e disciplina.

O resultado dessa preocupação não tardou a se manifestar, e o alvo da intromissão do governo era Havelange. “João Havelange não é mais o todopoderoso presidente da CBD”, afirmou o jornal *Última Hora*. “Ele apenas dirige, provisoriamente, uma entidade que vai entrar em rigoroso balanço, tendo de submeter à aprovação do governo cada um dos seus atos”.¹⁵⁵ Apesar disso, especulava-se, na época, que Havelange escolhera Zagalo para substituir Saldanha porque podia controlá-lo. Um nome forte para a vaga era o do técnico Oto Glória, que dirigira a seleção de Portugal na Copa de 1966 -- equipe que ajudou a eliminar o Brasil da competição e que terminou em terceiro lugar. Mas Glória teria exigido

¹⁵² *Última Hora*, 20.mar.1970, capa.

¹⁵³ *O Estado de S. Paulo*, 9.mai.1970, p. 13.

¹⁵⁴ *Última Hora*, 20.mar.1970, p. 2.

¹⁵⁵ *Idem, ibidem.*

total independência, enquanto Zagalo poderia se tornar “um boneco nas mãos dos donos da CBD”.¹⁵⁶ E não só da CBD, mas do governo Médici. Anos mais tarde, o técnico ainda é visto como uma espécie de agente da ditadura, sobretudo na Copa de 1974, na Alemanha, competição em que a seleção dirigida por Zagalo terminou em um tímido quarto lugar. O jornalista Mauricio Azedo, em artigo para o jornal *Movimento*, em 1981, resume essa idéia:

*“Escudado no apoio que lhe dava o regime desde o governo Médici (“eu sou do lado de cá, enquanto ‘eles’ são do lado de lá”, dizia Zagalo, apontando o “lado de cá” como o braço e a mão da direita, ao contestar os cronistas que o criticavam, apresentando-os como gente de posição política de esquerda), num currículo realmente invejável, que incluía o tricampeonato mundial, conquistado no México, graças a uma geração que teve a felicidade de reunir Pelé, Tostão, Gérson, Jairzinho, Rivelino, Carlos Alberto Torres e Wilson Piazza, e no apoio derramado de importante área da crônica esportiva, Zagalo deitou e rolou”.*¹⁵⁷

A suposta subserviência de Zagalo foi bastante explorada na ocasião. Na véspera do anúncio de quais jogadores seriam dispensados antes do embarque para o México, a tensão na seleção era imensa. Mas, “apesar de sentir isso [o clima ruim na seleção], o técnico Mário Jorge Lobo Zagalo continua impassível, talvez por não ter coragem suficiente para tomar decisões sozinho, sem a ajuda dos cartolas que voltaram com as injunções tão condenadas e que haviam perdido lugar na época de Saldanha”.¹⁵⁸

As opções táticas de Zagalo, por outro lado, irritavam profundamente uma parte da imprensa esportiva. O meia-esquerda corintiano Rivelino, adorado por

¹⁵⁶ Idem, 7.abr.1970, p. 10.

¹⁵⁷ *Movimento*, 12 a 18.jan.1981, p. 5.

jornalistas de São Paulo, foi preterido por Zagalo, que preferia Gérson e Paulo César, dois jogadores que ele dirigiu no Botafogo do Rio e que atuavam de modo semelhante. A decisão do técnico de não escalar o centroavante Tostão junto com Pelé, por terem “características semelhantes”, também foi vista como um erro -- o mesmo cometido por Saldanha. Na véspera de um amistoso contra o Paraguai, em 12 de abril, o jornal *Última Hora* resumiu: “Tostão e Rivelino têm demonstrado que estão bem acima de Pelé e Gérson. Mas, contra o Paraguai, os dois continuarão na reserva.”¹⁵⁹ O empate em 0 a 0 com o Paraguai, num jogo fraco, fez a imprensa especular claramente sobre a queda do treinador. Na partida, Zagalo teimou: colocou Paulo César no lugar do ponta-esquerda santista Edu e pôs Gérson em vez de Rivelino, que nem no banco ficou. Ironicamente, Dario, que acabara de ser convocado pelo técnico por suposta pressão de Médici, foi um dos poucos a jogar bem, segundo o *Última Hora*¹⁶⁰. Em novo empate sem gols, desta vez contra a Bulgária, no Morumbi, em 26 de abril, Zagalo foi bastante vaiado. “Ele não deixou Pelé jogar ao lado de Tostão nem Rivelino ao lado de Clodoaldo”, resumiu o *Última Hora*. “[A torcida] vaiou muito, como se prevendo que com ele de técnico não vamos ganhar a Copa. Mas a verdade é que a torcida pode ter razão”.¹⁶¹ Três dias depois, o Brasil disputaria um amistoso contra a Áustria, no Maracanã. Na véspera, o jornal já dizia que, “nos corredores da CBD”, comentava-se que uma derrota poderia derrubar o técnico e que Havelange estaria “profundamente decepcionado” com Zagalo. Oto Glória, que havia chamado a preparação da seleção de “bagunça”, e Yustrich, o falastrão inimigo de Saldanha, eram os nomes cotados para a vaga.¹⁶²

Mesmo dentro da seleção, alguns jogadores comentavam abertamente a crise, como o cruzeirense Wilson Piazza, titular do meio-campo do Brasil conhecido por seu vigor físico e sua disposição. Ele criticou Zagalo por fazer modificações táticas de última hora no time, sem avisar os jogadores, e atacou a atitude de colegas de seleção, sem dizer quais: “Só nome não ganha jogo, é preciso garra, força

¹⁵⁸ *Última Hora*, 10.abr.1970, p. 11.

¹⁵⁹ *Última Hora*, 8.abr.1970, p. 11.

¹⁶⁰ *Idem*, 13.abr.1970, capa.

¹⁶¹ *Idem*, 27.abr.1970, capa.

¹⁶² *Última Hora*, 28.abr.1970, p. 11.

de vontade, disciplina tática”.¹⁶³ Para o *Última Hora*, Zagalo trazia de volta a sombra do fiasco da Copa de 1966: “Nos oito campeonatos mundiais disputados pelo Brasil, várias lições foram dadas. Apesar disso, estão se repetindo os mesmos erros de outros anos”.¹⁶⁴

Esse clima se refletia em praticamente todo o país. O ceticismo em relação à seleção que disputaria o título mundial no México era equivalente ao que cercou a equipe que jogou a Copa de 1954, sob a sombra da tragédia épica de 1950. Alguns jornalistas já se antecipavam e diziam que uma derrota na Copa não seria inteiramente desastrosa, porque serviria para alterar “estruturas viciadas em antigos erros, nos planos tático, técnico e administrativo”. Uma vitória, por outro lado, seria tão surpreendente, dadas as circunstâncias, que só poderia ser explicada pelas “virtudes do jogador brasileiro, valorizadas a partir de 1958 [conquista da Copa na Suécia]”.¹⁶⁵

Desse modo, a pressão sobre a seleção às vésperas da Copa era tão intensa que não se pode responsabilizar este ou aquele elemento pelo clima de crise que se instalou no time. Ao defender sua equipe, dizendo que ela seria campeã por ser “o melhor time do mundo”, Pelé desabafou contra os críticos, que pareciam vir de todos os lados: “O público brasileiro é o pior como torcedor, porque exige demais do jogador. Não dá tempo a nenhum treinador para organizar o time. Se começamos a treinar hoje, amanhã já exige de nós uma perfeita situação. Assim não é possível em nenhuma parte do mundo”.¹⁶⁶

O governo federal era parte atuante dessa pressão. Em avaliação sobre

¹⁶³ *O Estado de S. Paulo*, 1º.mai.1970, p. 28.

¹⁶⁴ *Última Hora*, 7.abr.1970, capa.

¹⁶⁵ *O Estado de S. Paulo*, 1º.mai.1970, contra-capa.

¹⁶⁶ *O Estado de S. Paulo*, 5.mai.1970, p. 29.

Zagalo, Passarinho mostrou que o Planalto não só estava atento ao desempenho da seleção como fazia coro às críticas segundo as quais o técnico estava cometendo erros, num evidente despropósito, que só pode ser atribuído ao papel especial que o futebol tinha na administração Médici. “Zagalo está acertando”, observou o ministro. “Sua teimosia inicial em manter Paulo César na ponta esquerda era apenas a necessidade de uma afirmação pessoal. Agora ele já sabe que Rivelino é o homem certo para a posição. É bom saber que, também pela esquerda, se faz gol. (...) Tenho certeza de que o Brasil passará das quartas-de-final. Mas, quanto ao campeão, eu garanto que Israel ou El Salvador não o serão. Vejo com bastante otimismo a evolução da seleção. Zagalo já descobriu o time. (...) Toda a torcida não podia admitir que Tostão e Rivelino ficassem de fora”. Na entrevista, o ministro, que demonstrou “interesse visível” em discutir “muitos pormenores da formação da equipe brasileira”, reiterou que a Copa era “uma questão nacional importante neste momento” e disse que o Brasil poderia ganhá-la se ocorressem “as transformações iniciadas no time”.¹⁶⁷

Alguns dias mais tarde, Passarinho deixou a desconfiança de lado e passou a tratar a conquista brasileira como algo tão certo que já era possível discutir a substituição da taça Jules Rimet, que, pelo regulamento da Fifa, ficaria em definitivo com o Brasil caso a equipe conquistasse o tricampeonato mundial, o que acabou acontecendo. Segundo o ministro, o governo brasileiro iria sugerir à Fifa a adoção da “Taça Pelé”, idéia de alguns jornalistas que trabalhavam no Planalto, mas que não era respaldada pela CBD. “Quando ganharmos o tri, o brigadeiro Bastos [chefe da delegação do Brasil] anuncia lá no México o oferecimento do

¹⁶⁷ Idem, 9.mai.1970, p. 13.

governo brasileiro. Antes vou falar com o presidente Médici, mas acho que ele vai autorizar.”¹⁶⁸

Médici, como “torcedor número um”, não poderia deixar de participar dessa pressão. E ele parece ter feito questão de manifestá-la publicamente. Em 28 de abril, o presidente almoçou com os integrantes da seleção no Palácio das Laranjeiras, sede do governo do Rio, antes do jogo contra a Áustria. Em conversa com Pelé, “Médici lembrou que ‘o povo quer é gols’ e que só com muitos gols a seleção ficaria livre de vaias, ainda jogando mal”.¹⁶⁹ Mais tarde, quando o Brasil já superara as desconfianças e os adversários mais duros e estava prestes a conquistar o título, Médici deixou vazar um clima de otimismo que, na verdade, soava muito mais como uma “ordem” para que a seleção não deixasse escapar a vitória: “No Palácio da Alvorada não se admite a hipótese de derrota [na final contra a Itália]”, relata *O Estado de S. Paulo*. “A recepção de terça-feira, no Palácio do Planalto, quando o presidente homenageará os jogadores e dirigentes de nosso selecionado, já está sendo preparada. E, respondendo à pergunta se alguma coisa mudaria no programa caso o Brasil perdesse, os assessores presidenciais respondem apenas: ‘O Brasil vai ganhar’.”¹⁷⁰

¹⁶⁸ *O Estado de S. Paulo*, 20.jun.1970, p. 29.

¹⁶⁹ *Última Hora*, 29.abr.1970, capa.

¹⁷⁰ *O Estado de S. Paulo*, 20.jun.1970, p. 29.

4.5 O “neo-ufanismo”

A suposta intervenção do regime na seleção deve ser entendida no contexto da época, e não como uma ação puramente ideológica. O Brasil dos militares era um país em que a caserna se sentia no direito (senão no dever) de interferir em todas as questões que diziam respeito à vida nacional, norteadas, segundo o ministro do Planejamento, João Paulo dos Reis Velloso, pelo desejo de atender à classe que havia aceitado (senão estimulado) o golpe de 64: “Não há nada menos reacionário do que o atual governo da revolução, pois ele está fazendo as reformas necessárias ao desenvolvimento do país, apoiado pelo pensamento da classe média, que é a dominante no país”.¹⁷¹

Por meio desse raciocínio justificavam-se medidas intrusivas no cotidiano dessa classe, como a censura, a fim de aniquilar as “ameaças” a seu bem-estar e a seus princípios. Para o chefe do Serviço de Censura Federal, Wilson Aguiar, por exemplo, “os autores chocantes podem ser equiparados aos terroristas que assaltam e que matam”.¹⁷² O ministro da Justiça, Alfredo Buzaid, foi ainda mais longe, vinculando a pornografia a um complô comunista: “O objetivo da sexualidade é a guerra revolucionária. Acreditam os agentes do comunismo internacional que, antes de destruir a democracia, é preciso destruir a família e desmoralizar a juventude. Através do rádio, da TV e de outros meios de comunicação coletiva, eles chegam até o seio da família brasileira”.¹⁷³ Curiosamente, João Saldanha, militante comunista, também estava preocupado com “desvios” da sexualidade em relação aos meninos que jogavam bola nas divisões de base dos clubes. Dias depois de ter saído do comando da seleção, em meio a rumores de que teria sofrido pressão de Médici, Saldanha declarou que era preciso banir os homossexuais que treinavam os times de garotos. “Ninguém ignora os malefícios que essa gente causa”, disse ele, que pediu “severa vigilância” do governo.¹⁷⁴

¹⁷¹ *O Estado de S. Paulo*, 3.jun.1970, p. 6.

¹⁷² *Idem*, 7.mai.1970, p. 18.

¹⁷³ *Última Hora*, 21.mar.1970, p. 7.

¹⁷⁴ *Última Hora*, 26.mar.1970, p. 11.

Para os militares, havia vários desafios a enfrentar, alguns bem mais imaginários que reais. Era o tempo do auge da Guerra Fria, em que havia um esforço redobrado para detratar tudo o que era produzido do lado de lá da Cortina de Ferro e para, ao mesmo tempo, justificar a repressão e a ampla ação ideológica em nome dessa luta. Esse anticomunismo feroz criou um tipo estranho de ideal democrático no Brasil daquela época. O ministro Márcio de Souza Melo o expressou em cerimônia no Planalto, em junho de 1970: “Temos não apenas de lutar pelo desenvolvimento como também de nos empenharmos, ininterruptamente, na defesa dos princípios basilares da democracia real, sem subterfúgios e sem interpretações falaciosas”.¹⁷⁵ Essas “interpretações falaciosas”, na visão do regime, diziam respeito não apenas à visão socialista mas também à dos liberais sobre a democracia. “O liberalismo político, assim como o liberalismo econômico, são velharias condenadas em virtude dos males que produziram à humanidade”, discursou o então vice-líder da Arena na Câmara, Clóvis Stenzel, em maio de 1970.¹⁷⁶

Isto é, a “democracia real” era aquela que a “revolução de 1964” estava implantando no Brasil, e não aquela que os dissidentes recalcitrantes defendiam. Questionado sobre como classificaria o regime, em razão da vigência do AI-5, o ministro da Justiça, Alfredo Buzaid, declarou, categórico: “Democrático”. E acrescentou: o problema é da contestação da Revolução, que está institucionalizada e não pode admitir que seja contestada”.¹⁷⁷ Tal “democracia” deveria ser protegida do perigo da subversão, cuja existência era o principal argumento para manter o país em estado de alerta -- sinal verde para o arbítrio. Em comemoração do Dia da Vitória na Segunda Guerra, em 8 de maio de 1970, o ministro do Exército, Orlando Geisel, deu a extensão desse “perigo”: “O véu diáfano da paz atual já não consegue encobrir os atos pérfidos e covardes de uma guerra planejada, dirigida e alimentada do exterior, que arregimenta pelo engodo e deforma consciências, destruindo famílias, aviltando princípios, arrastando jovens ao desespero do banditismo”.¹⁷⁸

¹⁷⁵ *O Estado de S. Paulo*, 13.jun.1970, contracapa.

¹⁷⁶ *Idem*, 6.mai.1970, contracapa.

¹⁷⁷ *O Estado de S. Paulo*, 8.mai.1970, capa.

¹⁷⁸ *Idem*, p. 7.

O “banditismo” a que Geisel se refere se traduz na subversão e na onda de seqüestros que tomou o país naquela época turbulenta -- somente em 1970, ano da Copa do Mundo, houve dois golpes militares na América Latina, e diplomatas eram seqüestrados em várias partes do continente. A “epidemia” era tamanha que foi tema de declaração conjunta da Organização dos Estados Americanos, obtida após intenso trabalho da diplomacia brasileira. Os países-membros da OEA “condenaram solenemente o terrorismo como arma política e em especial o seqüestro de pessoas inocentes, considerando-o um ato contra o espírito dos povos das Américas”.¹⁷⁹

O ano de 1970 foi o período do regime militar em que “o seqüestro teve a maior utilização e chegou ao esgotamento como forma de luta”, segundo Jacob Gorender.¹⁸⁰ A onda de seqüestros respeitava um padrão de ação que não parece fortuito. Eles passaram a ser a principal arma das guerrilhas para conseguir, em troca, a liberdade de militantes detidos pelos regimes militares -- no momento em que, pelo menos no Brasil, a guerrilha estava praticamente aniquilada, adquirira uma “imagem negativa” por conta dos assaltos e seqüestros e vinha sofrendo contínuo “desgaste moral” e “segregação política”.¹⁸¹ Resultado: “Os terroristas, agora, só querem saber de uma coisa: sair do país”.¹⁸² Era também um meio de ganhar espaço na mídia, obviamente fechada a suas reivindicações. Em tempos de censura e repressão, os dissidentes usaram a via do “terrorismo” para debater o modelo econômico brasileiro. Em sua mensagem de exigências após o seqüestro do

¹⁷⁹ *O Estado de S. Paulo*, 1º.mai.1970, p. 12.

¹⁸⁰ GORENDER, Jacob. *Combate nas Trevas*. 4ª edição. São Paulo: Ática, 1990, p. 192.

¹⁸¹ *Idem*, *ibidem*.

¹⁸² *Última Hora*, 5.jul.1970, capa.

então embaixador alemão, Ehrenfried Anton Theodor Ludwig Von Holleben, os guerrilheiros disseram que o poder de compra dos salários caíra 30% em relação aos anos 1963 e 1964, ou seja, antes do golpe. Os governistas se incomodaram. O deputado arenista Benedito Ferreira (GO) respondeu: “Ocorre justamente o contrário, pois nestes últimos seis anos houve um aumento de 60% no poder aquisitivo, em termos de gêneros de primeira necessidade”.¹⁸³

A mensagem dos guerrilheiros deve ter tido efeito nulo, porém. Em troca de 40 dissidentes, enviados à Argélia, Von Holleben foi solto em 17 de junho, mesmo dia em que o Brasil venceu o Uruguai (3 a 1), na famosa “Vingança do Maracanã”, o “troco” pela traumática derrota para os uruguaios na final da Copa de 1950. É improvável que a maioria dos brasileiros estivesse ocupada com outras coisas além de comemorar a épica vitória, que resgatava o orgulho brasileiro das trevas do “Maracanazo”.

Além disso, o governo, em seu bom momento, procurou capitalizar sua atitude “conciliatória” em relação aos guerrilheiros ao libertar os dissidentes. “O presidente continuou recebendo de todas as partes do país mensagens de repúdio ao seqüestro do embaixador alemão por terroristas, e ao mesmo tempo de aplausos ao governo brasileiro por sua intenção de salvar a vida do diplomata [ao libertar os guerrilheiros].”¹⁸⁴

A tenacidade com que o governo procurava argumentos para manter-se duro no combate ao que considerava obstáculos inaceitáveis a seu projeto de país resultava também de uma crescente pressão externa, traduzida pelas denúncias, cada vez mais freqüentes na mídia estrangeira, de torturas e execuções

¹⁸³ *O Estado de S. Paulo*, 17.jun.1970, p. 6.

¹⁸⁴ *O Estado de S. Paulo*, 17.jun.1970, p. 6.

extrajudiciais praticadas nos porões do regime brasileiro.

Em abril de 1970, por exemplo, o senador americano Edward Kennedy, do Partido Democrata, acusou o governo Médici de torturar padres e estudantes. Uma declaração desse tipo, vinda de um parlamentar com a visibilidade de Kennedy, tinha enorme potencial negativo, razão pela qual a resposta dos governistas não tardou, e foi dura. Mem de Sá, senador gaúcho da Arena e ex-ministro da Justiça, rebateu as críticas vinculando o político americano “liberal” à subversão, tanto da ordem política como da moral: “Temos falhas sim, cometemos violências e desmandos, malferidas estão as instituições basilares, mas ainda não exibimos ao mundo exposições de pornografia nem centenas e milhares de homens e mulheres em nudez e promiscuidade, embebedando-se com entorpecentes ou ceando-se em sórdido erotismo. (...) [A acusação de Kennedy] seria gostosamente subscrita por um comunista ou por um subversivo treinado e domesticado em Havana”.¹⁸⁵ Mem de Sá, no entanto, admitiu que existia violência contra opositores do regime no país, mas, segundo um discurso que pode ser entendido como padrão de resposta do governo a esse tipo de acusação, o senador tentou mostrar que os maus-tratos, se havia, eram coisa de escalões inferiores, agindo segundo critérios que não eram os adotados pelo regime, e que Médici estava tentando conter: “Não é privilégio do Brasil o mau tratamento, a brutalidade e a violência da política contra os presos e suspeitos de crime. (...) [Isso não desculpa] esses estúpidos crimes políticos, [mas é preciso dizer] que os escalões superiores do poder no Brasil, o presidente, os ministros, os governadores, todos quantos têm consciência de sua responsabilidade, condenam, verberam, profligam com a maior indignação esses crimes que maculam a civilização brasileira, tradicional e invariavelmente caracterizada pelo pacifismo e pela generosidade”.¹⁸⁶

Já o governo enxergava nas críticas e nas denúncias contra o regime uma orquestração subversiva com o propósito de “difamar” o Brasil no exterior. Mais de uma vez, segundo a imprensa da época, Médici manifestou-se preocupado com a imagem do país, o que explica em parte o empenho de seu governo para fazer da

¹⁸⁵ *Última Hora*, 25.abr.1970, p. 3.

¹⁸⁶ *Idem, ibidem*, p. 3.

seleção brasileira de futebol um vistoso contraponto às denúncias. Em nota oficial em maio de 1970, a Presidência diz que “não há tortura” nas prisões brasileiras nem “presos políticos”. No Brasil, segue a nota, “ninguém perde a liberdade simplesmente por divergir da orientação democrática defendida pelo governo”. Segundo a mensagem, o que existem são “terroristas” detidos enquanto respondem a processo regular.¹⁸⁷

Para reforçar o discurso, o líder do governo na Câmara, Raimundo Padilha, ao comentar um documento em que a CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) sugeria a investigação sobre presos políticos no Brasil, ainda procurava sedimentar a noção segundo a qual o “terrorismo” e a “subversão” não eram condizentes com a índole pacífica do brasileiro, sendo fenômenos resultantes de ideologias alienígenas: “No Brasil, já disse o presidente da República, não há hoje um só preso político, cassado ou não, adversário ou não do atual governo. A tranqüilidade da família brasileira é a obrigação fundamental do nosso governo. Contra a desordem provinda do exterior, a ordem interna, codificada nas leis do país e elaboradas estas segundo o teor elevado de nossa cultura social e política e os sentimentos mais arraigados no coração do brasileiro de concórdia e benevolência. O terror é um produto espontâneo da embriogenia totalitária. Em solo brasileiro não prevalecerá jamais”.¹⁸⁸

A resposta agressiva à crítica internacional mal esconde outra obsessão do regime ditatorial brasileiro naquela etapa, a idéia de independência, que aqui nos interessa porque, como já foi dito, o ano de 1970 representa o momento da afirmação alegre e confiante da “brasilidade autêntica” que alimentava o projeto da ditadura.

Ao contrário do que se poderia supor, não havia alinhamento automático do regime ditatorial com os EUA, ao menos no nível do discurso. Muito pelo contrário: Médici, cujo posicionamento seria hoje aplaudido pela esquerda, criticou duramente o que ele caracterizou de tentativa de monopólio do campo científico por parte dos norte-americanos. E o Brasil enviava sinais de que, sim, estava

¹⁸⁷ *O Estado de S. Paulo*, 9.mai.1970, contracapa.

¹⁸⁸ *Idem*, 2.jun.1970, p. 7.

interessado em energia nuclear, aproximando-se da Alemanha para fazer um acordo com finalidades pouco claras, o que certamente alarmava Washington.

Médici, no entanto, não parecia incomodar-se em proclamar que o projeto desenvolvimentista da ditadura incluía o “grande salto tecnológico”: “Por essa razão, o Brasil quer ter as mãos livres em todos os setores da pesquisa científica e da aplicação pacífica de novas e ilimitadas fontes de energia. E se recusa a comprometer seu futuro, obrigando-se por esquemas internacionais em que lhe são negados direitos e prerrogativas, que se pretendem constituam privilégios de alguns (...). Não admitimos que a grande revolução científica e tecnológica de nosso tempo se faça -- como ocorreu no século XIX, com a Revolução Industrial -- em benefício quase exclusivo de países mais desenvolvidos. Repelimos qualquer tentativa, seja qual for o pretexto invocado, de restauração da tese de zonas de influência ou de imposição da vontade política de um país, ou de grupo de países, a outros”.¹⁸⁹

Era o tempo dos projetos grandiosos, a marca que a ditadura de Médici quis imprimir na história. “A meta essencial de meu governo pode resumir-se numa palavra: desenvolvimento”¹⁹⁰, afirmou o presidente. Do crescimento do país, em última análise, dependia a abertura política, segundo Médici: “Não é possível assegurar a plenitude da liberdade política enquanto existirem conflitos sociais, de sua maioria de natureza econômica”. Para ele, a intervenção do Estado era necessária para “moralizar” a economia e garantir o “fim de todas as desigualdades”.¹⁹¹ Em célebre discurso na Escola Superior de Guerra, Médici declarou: “Apesar do esforço realizado durante seis anos pela revolução de 1964, quando nos voltamos para a realidade das condições de vida da grande maioria do povo brasileiro, chegamos à pungente conclusão de que a economia pode ir bem, mas a maioria do povo ainda vai mal”.¹⁹² Jarbas Passarinho, ministro da Educação e um dos mais ativos porta-vozes do Planalto, confirmou: o grande “inimigo” é o

¹⁸⁹ *Última Hora*, 21.abr.1970, capa.

¹⁹⁰ *Última Hora*, 21.abr.1970, p. 7.

¹⁹¹ *Idem*, 6.mar.1970, p. 3.

¹⁹² *Idem*, 11.mar.1970, p. 3.

subdesenvolvimento, e a questão devia ser tratada “sem sentimentalismos”.¹⁹³ A imprensa refletia esse esforço desenvolvimentista, quer por acreditar no projeto, quer por estar sob censura. “Hoje Médici interligará o Brasil”, trombeteou um título do jornal *Última Hora* em 7 de abril de 1970¹⁹⁴, referindo-se à inauguração de dois trechos de rodovias nordestinas.

Simultaneamente, no entanto, era a época de uma das grandes secas no Nordeste, que dividiu as atenções do presidente-torcedor com a Copa do Mundo. A estiagem atingiu Ceará, Piauí, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Paraíba, Alagoas e Bahia. Cerca de 1,8 milhão de pessoas foram mandadas para as frentes de trabalho criadas pelo governo, e outras centenas de milhares invadiram cidades e saquearam trens, caminhões, feiras e estabelecimentos comerciais em busca de comida e outros mantimentos. A situação catastrófica na região predominantemente agrária ocorria no mesmo ano em que o Censo demográfico indicou que a população urbana havia atingido 56% do total, superando a rural no Brasil pela primeira vez, talvez como reflexo da degradação nordestina e dos incentivos industriais no Sudeste.

Mesmo pressionado pelo terrível quadro de fome e desespero, Médici aparentemente saiu-se bem no teste de popularidade, muito em razão de sua atuação diante da tragédia. O presidente fez um giro pelas cidades mais afetadas pela seca, conversou com os flagelados e anunciou medidas emergenciais, isto é, apresentou-se como um chefe de Estado preocupado com o destino de uma parte do país geralmente esquecida pelo poder público. O quanto essa atitude foi resultado de um minucioso planejamento de relações públicas por parte do governo ou de autêntico interesse por parte de Médici, é difícil saber. Mas impressiona o desprendimento do presidente, que deve ter pesado consideravelmente a seu favor no que diz respeito à sua já crescente popularidade.

Em cena descrita por *O Estado de S. Paulo*, Médici, em visita ao Ceará para ver de perto os efeitos da seca, encontrou-se com as vítimas da catástrofe e conversou com elas. “Depois de Deus, só o sinhô pode nos valer”, disse o flagelado

¹⁹³ Idem, 5.mar.1970, p. 2.

¹⁹⁴ Idem, 7.abr.1970, p. 7.

Raimundo Gomes de Souza ao presidente, que respondeu que tudo iria melhorar. “Acredito no homem. Ele disse que vai cumprir. Ninguém mais passa fome”, comentou Raimundo.¹⁹⁵

Na mesma visita, Médici explorou um gestual que, descrito pela imprensa, salientava sua “humildade” perante a tragédia daquelas pessoas e também sua determinação de, como chefe de Estado de um país “que vai para frente”, segundo suas próprias palavras, resolver aquele problema o mais rapidamente possível. Em reportagem intitulada “O flagelado sentado, o general se abaixa”, *O Estado* detalha esse esforço do presidente em demonstrar disposição: “O semblante do presidente reflete muita preocupação e seriedade. Ele chama seus assessores. Fala em remédios. Pede a lista dos medicamentos que seu avião havia trazido. Faz que sejam marcados nela os medicamentos mais úteis aos flagelados. Ordena aos assessores que providenciem o transporte daqueles remédios para o local, sem a menor demora”.

Depois de agir como presidente, dando ordens e estabelecendo prioridades, Médici assumiu o papel de “homem do povo”, no qual parecia bem à vontade: “O presidente, em seguida, se dirige aos trabalhadores, puxa conversa com eles, pergunta-lhes coisas. De um grupo deles, quer saber se de vez em quando dão um golinho de pinga. A resposta é não, imediata. Os flagelados falam da maneira como estão -- sentados no chão, pratos nos joelhos. O general-presidente é que se abaixa para ficar perto deles, e ouvi-los”.¹⁹⁶ E Médici, na terra que crê em milagres e santos, transforma um cenário potencialmente negativo em mais uma oportunidade para pedir união nacional em torno de sua Presidência e do regime: “Quero dizer que não me sinto com poderes e dons para fazer milagres, mas tenho firmeza, confiança e decisão para proclamar à nação inteira que, com a ajuda de todos os brasileiros e com a ajuda de Deus, o Nordeste afinal haverá de mudar”.¹⁹⁷

Foi nesse cenário de tensões e expectativas políticas, sociais e institucionais que a Copa do Mundo de 1970 se enquadrou: a competição flagrou o regime militar no momento em que ele se propunha a cumprir o papel que julgava lhe caber, o de

¹⁹⁵ *O Estado de S. Paulo*, 5.jun.1970, contracapa.

¹⁹⁶ *Idem, ibidem*

garante da segurança e da paz internas para o desenvolvimento do país -- e isso, trocando em miúdos, significava esmagar todos os movimentos de subversão da ordem, ao mesmo tempo em que se desenrolava uma campanha cujo objetivo era destituir os brasileiros de sua condição de indivíduos, reunindo-os sob o manto indiscutível da nacionalidade. “O primeiro caminho para a valorização do homem brasileiro é a integração de todos no esforço nacional”, anunciava Médici em 10 de março de 1970, na aula inaugural da Escola Superior de Guerra. O discurso é revelador da estratégia do governo:

*“Valendo-me dos modernos meios de comunicação que a revolução de março trouxe e que hoje já permite a identificação de todos os brasileiros, estarei sempre presente à casa de cada um para dizer a todos a verdade, e somente a verdade. Não farei promoção pessoal nem permitirei que outros o façam à minha sombra. A comunicação social do meu governo visa a informar-se, a informar, a divulgar e a educar. Usarei os instrumentos a meu alcance para o chamamento de todos à coesão, ao respeito à lei, à produtividade, à união, à esperança. Usarei esses instrumentos para mobilizar a vontade coletiva para a obra do desenvolvimento nacional. Deixo bem claro que não espero unanimidade em torno da administração, o que seria incompatível com o regime democrático. Espero apenas que, todas as vezes em que estiverem em jogo os supremos valores da liberdade, do desenvolvimento e da segurança, compreendamos que a pátria é uma só”.*¹⁹⁸

Esse “esforço nacional” justificava o arbítrio e a distorção da realidade e, ao mesmo tempo, criava as condições para a explosão de ufanismo na época da Copa do Mundo. A vitória no México foi, portanto, a centelha que deflagrou um processo que já estava em gestação no país. Ao governo coube aproveitá-la. A revista *Realidade* identificou essa onda ufanista, sem, no entanto, atribuir sua responsabilidade ao governo – preferiu mostrar que os militares capitalizaram uma

¹⁹⁷ *O Estado de S. Paulo*, 7.jun.1970, capa.

¹⁹⁸ *Última Hora*, 11.mar.1970, p. 7

situação já existente. “Estimulada pela vitória do Brasil na Copa do Mundo, uma onda ufanista corre o país de norte a sul”, disse a publicação, em setembro de 1970, sob o título “O novo ufanismo”.¹⁹⁹ A revista identifica o movimento como “um surto”, “um neo-ufano-nacionalismo, com todos os perigos dos ismos, certamente uma força nova, que poderá ser boa ou má conforme o destino que lhe derem os formadores da opinião pública. Que fazer com ela? Em qualquer escalão do governo a mesma resposta: colocá-la a serviço do desenvolvimento”.

O regime exaltava “os valores” do brasileiro, reforçados pela conquista do tri. Exaltava também a “unidade” em torno de um objetivo, a consistência moral dos bons, a prevalência da “vontade coletiva” sobre o desejo individual – uma crítica direta aos grupos que contestavam o regime, vistos, pelos militares, como uma minoria barulhenta que tentava prevalecer diante da maioria silenciosa do país. No discurso do dia da vitória na Copa, Médici disse:

“E identifico, na vitória conquistada na fraterna disputa esportiva, a prevalência de princípios que nós devemos amar para a própria luta em favor do desenvolvimento nacional. Identifico no sucesso da nossa seleção de futebol a vitória da unidade e da convergência de esforços, a vitória da inteligência e da bravura, da confiança e da humildade, da constância e da serenidade, da capacitação técnica, da preparação física e da consistência moral. Mas é preciso que se diga, sobretudo, que os nossos jogadores venceram porque souberam ser uma harmoniosa equipe, em que, mais alto que a genialidade individual, afirmou-se a vontade coletiva. Neste momento de vitória, trago ao povo a minha homenagem, identificando-me

¹⁹⁹ *Realidade*, set.1970, p. 98-103.

todo com a alegria e a emoção de todas as ruas, para festejar, em nossa incomparável seleção de futebol, a própria afirmação do valor do homem brasileiro".²⁰⁰

No mesmo discurso, o presidente reforçou a imagem patriótica e nacionalista do país ao qual oferecia seus préstimos de modesto timoneiro: "Como um homem comum, como um brasileiro que, acima de todas as coisas, tem um imenso amor ao Brasil e uma crença inabalável neste país e neste povo, sinto-me profundamente feliz, pois nenhuma alegria é maior em meu coração que a alegria de ver a felicidade do nosso povo, no sentimento da mais pura exaltação patriótica".²⁰¹

O regime e seus simpatizantes queriam fazer crer que um novo país estava a surgir, e a conquista da Copa nada mais era do que a prova desse nascimento. Para alguns, inclusive, não havia nenhum problema moral com o fato de que o governo tivesse se envolvido tanto com a seleção -- antes pelo contrário, foi aplaudido por isso. Um empresário, José Cândido Moreira de Souza, dono da indústria de roupas Ducal, pagou anúncio em jornais para falar das "lições da seleção" e do momento do país como se fossem uma coisa só:

"[...] há que, com justiça, salientar o apoio ostensivo dado pelo governo brasileiro aos jogadores e técnicos da seleção. Esse apoio, claramente expresso até mesmo pelo presidente da República, deu aos dirigentes da seleção aquela tranqüilidade essencial para as decisões. O governo não teve cerimônia -- nem havia de ter -- em dar cobertura aos que, no campo esportivo, estavam lutando pelo país. O empresariado brasileiro viu, com entusiasmo, essa atitude do governo em apoiar os que, nos diversos campos, lutam pelo desenvolvimento

²⁰⁰ *Folha de S. Paulo*, 22.jun.1970, capa.

²⁰¹ *Folha de S. Paulo*, 22.jun.1970, capa.

brasileiro. Não hesitaria em incluir a disposição do governo em apoiar a seleção no programa de desenvolvimento do país".²⁰²

Em um curioso editorial a respeito desse "novo momento" do país, "Festa do povo"²⁰³, a *Folha de S. Paulo* disse que as campanhas nas Copas do Mundo desde 1958 refletiram o momento do país em cada um daqueles anos. Em 58, o Brasil vencera "na época do desenvolvimento tumultuado que gerou euforia e confiança nas possibilidades nacionais". Em 62, vencemos "de maneira menos brilhante, mas dentro do mesmo impulso do campeonato anterior". Em 66, "a decepção": "Nos campos esportivos, pagávamos o mesmo preço que o país inteiro se via obrigado a pagar pelos erros do passado: a improvisação, a falta de infra-estrutura, o desenvolvimento 'às caneladas'". Em 70, por outro lado, a conquista "ocorre num momento em que o Brasil já consertou tradicionais erros, partiu para um desenvolvimento planejado e tem consciência clara do que é e do que almeja". E tome nacionalismo, que tem o condão de superar "divergências e ressentimentos":

"A verdade irrecusável é que o Brasil levou para os campos de futebol, na disputa de um campeonato que tanto diz à alma popular, todo o espírito que hoje anima a nossa pátria: confiança ilimitada em suas possibilidades (...). Foi tão grande essa união (...) que ela se estendeu pelo Brasil afora (...). De repente, demo-nos as mãos, esquecendo divergências e ressentimentos. A bandeira nacional, símbolo não apenas da pátria, mas de uma pátria indestrutivelmente unida e coesa, veio às ruas, às casas, aos automóveis, numa exaltação cívica sem precedentes".

²⁰² Idem, 28.jun.1970, p. 15.

²⁰³ *Folha de S. Paulo*, 23.jun.1970, p. 4.

A profusão de bandeiras do Brasil nas ruas durante os festejos pelas vitórias da seleção na Copa de 1970 resultou em parte de uma campanha oficial “pela promoção à bandeira nacional”, conforme noticiado pelo jornal *Última Hora*.²⁰⁴ A respeito desse fenômeno, Marilena Chauí identificou nele um interessante contraste com as celebrações durante a disputa em 1958. “Nas comemorações de 1958 e de 1970, a população saiu às ruas vestida de verde-amarelo ou carregando objetos verdes e amarelos. Ainda que, desde 1958, soubéssemos que ‘verde, amarelo, cor de anil/ são as cores do Brasil’, os que participaram da primeira festa levavam as cores nacionais, mas não levavam a bandeira. A festa era popular. A bandeira brasileira fez sua aparição hegemônica nas festividades de 1970, quando a vitória foi identificada com a ação do Estado e se transformou em festa cívica”.²⁰⁵

DaMatta, no entanto, discorda que o uso da bandeira denote necessariamente um elo direto com o regime militar: “É pelo futebol (...) que se permite à massa uma certa intimidade com os símbolos nacionais. E é só nos dias de jogo da ‘seleção brasileira’ que se pode observar o povo vestido com as cores da bandeira nacional, vivendo uma experiência concreta de ‘união nacional’. Nesses momentos de ‘carnaval cívico’, criados pelo futebol, os símbolos sagrados da pátria (que, no Brasil, são cercados de regras em termos de seu uso), deixam de ser propriedade das camadas dominantes e, sobretudo, do ‘governo’ e das ‘autoridades’, para se disseminarem pelo meio da massa anônima, que com eles celebra uma relação de franca e desinibida intimidade. Essa experiência (...) transcende seus usos e abusos pelo governo”. Para o antropólogo, a mobilização patriótica em torno do futebol está obviamente à mercê dos governos autoritários, mas isso não pode impedir uma análise que permita perceber o quanto esse fenômeno avança muito além disso:

²⁰⁴ *Última Hora*, 4.mar.1970, p. 3.

²⁰⁵ CHAUI, Marilena. *Brasil - Mito Fundador e Sociedade Autoritária*. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2000, p. 32.

“[...] As experiências de solidariedade e da vitória são, a meu ver, os ingredientes básicos para movimentar qualquer transformação real da sociedade, sobretudo numa sociedade onde o povo é massa e, como tal, jamais pode se fazer ouvir claramente. Longe, pois, de ver essa experiência futebolística como o protótipo do material que governos autoritários podem mobilizar em proveito próprio, quero acentuar o lado positivo (ou liminar) da experiência com o futebol no seu sentido mais amplo e generoso, quando ela permite à massa destituída ter o sentimento de totalidade nacional, do valor do povo representado pelos seus ídolos e, mais importante que tudo isso, da vitória plena e merecida”.²⁰⁶

A despeito da argumentação de DaMatta, o nacionalismo e o ufanismo adquiriram o grau típico dos países em que a ditadura se incorpora aos hábitos e costumes. “Andar de carro pelas principais cidades sem bandeiras nacionais nos pára-brisas era muito mais do que uma falta de interesse esportivo: era uma temeridade. (...) O mais surpreendente nestes excessos de zelo patriótico foi talvez o fato de serem cometidos não apenas por jovens habituados a um comportamento espalhafatoso nas ruas, mas também por senhores normalmente respeitáveis e circunspectos”, disse a revista *Veja* na época.²⁰⁷ O relato de *O Estado de S. Paulo* sobre as comemorações pela vitória contra o Uruguai²⁰⁸, na semifinal do Mundial, dão conta do terror contra aqueles que não queriam ou pareciam não querer participar da festa. Na avenida Rebouças, um sujeito num Fusca quase foi linchado porque não buzina como os demais à sua volta. “Uruguai! Uruguai!”, gritavam. “Por que você não canta? Você não é brasileiro? Buzina aí, você não é brasileiro?”. Exigia-se felicidade. “Gente triste é uruguai, gente triste é uruguai!”. “Nunca tantos foram tão brasileiros como nesta hora”, diz *O Estado*, numa ironia aparentemente involuntária. “Era como se o mundo tivesse sido totalizado (ou encompassado) pelo futebol, de modo que o desempenho futebolístico servia de

²⁰⁶ DAMATTA, Roberto (et. al.). *Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakothek, 1982, p. 34.

²⁰⁷ *Veja*, 1.jul.1970, p. 30.

²⁰⁸ *O Estado de S. Paulo*, 18.jun.1970, p. 32.

medida para tudo”, comenta DaMatta. “Daí o carnaval cívico-nacionalista depois da vitória final, contra a equipe italiana, com o povo cantando nas ruas a fraqueza dos italianos e louvando o poder dos brasileiros.”²⁰⁹

Esse nacionalismo, cujo caráter violento era evidente, foi visto como positivo por uma elite que, embora fosse crítica do regime, estimulava a mensagem de união nacional contra a ameaça “estrangeira”, sobretudo aquela representada pela influência dos países do bloco comunista. O mesmo *O Estado de S. Paulo* que viria a pedir abertura democrática em meio às festas pela conquista do título no México é o jornal que, em editorial, elogiava “a unânime vibração popular em todos os quadrantes do nosso imenso território, a cada vitória das cores brasileiras em todo o transcorrer do campeonato”. E completou:

*“Vibrou o Brasil como um corpo só, como um bloco indivisível, como um bloco monolítico, sem preocupações regionais, numa comovedora demonstração de nossa vocação de unidade. E numa demonstração também de autêntica brasilidade, até mesmo na espontaneidade com que o povo, ao derramar nas ruas ruidosamente a sua alegria, repeliu os que lhe procuraram impingir inspirações alienígenas, para só escolher autênticas e tradicionais canções populares como intérpretes de seu júbilo e de seus sentimentos”.*²¹⁰

A valorização dessa “brasilidade” teve sua face mais vistosa no slogan “Brasil: ame-o ou deixe-o”. Criado em abril daquele ano por um grupo de empresários paulistas possivelmente ligados à Operação Bandeirante, sob inspiração dos americanos defensores da Guerra do Vietnã (“America, love it or leave it”), o slogan ganhou uma extensão não prevista por seus criadores: bancas de

²⁰⁹ DAMATTA, Roberto (et. al). *Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakothek, 1982, p. 34.

²¹⁰ *O Estado de S. Paulo*, 23.jul.1970, p. 3.

jornal vendiam adesivos com a frase, e o slogan era desenhado por crianças em aula: “Com a Copa do Mundo, a campanha brasileira se tornou ainda mais parecida com a americana: milhares de bandeiras do Brasil invadiram as residências e os automóveis”.²¹¹

Desse modo, não surpreende que a história registre a impressão de que o slogan fora inventado pelo governo, para desgosto de Octávio Costa, o general que chefiava a Agência Especial de Relações Públicas (AERP), responsável pela propaganda oficial, durante o governo Médici: “Não era um trabalho de comunicação social, e eu paguei o preço (...). Juram que a mensagem foi minha! No meu canhenho fúnebre vai constar: coronel Octávio Costa, ex-assessor de relações públicas etc., que escreveu o ‘Brasil: ame-o ou deixe-o’, morreu, esse miserável morreu”.²¹² O slogan, como deixa entrever a declaração de Costa, na verdade atrapalhava os objetivos e o planejamento da AERP.

Estabelecida em janeiro de 1968, a agência de propaganda oficial surgiu depois de um intenso debate, dentro do governo, sobre a necessidade de disseminar uma imagem positiva do regime militar. O ano da criação da AERP foi também o ano em que se intensificaram manifestações contra a ditadura, razão pela qual muitos dos integrantes da agência vinculam sua criação à necessidade do governo de enfrentar a contestação.

Uma parte dos militares, no entanto, julgava desnecessário criar uma agência para demonstrar a “verdade”, porque, na opinião deles, a “verdade” se imporia por si mesma. Além disso, esse militares viam a propaganda política como uma temeridade, porque seria interpretada como coisa de regime fascista -- e, afinal, os golpistas de 1964 se julgavam democratas. Outra parte do governo, no entanto,

²¹¹ *Veja*, 1.jul.1970, p. 30.

²¹² FICO, Carlos. *Reinventando o Otimismo: Ditadura, Propaganda e Imaginação Social no Brasil*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1997, p. 101.

considerava importante estimular valores vinculados ao civismo, valores positivos, que congregassem o país em torno de seus objetivos maiores, isto é, o desenvolvimento e a transformação do Brasil em potência mundial. Como demonstra Carlos Fico, em seu importante estudo sobre a AERP, o segundo grupo venceu o debate, mas mesmo assim a agência nasceu de forma “envergonhada”, jamais assumindo a sua condição de agência de propaganda política -- não é por outra razão que o trabalho da AERP é de “relações públicas”.

Em sua fase mais produtiva e importante, a AERP criou um modelo de publicidade oficial que marcou a trajetória da propaganda brasileira. Como já foi dito neste trabalho, a agência não inventou um governo que não existia, porque era impossível negar a repressão e o arbítrio do regime militar. Por outro lado, era possível estimular um sentimento de união nacional, de patriotismo, de confiança no futuro e no governo, a partir de campanhas centradas em questões comuns, como higiene, e em valores morais e cívicos. O objetivo era “desanuviar o ambiente de radicalização”.²¹³ Um slogan do tipo “Brasil: ame-o ou deixe-o”, em que claramente se impõe uma escolha, um enfrentamento, não contribuía em nada para os objetivos da AERP; logo, a “impressão” de que o slogan ajudou o governo militar é, no mínimo, questionável. O surgimento de iniciativas como essa mostra que, muitas vezes, o ufanismo saía do controle oficial e assumia uma identidade própria, desvinculada, em sua origem, de uma ação direta dos militares no poder.

²¹³ FICO, Carlos. Op. cit., p. 93.

5. A reação dos torcedores

5.1 O efeito da televisão

O ufanismo e a reação incontida de quase todo o país em relação à Copa foram resultado direto de um outro elemento crucial no processo: a televisão. Pela primeira vez, os brasileiros puderam ver a principal disputa do futebol mundial ao vivo -- e isso muda tudo. Fernando Pedreira, em artigo para *O Estado de S. Paulo*, resumiu esse impacto:

“Mas o campeonato mundial de futebol de 1970 deve ficar como um marco importante ainda por um outro motivo. A febre futebolística dos brasileiros já é secular. Nenhum outro campeonato anterior, entretanto, terá atingido o que este atingiu em matéria de atenção e participação públicas. E a razão disso é a transmissão ao vivo, via satélite. (...) Não deixa de ser significativo que o Brasil entre assim na era da comunicação eletrônica pelo caminho do futebol. O que esta Copa está nos dando em termos de participação coletiva e de vibração popular é fruto, em boa parte, dos milagres da técnica moderna. O que experimentamos agora é uma espécie de ante-sala do mundo contemporâneo. (...) O que nos dão as transmissões do México é uma dimensão nova da realidade, na escala própria da era eletrônica. Os fatos podem ser os mesmos, mas a consciência que temos deles é outra e outra é a reação coletiva. Jogamos cada um dos jogos no México à medida que vão sendo disputados. Somos milhões de participantes-testemunhas diante de acontecimentos que antes

chegavam apenas como notícias".²¹⁴

Além da ampliação do drama do futebol pela via da TV, a transmissão reforçou o caráter "nacional" do país em construção pelo regime: 16 Estados da Federação, além do Distrito Federal, receberam as imagens da Copa, contribuindo para a sensação de unidade que a ditadura pretendia. Ao testemunhar um jogo da seleção pela TV, o torcedor de São Paulo sabia que, naquele exato momento, outro torcedor como ele fazia o mesmo no Rio Grande do Norte. Era como se todos os brasileiros estivessem no estádio. Esse "sentido de proximidade" é próprio do futebol, conforme salienta o pensador francês Alain Touraine, ao dizer que, "na sociedade capitalista contemporânea, que acelera a produção de um sistema, gerando isolamento e desenraizamento, o futebol produz relações de proximidade e identificação entre pessoas que, em muitos casos, encontram-se espalhadas pelo mundo".²¹⁵ Com a televisão, esse potencial é elevado praticamente ao infinito e, levando-se em conta o fato de que a transmissão ao vivo era uma novidade tecnológica excitante, é praticamente impossível dimensionar a explosão de sentimentos que a Copa de 1970 pela TV proporcionou aos brasileiros.

O total de aparelhos de TV no Brasil cresceu de forma exponencial, como resultado da fatura de crédito ao consumidor: em 1960, apenas 9,5% das residências urbanas dispunham de TV; o percentual foi para 40% em 1970. O Ibope esperava uma audiência de 1.290.770 aparelhos ligados na Grande São Paulo, com cinco pessoas por aparelho, na estréia do Brasil na Copa. Isso daria algo em torno de 6,5 milhões de telespectadores, numa população estimada em 8,1 milhões de pessoas, segundo dados do Censo do IBGE. A amplitude dessa proporção mostra o poder que a televisão teve, como fator de união, em meio à mobilização pelo futebol.

A transmissão ao vivo, naquela oportunidade, ainda carecia de tecnologia que assegurasse desempenho e lucros às empresas brasileiras envolvidas. Cerca de um mês antes da abertura da Copa, ainda discutia-se se seria possível transmitir treinos e outras atividades da seleção diretamente de Guadalajara, primeira sede do

²¹⁴ *O Estado de s. Paulo*, 21.jun.1970, p. 4.

²¹⁵ TOURAINE, Alain. "Esporte cria relações de proximidade". In: *Folha de S. Paulo*, 21.jun.1998, p. 4-8, 4-9.

Brasil. Apenas o jogo de estréia, contra a Tchecoslováquia, estava com transmissão garantida àquela altura. Além disso, não havia receptores de TV apropriados para o sistema PAL-M, que permitiria ver a Copa a cores -- Médici era um dos poucos a ter um aparelho desse tipo, no Planalto, e mesmo assim só a partir do jogo contra a Romênia, terceira partida do Brasil, em 10 de junho. Essa deficiência só seria superada dois anos depois. Mesmo assim, a novidade da transmissão de futebol ao vivo foi devidamente explorada no campo político bem antes do pontapé inicial da Copa. Portugal e Itália se enfrentaram em amistoso em Lisboa, em 1970, e esse evento protagonizou a “primeira transmissão ao vivo de um jogo feito na Europa” para São Paulo, segundo a propaganda das emissoras Record e Bandeirantes, como uma “homenagem da Prefeitura de São Paulo aos esportistas e às coletividades portuguesa e italiana”.²¹⁶

As emissoras brasileiras pagaram os direitos de imagem ao Telessistema Mexicano e pagaram também pelo uso do satélite, de modo que cada jogo custou cerca de 48 mil reais, em valores atualizados. O valor era alto, e apenas as Emissoras Associadas (dos Diários Associados, de Assis Chateaubriand) e a Rede Globo haviam se apresentado para a transmissão. Apesar de cada emissora ter sua própria equipe de locutores e comentaristas, elas levariam ao ar uma única imagem, de modo simultâneo, em sistema de “pool”, o que, embora fosse resultado de limitação técnica, certamente facilitaria o controle sobre o que aparecia no vídeo, evitando possíveis “excessos”. Mas o principal era, como já foi dito, a sensação de unidade nacional propiciada pelo evento: “Segundo representantes da Embratel, a transmissão da Copa não trará grandes lucros à companhia, mas o trabalho é feito para que ‘todos os brasileiros possam assistir aos jogos da seleção’”.²¹⁷

É difícil dimensionar o potencial mobilizador das imagens épicas da seleção nesse contexto, mas é lícito imaginar que seu alcance supere com folga o campo esportivo e atinja em cheio o campo político e social. Para alguns analistas, o poder do futebol e o da TV, somados, dispensam a manipulação deliberada do evento

²¹⁶ *O Estado de S. Paulo*, 10.mai.1970, p. 46. A Itália venceu por 2 a 1.

²¹⁷ *O Estado de S. Paulo*, 3.mai.1970, p. 46.

com objetivos político-ideológicos: a catalisação da massa se dá de forma, digamos, inercial. Para outros, no entanto, a ação de um manipulador amplificaria esses poderes para muito além do júbilo pela vitória, criando na população o sentido do dever, do sacrifício pela nação. A propaganda oficial da AERP explorou isso. Numa peça veiculada pela TV em março de 1970, que mostrava um gol de Tostão pela seleção brasileira, dizia-se que o futebol e a vida se equivaliam: “O sucesso de todos depende da participação de cada um”.²¹⁸ Como argumenta o cientista político Oliveiros Ferreira, ao comentar as imagens do primeiro gol de Ronaldo contra a Alemanha na final da Copa de 2002, vencida pelo Brasil:

“Outros fossem os tempos, e tivéssemos em outras plagas, haveria quem soubesse transformar o primeiro gol de Ronaldo contra a Alemanha num símbolo político capaz de arrastar multidões. (...) É dos conhecimentos da propaganda política que necessitamos para compreender o simbolismo daquele gol e de como se poderia, outros fossem os tempos, por meio dele mobilizar massas para as grandes tarefas de construção da Pátria Grande. (...) Todos se recordam de como foi o gol: o goleiro alemão (até então invencível) não conseguiu encaixar a bola, caiu e se arrastou pelo chão tentando empalmá-la, evitando o inevitável. Foi uma cena impressionante pelo que simbolizou: o adversário caído, arrastando-se na grama, enquanto, de perto, mas correndo, vinha Ronaldo, que chutou a bola como se o chute fosse um tiro de misericórdia. Porque foi isso o que a cena simbolizou: alguém sendo fuzilado sem apelação. (...) Dêem esta cena a um gênio do mal em propaganda como Goebbels ou a qualquer cidadão nosso, bem interessado em levantar esta Pátria. Dêem esta cena -- um gol feito numa partida decisiva -- a um país faminto de feitos que o façam lembrar, para não

²¹⁸ FICO, Carlos. Op. cit., p. 103.

permitir que se repitam, quantas oportunidades foram perdidas na sua história, oportunidades que lhe teriam permitido superar o que Néelson Rodrigues, pelo que ouvi, dizia ser 'complexo de vira-lata' (...). Dêem-lhes esses elementos tão simples como o simbolismo de um gol e saberão transformá-los em símbolo de grandeza ou, como diria Luiz Alberto Sánchez, no símbolo do nosso 'esmagado orgulho crioulo, a afirmação de nossa autonomia política e espiritual, em suma, o mais puro de nossa beligerância'. Ou não seria esse símbolo suficiente para mostrar como os subdesenvolvidos são capazes de humilhar, liquidar as pretensões dos do Primeiro Mundo? Não seria ele capaz de motivar o povo a sacrifícios, marchando para a grandeza que pode alcançar mirando-se no exemplo dos bravos, não apenas de Ronaldo, que tiveram suas energias dirigidas para um objetivo definido, para todos eles emocionalmente mais importante que qualquer coisa, inclusive sua própria projeção pessoal, e que os levou, todos, a superar suas diferenças e dificuldades e conquistar o respeito dos adversários?".²¹⁹

Em editorial, *O Estado de S. Paulo* captou a essência dessa oportunidade para um governo que tinha entre seus principais objetivos o desenvolvimento acelerado, a inserção do Brasil no clube das potências mundiais e a formação de uma identidade nacional coerente com seus projetos.

O jornal elogia a ciência, que propiciou a maravilha da transmissão ao vivo e, com isso, segundo sua visão, eliminou privilégios: "A transmissão da Copa do Mundo pela televisão, via Intelsat, graças à colaboração da Embratel, torna o mundo mais próximo e nos aproxima mais do mundo. Ricos e pobres poderão

²¹⁹ FERREIRA, Oliveiros S. "Que nos falem as chuteiras!". In: *O Estado de S. Paulo*, 2.jul.2002, p. A2.

acompanhá-la, torcendo pelo selecionado nacional, mesmo em praça pública".²²⁰

²²⁰ *O Estado de S. Paulo*, 2.jun.1970, p. 3.

5.2 A mobilização nacional

Ao final de cada jogo da campanha na Copa do México, ainda sob o impacto das vitórias brasileiras, a TV tocava a marcha “Pra Frente, Brasil”:

*Noventa milhões em ação,
Pra frente, Brasil,
Do meu coração...
Todos juntos vamos,
Pra frente, Brasil,
Salve a seleção!
De repente é aquela
Corrente pra frente,
Parece que todo o Brasil deu a mão...
Todos ligados na mesma emoção...
Tudo é um só coração!
Todos juntos vamos,
Pra frente Brasil!
Brasil!
Salve a seleção!*

O hino resumia tão bem o projeto do governo que até hoje há quem pense que o co-autor da marcha tenha sido o próprio Médici. Na verdade, Médici foi, no máximo, um contribuinte indireto: o autor da letra, Miguel Gustavo, na época um

famoso compositor de jingles publicitários e de sambas, usou uma frase do presidente que teria sido dita nas tribunas do Maracanã durante um jogo do Brasil.²²¹ A música foi a vencedora de um concurso promovido pelos patrocinadores das transmissões da Copa. No entanto, a exemplo do slogan “Amo-o ou deixe-o”, “Pra Frente Brasil” é até hoje visto como um hino feito por encomenda da ditadura -- outra lenda que resistiu ao tempo. Afinal, tudo o que interessava ao regime estava lá: a idéia de unidade nacional (“todos juntos vamos”), o fim das divergências com vista a um objetivo comum (“parece que todo o Brasil deu a mão”), a paixão pelo país e pelo brasileiro que o representava (“tudo é um só coração”) e a ordem de avançar, de um movimento “pra frente”, numa só “corrente”.

De maneira semelhante, não surpreende que a música “Eu Te Amo Meu Brasil”, de Don e Ravel, composta exatamente em 1970, seja considerada até hoje como coisa encomendada pelo regime militar, tamanha a sua identidade com os propósitos do governo. Anos mais tarde, Ravel (Eduardo Gomes de Faria) negou a encomenda: disse que ele e o irmão Don (Eustáquio Gomes de Faria) fizeram a música inspirados pela conquista do tricampeonato, embora os militares os tenham pressionado a fazer shows por todo o país.²²² Diz a letra:

As praias do Brasil ensolaradas

O chão onde o país se elevou

²²¹ VOGEL, Arno. “O momento feliz. Reflexões sobre o futebol e o ethos nacional”. In: DAMATTA, Roberto (et. al.). *Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982, p. 110.

²²² *IstoÉ*, “Direita, volver! - Ravel, da dupla ufanista Dom & Ravel, conta que, na verdade, foi vítima do regime militar”, 6.jun.2001.

A mão de Deus abençoou
Mulher que nasce aqui tem muito mais amor
O céu do meu Brasil tem mais estrelas
O sol do meu país, mais esplendor
A mão de Deus abençoou
Em terras brasileiras vou cantar amor
Eu te amo, meu Brasil, eu te amo!
Meu coração é verde, amarelo, branco, azul anil
Eu te amo, meu Brasil, eu te amo!
Ninguém segura a juventude do Brasil
As tardes do Brasil são mais douradas
Mulatas brotam cheias de calor
A mão de Deus abençoou
Eu vou ficar aqui, porque existe amor
No Carnaval os gringos querem vê-las
No colossal desfile multicolor
A mão de Deus abençoou
Em terras brasileiras vou plantar amor
Adoro meu Brasil de madrugada
Nas horas em que estou com meu amor
A mão de Deus abençoou
A minha amada vai comigo aonde eu for
As noites do Brasil têm mais beleza
A hora chora de tristeza e dor

Porque a natureza sopra

E ela vai-se embora, enquanto eu planto amor

Sem nenhuma sutileza, Don e Ravel interpretaram o clima vigente no ano da Copa do Mundo exatamente como queria o governo: por meio da distorção ufanista da realidade, sua música visava estimular um sentimento de “brasilidade” no país, o que casou perfeitamente com os objetivos dos militares. Além de cantar as maravilhas naturais do país, a música sugere que patriotas são os que ficam, enquanto os que deixam o país e se exilam em outro são traidores. Não é por outra razão que o então governador de São Paulo, Abreu Sodré, sugeriu a Médici que “Eu Te Amo Meu Brasil” fosse elevado à categoria de Hino Nacional.

Resta saber, no entanto, se todo esse processo teve os resultados esperados por aqueles que se julgavam no comando dos cordéis. As manifestações de júbilo pela conquista do tricampeonato e as expressões de sentimento positivo em relação ao Brasil podem não ter o significado que imediatamente transmitem, isto é, uma espécie de chancela alienada da população em relação ao regime de exceção. Pelo contrário: é plausível supor que o brasileiro comum daquela época tenha conseguido elaborar estratégias de poder para defender seus interesses mesmo em meio a um regime autoritário ou diante das impossibilidades formais de afirmação social, hipótese que permite qualificar como “janela de oportunidade” as festas de rua pelas vitórias na Copa, que em princípio contrariavam as rígidas regras que o regime impusera às concentrações públicas.

As comemorações eram carregadas de palavrões contra “todos os países contra os quais o Brasil jogou, vários jogadores famosos e até a rainha da Inglaterra

(...)”, publicou a revista *Veja*.²²³ *O Estado* constatou o mesmo, não sem surpresa: “E foi o Carnaval dos palavrões: paródias de músicas ou estribilhos -- até mesmo de músicas sacras -- foram aproveitadas para insultos, não escapando nenhum dos times que o Brasil enfrentou na Copa. (...) As letras que se cantavam atingiam desde a família da rainha da Inglaterra até os parentes mais remotos do último reserva da seleção italiana”.²²⁴ A *Veja* destacou que, “em Belo Horizonte, por exemplo, a vitória definitiva do Brasil no domingo [contra a Itália] desencadeou uma verdadeira explosão com características de desrecalques”. A revista arriscou-se a dizer que se tratava de uma manifestação de desabafo, “um protesto inconseqüente, mas ao qual a classe média adere porque é o máximo que lhe é permitido”.²²⁵

Havia alegria pela conquista, havia orgulho pela bandeira e havia autêntica satisfação por causa do desempenho da seleção. Muito antes da vitória final contra a Itália, os torcedores brasileiros já haviam transformado em Carnaval cada gol da seleção. O triunfo do Brasil em seu terceiro jogo, sobre a Romênia (3 a 2), por exemplo, alterou até mesmo a tradicional sisudez de uma cidade como São Paulo, conforme a tocante descrição de Clóvis Rossi para *O Estado de S. Paulo*, num texto intitulado “Nas ruas, um paulistano mudado”:

“Balões verde-e-amarelos sobem todos ao mesmo tempo. Famílias saem da frente dos seus aparelhos de TV e vão abraçar os vizinhos. Milhares de carros por toda a cidade correm pelas ruas, fecham o trânsito. Escolas de samba voltam às ruas, o ritmo é crescente. Sinais de trânsito transformados em faróis coloridos, na batida do samba. Estoques de bebidas no fim, farmácias vendem talco como nunca, volta das bermudas em pleno inverno, rojões, todo

²²³ *Veja*, 1.jul.1970, p. 26.

²²⁴ *O Estado de S. Paulo*, 23.jul.1970, p. 29.

²²⁵ *Veja*, 1.jul.1970, p. 26.

mundo cantando. 20h45. O jogo acaba. A festa começa na cidade".²²⁶

Mas também havia a necessidade de expressar-se fora da tutela do Estado. As ruas emitiam sinais sutis dessa urgência, aliada à felicidade pelas vitórias. Na véspera da final contra a Itália, os estoques de tecidos nas cores verde e amarela se esgotaram nas lojas de São Paulo. E a venda de bebidas alcoólicas "bateu todos os recordes".²²⁷ Isto é, não bastava comemorar, era preciso ir além. O resultado disso muitas vezes era a violência, sob o olhar deliberadamente passivo dos agentes de segurança do Estado. Nem tudo era festa. Houve incidentes em várias capitais. Em São Paulo, na comemoração pela vitória sobre a Romênia, os torcedores viraram um carro da polícia. No Rio, no mesmo dia, jovens tentaram interromper o trânsito. "Em outros pontos do Rio", relata *O Estado de S. Paulo*, "agentes do DOPS [Delegacia da Ordem Política e Social], guardas de trânsito e choques da Polícia Militar acompanhavam de perto os cortejos, para evitar excessos".²²⁸

A presença muitas vezes ostensiva de agentes do DOPS e de soldados da PM pode significar que as comemorações afinal não eram tão livres assim. Mas, segundo a estratégia traçada pelo governo para vincular a festa pelo tricampeonato à sensação de unidade nacional e de orgulho pelo projeto dos militares, a ordem dada por Médici e às demais autoridades aos agentes de segurança era acompanhar os festejos sem que houvesse repressão. Em Minas, o coronel José Guilherme Ferreira, presidente da Federação Mineira de Futebol, pediu que a polícia tivesse "a melhor boa vontade" com os torcedores, "pois a euforia é justificada e inclusive os excessos devem ser tolerados".²²⁹ Na recepção dos torcedores à seleção campeã do mundo em Brasília, conforme relato de *O Estado de S. Paulo*, o tumulto não foi controlado com violência porque isso contrariaria instruções dadas diretamente pelo presidente:

"O avião [da seleção] chega, e Brasília começa a assistir a uma festa como nunca vira: ninguém segura ninguém, chegam reforços, mas os soldados agora limitam-se a sorrir,

²²⁶ *O Estado de S. Paulo*, 11.jun.1970, p. 36.

²²⁷ *Idem*, 21.jun.1970, capa.

²²⁸ *Idem*, 11.jun.1970, p. 37.

²²⁹ *O Estado de S. Paulo*, 24.jul.1970, p. 31.

porque não podem fazer mais nada. A multidão já soma 150 mil pessoas, 150 mil bocas a gritar Brasil, Brasil, Brasil (...). E vêm mais reforços do Exército, começa uma batalha ombro a ombro, porque é proibido usar cassetetes ou qualquer tipo de arma. A ordem é expressa, do presidente: nada de violência. Isto é uma festa".²³⁰

A *Folha de S. Paulo*, talvez involuntariamente, deu a dimensão do que aquelas expressões de festa significavam para uma população que estava desde 1964 sob regime de exceção: "Há mais de seis anos não se via uma concentração popular tão grande como a de ontem no Anhangabaú".²³¹ No Rio, houve "a maior loucura coletiva de todos os tempos", numa espécie de "pacto monumental", segundo a definição de *O Estado de São Paulo*, que reportou: "1 milhão de pessoas nas ruas desde as primeiras horas da tarde, sambando, pulando, gritando, cantando -- é o Rio de Janeiro de ontem, antes, durante e depois da chegada dos tricampeões do mundo. (...) Gente que chorava, gente que tirava a roupa (...)".²³² A mesma *Folha* constatou: "Uma loucura. Sem lei e sem documento, o carioca vibrou como sempre quis, sem qualquer repressão legal...".²³³

Ou seja: Médici permitiu as manifestações populares de apoio à seleção porque elas oxigenavam seu projeto de legitimação do regime, o que era quase uma obsessão da ditadura, conforme Gaspari, que reproduz um significativo desabafo de Ernesto Geisel: "Bom era no tempo dos reis. O problema da legitimação era simples. Depois inventaram esse negócio de povo. O povo. Quem é o povo? Resultado: de Deus passou para o povo, e agora para o sabre, um sabre

²³⁰ Idem, 24.jul.1970, p. 16.

²³¹ *Folha de S. Paulo*, 25.jun.1970, p. 19.

²³² *O Estado de S. Paulo*, 24.jul.1970, p. 17.

²³³ *Folha de S. Paulo*, 22.jun.1970, p. 5.

enferrujado”.²³⁴

Em meio às comemorações, portanto, o governo não perdeu tempo e tratou rapidamente de inscrever no clima de júbilo a marca de unidade em torno do projeto defendido pelo regime militar. Nenhuma chance era desperdiçada. Durante os festejos em Brasília, quando a seleção campeã foi recebida por lá, um helicóptero despejou sobre a multidão de torcedores papezinhos amarelos com os seguintes dizeres: “Somente com a nossa união, somente com a ordem, com a soma da vontade de todos, com a soma da energia de todos, com trabalho, serenidade, coragem, inteligência, determinação e patriotismo, com a participação de todos os brasileiros haveremos de fazer a década que se inicia, sob o signo da Taça de Ouro, a década de ouro do Brasil”.²³⁵ A linguagem empolada não prejudica a mensagem, isto é, a de que os brasileiros, agora irmanados pela vitória no esporte mais popular do mundo, seriam capazes de cumprir as demais tarefas na construção do país idealizado pelos militares, um país de “união” e “ordem” cujo horizonte era a “década de ouro” do desenvolvimento, dentro de um projeto de poder de longuíssimo prazo.

Mas uma parte importante da sociedade brasileira parecia estar interessada em ir mais além do desenvolvimento econômico e também aproveitou o momento para se manifestar nesse sentido. À incontinência da festa nas ruas somaram-se apelos por mudanças no regime de exceção. No editorial que comentou o tricampeonato mundial, *O Estado* sugeriu que o Brasil, diferentemente do que

²³⁴ GASPARI, Elio. *A Ditadura Derrotada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 233. “Sabre enferrujado” é a crítica de Geisel ao modo como o Exército se comportava no poder e aos rumos da “revolução” de 1964, que ele trataria de mudar.

²³⁵ *O Estado de S. Paulo*, 24.jun.1970, p. 16.

parece acreditar o governo militar, não quer ser apenas o país que vai “pra frente”, mas que também está pronto para discutir e administrar a abertura democrática.²³⁶

A sutileza da reivindicação pela democracia é deixada de lado no pé de um texto sobre a influência da vitória da seleção na vida política nacional, intitulado “Primeiras reflexões”, no mesmo *O Estado de S. Paulo*: “(...) A vitória no esporte, promovendo um instante de conagração e um profundo sentimento de orgulho pela nossa afirmação como povo, contribuirá para desanuviar o clima de tensão e oferecerá ao governo os estímulos e a oportunidade para começar a promover as tão prometidas aberturas democráticas”. Para o jornal, não há problema moral em o governo fazer uso político do triunfo, uma vez que “há muita gente querendo faturar prestígio e popularidade à custa dos gols de Pelé e Jairzinho”. E ataca:

*“Essa demonstração de capacidade, de amadurecimento e também de talento [feita pela seleção no México] justifica e obriga a uma revisão dos conceitos que estão influenciando na orientação do governo e nas fórmulas medíocres que vêm sendo ensaiadas para resolver os nossos problemas políticos. Parece irrecusável a orgulhosa conclusão de que um povo que é capaz de uma afirmação universal no verdadeiro esporte do mundo já não pode ser internamente apontado como incapaz de praticar a democracia e de viver sob um regime de efetivo respeito às liberdades individuais”.*²³⁷

Ainda em *O Estado*, o articulista Fernando Pedreira também sugeriu que o momento era ideal para discutir a redemocratização do país: “Mas a Copa do

²³⁶ Idem, 23.jun.1970, p. 6.

²³⁷ *O Estado de S. Paulo*, 23.jul.1970, p. 3.

Mundo deixou-nos com água na boca. À espera do tempo em que os problemas reais da nação brasileira, como a seca do Nordeste, por exemplo, ou as grandes questões políticas, possam ser submetidas ao livre debate, à pressão das paixões populares, ao alto grau de participação coletiva que é hoje, entre nós, um privilégio do futebol".²³⁸

A esperança, em meio à ditadura, era que a vida nacional pudesse ser tão simples quanto o futebol, e que o caráter democrático desse esporte fosse o modelo para a resolução dos impasses do país. Como a história mostra, porém, a coisa não funcionou desse jeito. Mas a culpa não é do futebol.

²³⁸ Idem, 21.jun.1970, p. 4.

6. Conclusão

A idéia segundo a qual a Copa de 70 foi o auge da alienação do país é um dos maiores mitos que se criaram a respeito do período, tão grande quanto as façanhas épicas da seleção canarinho. Trata-se de um equívoco em várias frentes, mas com um único objetivo: desmerecer o futebol como manifestação popular autêntica.

A primeira delas é a frente política. De fato, na época da Copa de 1970, o Brasil vivia o período mais duro de sua feroz ditadura, e é claro que, com a imprensa sob censura e com um clima de terror institucional disseminado pelo território nacional, toda a documentação produzida na ocasião está irremediavelmente contaminada pelo regime de exceção. É tentador e fácil, portanto, concluir que o clima de festa que se estabeleceu no país em razão das vitórias da seleção brasileira no México foi uma invenção articulada para servir aos inconfessáveis propósitos da ditadura. Uma pesquisa mais detida e menos sujeita à retórica que a esquerda perpetuou sobre a Copa de 70 mostra, no entanto, uma situação bastante mais complexa.

Em primeiro lugar, o futebol no Brasil é claramente tratado como algo secundário. Há uma ainda incipiente preocupação com os fatores sociais desse esporte de massa, o que reflete uma atitude elitista diante de uma manifestação de caráter popular, que sobrevive aos controles capitalistas como paixão. Como diz DaMatta, guerra e trabalho são coisas sérias; futebol e Carnaval são “passatempos”; logo, estudar o futebol é lidar com algo sem importância acadêmica. Nada mais

equivocado.

Como vimos, o futebol é o ambiente da realização dos dilemas nacionais. Nem todos os livros de sociologia conseguiriam explicar a magia desse jogo e seu alcance como espelho do Brasil e de sua sociedade. O que busquei fazer foi uma aproximação, uma tentativa de desvencilhar o estudo do futebol dos preconceitos acadêmicos geralmente associados a ele. O resultado certamente não é satisfatório, pois há muito ainda a ser investigado.

No caso específico da Copa de 1970 e de sua relação com o governo Médici, há muitas falsas imagens construídas em torno daquele período, talvez exatamente pelo fato de que o governo Médici pertença a um período de grandes antagonismos, razão pela qual muitos preferem fiar-se em suposições e impressões a respeitar os fatos documentados.

E os fatos documentados mostram que a seleção brasileira campeã no México foi, sim, objeto de imensa preocupação do governo Médici, mas que este, por mais que quisesse ou tentasse, jamais o controlou do modo como um certo pensamento de esquerda quer fazer notar desde então. Médici não derrubou João Saldanha do cargo de técnico da seleção brasileira; Médici não fingia ser torcedor de futebol com o objetivo de enganar os brasileiros e angariar popularidade; o ufanismo que cercou a conquista brasileira não foi uma invenção de Médici. Tudo antes pelo contrário: João Saldanha caiu porque brigou com muita gente, dentro e fora da seleção, e entre seus desafetos estava o maior jogador de futebol de todos os tempos, o intocável Pelé; Médici era de fato torcedor autêntico de futebol, conhecia muito bem o esporte e acompanhava os jogos com interesse real; e, finalmente, o

clima de ufanismo que varreu o país naquela ocasião resultou de uma combinação de fatores muito menos superficial e tola do que a retórica da alienação pura e simples quer fazer ver. E a maioria desses fatores pouco tinha a ver com as iniciativas do governo na área da propaganda: eram o resultado de uma época de grande confiança no Brasil, a despeito da ausência de liberdades individuais e da guerra suja do governo militar; eram a consolidação do clima de afirmação da nacionalidade brasileira, ainda que esse conceito carregue imensa carga negativa e implique em juízos nem sempre escorados na história; eram, enfim, o resultado do confronto da Guerra Fria, em que a opção pela neutralidade podia significar traição à pátria -- as comemorações nacionalistas dos torcedores nas ruas, muitas vezes violentas e hostis contra aqueles que supostamente não festejavam, são uma das provas desse enfrentamento.

Sobre as costas da seleção brasileira de 1970, enfim, pesa o fardo de ter servido de veículo para a afirmação da ditadura, um fardo injusto, atirado por gente que não gosta de futebol a priori e que não consegue enxergar nesse esporte a autonomia de uma expressão social verdadeira dos brasileiros.

7. Bibliografia

ALABARCES, Pablo. *Peligro de Gol - Estudios sobre Deporte e Sociedad en America Latina*. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (Clacso), 2000.

ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado*. Lisboa: Editorial Presença, 1970.

ALVES, Ronaldo Sávio Paes. *Legitimação, Publicidade e Dominação Ideológica no Governo Médici (1969/1974)*. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade Federal Fluminense. Niterói. 2001.

AGOSTINO, Gilberto. *Vencer ou Morrer - Futebol, Geopolítica e Identidade Nacional*. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

ANTUNES, Fátima M. R. F. *Com Brasileiro Não Há Quem Possa!* São Paulo: Editora Unesp, 2004.

AQUINO, Rubim Santos Leão. *Futebol - Uma Paixão Nacional*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

ARBENA, Joseph. *Sport and Society in Latin America*. Connecticut: Greenwood Press, 1998.

ARENDT, Hanna. *Origens do Totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

BOLLE, Willi (org.). "Estética do Futebol: Brasil x Alemanha". In: *Pandemonium Germanicum - Revista de Estudos Germânicos*. Número 2. São Paulo: Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências

Humanas da Universidade de São Paulo – Área de Alemão, 1998.

CAPARELLI, Sergio. *Televisão e Capitalismo no Brasil*. Porto Alegre: L&PM, 1982.

CAPELATO, Maria H. R. *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1994.

CARRANO, Paulo Cesar R. (org.). *Futebol: Paixão e Política*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

CHAUÍ, Marilena. *Brasil – Mito Fundador e Sociedade Autoritária*. São Paulo: Perseu Abramo, 2000.

COSTA, Márcia Regina (et. al.) *Futebol: Espetáculo do Século*. São Paulo: Musa, 1999.

COUTO, Ronaldo Costa. *História Indiscreta da Ditadura e da Abertura*. São Paulo: Record, 1999.

DAMATTA, Roberto. “Antropologia do Óbvio – Notas em torno do significado social do futebol brasileiro”. In: *Revista da USP – Dossiê Futebol*. Número 22, junho/julho/agosto de 1994.

_____. *Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

DAOLIO, Jocimar (org.) *Futebol, Cultura e Sociedade*. Campinas: Autores Associados, 2005.

DEL VECCHIO, Angelo. “Política e potência no regime militar brasileiro”. In: *Projeto História - Cultura e Poder: o Golpe de 64, 40 Anos Depois*. Número 29. São Paulo: Programa de Estudos Pós-Graduados em História e Departamento de

História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Págs. 169-196. Dezembro de 2004.

DROSDOFF, Daniel. *Linha Dura no Brasil: o Governo Médici*. São Paulo: Global, 1986.

DUARTE, Orlando. *Todas as Copas do Mundo*. São Paulo: Makron Books, 1998.

DURKHEIM, Emile. *Da Divisão do Trabalho Social*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ELIAS, Norbert. DUNNING, Eric. *Deporte e Ocio en el Proceso de la Civilización*. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1992

FICO, Carlos. *Reinventando o Otimismo: Ditadura, Propaganda e Imaginação Social no Brasil*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1997.

FILHO, Mário. *O Negro no Futebol Brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 1994.

FLORENZANO, José Paulo. *A Rebelião no Futebol Brasileiro*. Dissertação de doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Ciências Sociais, 1997.

FOER, Franklin. *Como o Futebol Explica o Mundo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

GARCIA, Nelson Jahr. *Estado Novo – Ideologia e Propaganda Política*. São Paulo: Edições Loyola, 1982.

_____. *O que é Propaganda Ideológica*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. *Sadismo, Sedução e Silêncio: Propaganda e Controle Ideológico no Brasil (1964-1980)*. São Paulo: Loyola, 1990.

GASPARI, Elio. *A Ditadura Escancarada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

- _____. *A Ditadura Envergonhada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002
- GORENDER, Jacob. *Combate nas Trevas*. São Paulo: Ática, 1990.
- HELAL, Ronaldo. *Passes e Impasses - Futebol e Cultura de Massas no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- HOBBSAWM, Eric. *A Era dos Extremos*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1995.
- KLINTOWITZ, Jacob. "A implantação de um modelo alienígena exótico e outras questões pertinentes: a seleção brasileira de futebol - 1978". In: *Encontros com a Civilização Brasileira*. Rio de Janeiro: n° 5, p. 113-118, 1978.
- KONDER, Leandro. *A Questão da Ideologia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- KUCINSKI, Bernardo. *A Primeira Vítima: A Autocensura Durante o Regime Militar*. São Paulo: EDUSP/Imprensa Oficial do Estado/Fapesp, 2002.
- LEVER, Janet. *A Loucura do Futebol*. São Paulo: Record, 1983.
- LEVINE, Robert. "Esporte e sociedade: o caso do futebol brasileiro". In: MEIHY, J. C. S. (org.). *Futebol e cultura – coletânea de estudos*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1982.
- LIMA, Odair de Abreu. *A Tentação do Consenso: o Trabalho da AERP e os Meios de Comunicação como Fontes de Legitimação dos Governos Militares*. Dissertação de Mestrado apresentada à PUC de São Paulo, 1988.
- MARKOVITS, Andrei S. *Offside: Soccer and American Exceptionalism*. Nova Jersey: Princeton University Press, 2001.
- MATOS, Heloiza. *Modos de olhar o discurso autoritário no Brasil*. São Paulo: ECA/USP, 1989. Tese de doutorado.

MÉDICI, Emílio Garrastazu. *A Verdadeira Paz*. Brasília: Secretaria de Imprensa da Presidência da República, 1973.

PRADO, Décio de Almeida. "Tempo (e Espaço) no Futebol". In: *Revista da USP - Dossiê Futebol*. Número 22, junho/julho/agosto de 1994.

RAMOS, Roberto. *Futebol: Ideologia do Poder*. Petrópolis: Vozes, 1984.

SALDANHA, João. *Futebol e Outras Histórias*. São Paulo: Record, 1988.

SANTOS, Joel Rufino dos. "Na CBD, até o papagaio bate continência". *Encontros com a Civilização Brasileira*. Rio de Janeiro, nº 5, p. 119-129, 1978.

SIRKIS, Alfredo. *Os Carbonários*. São Paulo: Global, 1980.

STEPAN, Alfred. *Os Militares na Política*. Rio de Janeiro: Artenova, 1975.

SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Castelo a Tancredo*. 7ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

VIANNA, Maria Lucia Werneck Vianna. "Governo Médici: uma Análise de Conjuntura". In: *Encontros com a Civilização Brasileira*. Rio de Janeiro, nº 7, p. 59-76, 1979.

WAAG, Stephen. *Giving the Game Away - Football, Politics and Culture on Five Continents*. Londres: Leicester University Press, 1995.

Periódicos consultados

Jornais:

O Estado de S. Paulo
Folha de S. Paulo
Movimento
Mundo Jovem (PUC-RS)
Opinião
O Pasquim
Última Hora (São Paulo)
O Povo (Ceará)

Revistas:

Placar
Veja
Realidade
Versus
IstoÉ
Manchete